

George Evergton Sales Souza

**Entre o Religioso e o Político:
Uma História do Círculo Operário
da Bahia**

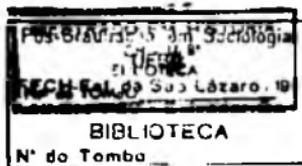
Salvador, agosto de 1996

George Evergton Sales Souza

**Entre o Religioso e o Político:
Uma História do Círculo Operário da
Bahia**

Dissertação apresentada ao curso de Mestrado
em História da Universidade Federal da Bahia
como requisito parcial à obtenção do grau de
Mestre em História.

Orientador: Cândida da Costa e Silva



Salvador, agosto de 1996

*Les gens sont curieux du passé en ses
différences, ils sont non moins curieux du
passé en ses intrigues.*

Paul Veyne
Le quotidien et l'intéressant

Para Kika, Bel e Drica

AGRADECIMENTOS

Foram muitos os problemas e dificuldades com os quais me deparei ao longo do percurso que chega ao fim com a escrita desta dissertação. Contudo, o incentivo e o apoio de vários amigos contribuíram enormemente para que fossem todos eles superados. Estas palavras não são fruto de um gesto de polidez, mas um reconhecimento do meu débito em relação a estas pessoas.

Listar o nome de todas as pessoas que colaboraram com a realização deste trabalho iria ocupar demasiado espaço, todavia gostaria de lembrar o nome de alguns amigos, pedindo antes, é claro, o perdão a tantos outros que não terão seus nomes mencionados.

Agradeço ao meu orientador Cândido da Costa e Silva pela sua boa vontade e disposição em ajudar-me a realizar com êxito este trabalho.

Também devo reconhecer o meu débito com os professores do Departamento e do Mestrado em História, dentre os quais devo destacar os meus amigos João José Reis e Ubiratan C. de Araújo.

Sou grato à professora e amiga Elyana Barbosa que me estimulou a pensar o mundo de modo "diferente".

Os bibliotecários e funcionários das bibliotecas da Graduação e do Mestrado, aos quais recorri várias vezes, foram sempre solícitos e pacientes.

Os atuais diretores e os funcionários do COB estiveram sempre prontos a ajudar-me naquilo que fosse necessário, a boa vontade deles foi fundamental para a realização da pesquisa.

Agradeço ao sr. Jorge Costa e à sra. Dalva Costa pela solicitude e confiança com que conto há já algum tempo.

É preciso dizer que sem a compreensão, o carinho e o apoio de Alessandra o meu caminho teria sido bem mais difícil.

Gostaria de demonstrar toda a minha gratidão aos meus pais, Antonio V. Souza e Itala S. Souza, aos meus irmãos, João e Bruno, por tudo que fizeram e seguem fazendo por mim.

ÍNDICE

Introdução	8
Capítulo I - ANTECEDENTES E PRIMÓRDIOS DO CIRCULISMO NO BRASIL	13
1.1 - O Surgimento dos círculos operários	23
1.2 - Algumas considerações sobre a ação social e política da Igreja brasileira da revolução de 30 ao início do Estado Novo	30
Capítulo II - O MOVIMENTO CIRCULISTA: UMA VISÃO MICROSCÓPICA	37
2.1 - Uma visão da estrutura interna do movimento circulista	37
2.2 - O poder dentro do COB	44
Capítulo III - UMA HISTÓRIA DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA	49
3.1 - As comemorações do cinquentenário da <i>Rerum Novarum</i>	58
3.2 - O COB após as comemorações da <i>Rerum Novarum</i>	63

Capítulo IV - O COB DE 1945 AO FINAL DOS ANOS 50	80
4.1 - Primeiros tempos do pós-guerra: a retomada do desenvolvimento do COB	81
4.2 - O apogeu do COB	86
4.3 - A volta de Frei Hildebrando ao COB	95
Capítulo V - APOGEU E DECLÍNIO: O COB DA DÉCADA DE 50 A INÍCIOS DOS ANOS 60	103
5.1 - A separação entre o COB e a Comunidade Franciscana	108
5.2 - O canto do cisne	113
Observações finais	129
Apêndice: O Circulo Operário da Bahia e o cinema	132
Anexos	138
Fontes	152
Livros, Artigos e demais fontes impressas	153

INTRODUÇÃO

Em meados da década de 1930, em Salvador, uma jovem freira, de estatura pequena, começa a fazer visitas regulares a alguns bairros operários da cidade. Batendo de porta em porta ia entrando nas casas e conversando com os trabalhadores sobre a sua vontade de construir um "movimento operário" que lhes fornecesse uma verdadeira assistência material e religiosa. Após algum tempo, conseguiu juntar um pequeno grupo de trabalhadores que demonstraram interesse em colaborar para a realização daquela empresa.

No centro da cidade, naquela mesma época, um outro reduzido grupo de pessoas começava a reunir-se, sob a direção de um jovem frade alemão, visando o mesmo objetivo. Já sabiam da existência do trabalho de "evangelização operária" que aquela religiosa vinha realizando no longínquo bairro da Massaranduba. Não demorou muito para que os dois grupos marcassem um encontro, no qual iriam discutir a fundação de um "movimento operário".

No dia 10 de janeiro de 1937, após várias reuniões entre aqueles grupos que terminaram por se fundir num único, tinha lugar a solenidade de fundação da União Operária de São Francisco.

*

Poderia ser resumido desta forma o início da história que se pretende contar aqui. Claro que a narrativa acima imprime um caráter demasiado simplificador à realidade histórica. Contudo, neste caso, o que deve reter a atenção do leitor não é o conteúdo do texto em si, mas a sua forma, na qual reside uma questão básica: a de saber que toda história é por natureza narrativa de acontecimentos. As intrigas e explicações de uma história são dela decorrentes. Nesta dissertação não é diferente.

Através da narrativa o historiador faz compreender melhor o objeto que estuda. Não faz reviver o passado, mas contribui para o seu conhecimento. Um "conhecimento mutilado", pois construído sobre a frágil base dos documentos que lhe foram legados - isto é verdade também para uma história de tempos mais recentes como esta que será contada adiante. Neste caso, os documentos, pode-se dizer, são abundantes, mas "não são sempre aqueles que nós gostaríamos, que seria bom que fossem"¹, portanto, nunca há respostas às perguntas que as fontes não permitem ser feitas. Assim, a história termina por se constituir num "saber decepcionante"² para aqueles que esperam encontrar uma maneira de "reconstruir" o passado em sua "totalidade".

Os problemas enfrentados pelos historiadores ultrapassam, em larga escala, a questão da falta - às vezes até mesmo a superabundância - de fontes. Não seria este, é claro, o melhor momento para realizar uma ampla discussão sobre o templo de Clío; contudo, a necessidade de explicar a construção desta *história do Círculo Operário da Bahia*, impele-nos a visitar alguns dos seus recantos.

Há várias maneiras pelas quais se pode contar uma história, não fosse assim o número de livros de história e, provavelmente, de historiadores se veria bastante reduzido. As diferentes abordagens, os diferentes métodos e referenciais teóricos, por vezes uma documentação mais rica ou apenas diversa, em relação a que foi utilizada num outro estudo sobre o mesmo tema, levam à construção de histórias diferentes.

¹H.-I. Marrou, *Do conhecimento histórico*, Martins Fontes, Lisboa, s/d., p. 62.

²A expressão é utilizada por Paul Veyne em *Como se escreve a história*, Ed. 70, Lisboa, 1987, p. 23.

Na presente dissertação busca-se construir uma narrativa na qual o desenvolvimento histórico do COB possa ser bem compreendido. Longe de constituir-se na única narrativa possível sobre o assunto, ela é apenas uma tentativa de tornar inteligível um *acontecimento histórico* chamado movimento circulista, priorizando determinados aspectos. Esta construção do texto implica, todavia, numa definição dos pressupostos teórico-metodológicos que norteiam a pesquisa e circunscrevem a sua área de interesse. Este não é o reino da espontaneidade; tudo está carregado de sentido.

Dito isto, posso fazer algumas afirmações sobre o tratamento dado ao objeto de estudo deste trabalho. O circulismo teve sempre uma natureza ambígua: por um lado, foi um movimento nascido no seio da Igreja Católica brasileira, que demonstrava uma preocupação crescente com a "questão operária"; por outro lado, buscava apresentar-se enquanto um movimento autônomo dos trabalhadores cristãos. No caso específico do COB este problema aparece com as mesmas características, tornando a sua contextualização - no quadro mais geral da ação da Igreja Católica dirigida ao meio operário, bem como do movimento circulista nacional - quase um imperativo para uma melhor compreensão. Porém, se é certo que não convém abrir mão desta contextualização, tampouco pode-se acreditar que ela sozinha forneça respostas e explicações a todos os problemas. Na verdade, será melhor dizer que ela contribuirá para o entendimento da dinâmica do COB, sem, contudo, substituir ou se sobrepor às características específicas do circulismo baiano. Este mesmo procedimento é colocado em prática quando se trata da relação entre o COB e a política. O contexto surge sempre como coadjuvante, isto é, aquele que ajuda a compreender, mas raramente como o elemento chave para a explicação. Esta tem, habitualmente, o seu lugar no estudo da lógica interna do movimento circulista.

É importante ressaltar que o circuilismo é entendido, aqui, como um movimento que desenvolve suas atividades numa zona de interferência entre o religioso e o político. Contudo, em nenhum momento procura-se estabelecer um quadro explicativo no qual tenha lugar formas dicotômicas de análise, do tipo base/superestrutura. Há uma aproximação maior com a idéia de o religioso e o político constituírem campos diferentes, mantendo entre si uma relação de homologia, jamais uma relação interativa ou de determinação de um sobre o outro. Isto implica em dizer que as relações mantidas entre os dois campos são interferências motivadas pela dinâmica particular de cada campo. Ou seja, a Igreja Católica ao lutar pela conservação da ordem no campo religioso contribui para manter a ordem no campo político.³

Vale ressaltar, ainda, mais um ponto deste trabalho. O abandono da perspectiva da construção de uma história "totalizante" deixa traços marcantes ao longo de todo o texto. Não se deve esperar encontrar aqui "explicações causais" que apontem no sentido de um "todo interativo", ao mesmo tempo determinante e determinado. Procura-se adotar uma outra linha explicativa que toma por base a noção de intriga, esta "mistura muito humana e muito pouco 'científica' de causas materiais, de fins e de acasos"⁴. É no tecer da intriga que surgem explicações sobre o desenvolvimento do circuilismo, sobre a sua estagnação etc. Em outras palavras pode ser dito que o importante não é uma busca pelas pretensas causalidades de um determinado acontecimento, mas sim explicitá-lo enquanto parte de uma intriga. Como diz Paul Ricoeur: "*C'est la mise en intrigue qui qualifie l'événement comme historique. Un événement*

³Ver Pierre Bourdieu, *Economia das trocas simbólicas*, São Paulo, Perspectiva, 1987, p. 27-78.

⁴Cf. Paul Veyne, op. cit., p. 46.

*n'est pas seulement ce qui arrive, c'est aussi ce qui peut être raconté*¹.

*

Esta dissertação encontra-se disposta da seguinte maneira: o primeiro capítulo tem como objetivo traçar um perfil "genealógico" do movimento circulista. Toma-se como ponto de partida a publicação da *Rerum Novarum*, em 1891 - que juntamente com a *Quadragesimo Anno* (1931), são as principais diretrizes teóricas do circulismo -, e busca-se perceber os reflexos da preocupação da Igreja brasileira com a "questão social". Este mesmo capítulo ainda trata do surgimento dos círculos operários no Rio Grande do Sul.

No segundo capítulo tenta-se fazer, de modo bastante conciso, uma análise da estrutura interna do movimento circulista e, em particular, do COB, atentando para as suas estruturas de poder.

Os capítulos III, IV e V compõem uma narrativa sobre a história do COB. Procura-se seguir, sempre que possível, uma linha de tempo na qual o leitor possa compreender os vários momentos do desenvolvimento histórico daquela entidade. No bojo desta narrativa são analisadas várias questões, a exemplo da relação do COB com a política, sua convivência com a comunidade franciscana, sua relação com os comunistas - alvo predileto das críticas do movimento -, os problemas e as divergências internas.

¹Cf. Paul Ricoeur, *Temps e récit*, Paris, Seuil, 1983, t. I, p. 245.

CAPÍTULO I

ANTECEDENTES E PRIMÓRDIOS DO CIRCULISMO NO BRASIL

Embora o primeiro círculo operário católico brasileiro tenha surgido em 1932, é necessário recuar no tempo para iniciar esta narrativa. Levando em conta que o seu aparecimento encontra-se estreitamente relacionado com as posições tomadas pela Igreja universal frente aos problemas sociais da humanidade, deve nos ser permitido o alargamento das balizas temporais previamente definidas, ainda que somente neste capítulo.

A primeira vez que a Igreja Católica emitiu de modo contundente opiniões sobre "a questão social" foi no ano de 1891 através da Encíclica *Rerum Novarum*, promulgada pelo papa Leão XIII. Conquanto seja bastante conhecida a importância dessa Encíclica não é possível deixar de apresentar, ao menos sumariamente, algumas das suas características mais relevantes, tendo em vista o seu caráter de diretriz básica não só do circulismo no Brasil, mas praticamente de todos os movimentos católicos com preocupações sociais até inícios da década de 60.

Na *Rerum Novarum* evidenciam-se as principais preocupações da Igreja, naquele momento, com relação à organização social do mundo ocidental. Dirigida sobretudo aos operários, a Encíclica aponta para a necessidade de uma melhor distribuição de renda, pois a situação de miserabilidade em que se encontrava a massa operária constituía-se num perigo constante para o desenvolvimento de conflitos de classes. Na raiz do problema operário, na forma em que era visto pela Igreja, encontrava-se o avanço do comunismo. Não parece ser uma imprudência afirmar que a Igreja estava mais preocupada com o terreno que ia ganhando o comunismo no meio operário do que verdadeiramente com a condição dos operários. Para

perceber isto basta ver que dos trinta e dois tópicos da Encíclica (incluindo aí a introdução) quinze deles fazem referência direta ou indiretamente ao comunismo. Todavia, não há como negar que a Igreja dava com a *Rerum Novarum* um passo em direção à crítica das injustiças sociais promovidas pelo capitalismo. O que é aqui entendido como uma atitude tomada no seio do campo religioso para assegurar a manutenção de sua ordem, ainda que produza uma interferência direta no campo do poder.

Embora a Encíclica esteja recheada de uma vigorosa defesa da propriedade privada, ela mantém-se numa posição de relativa cautela com relação ao sistema capitalista. Faz críticas às desigualdades sociais existentes, mas não toma isto enquanto uma característica inerente ao capitalismo. No que diz respeito ao papel do Estado na sociedade fica clara a idéia de um Estado intervencionista tanto do ponto de vista social quanto do econômico, responsável pela supressão dos conflitos entre patrões e empregados (capital - trabalho), pela salvaguarda moral da população e "defesa dos interesses legítimos dos mais fracos"⁶.

Além das características já salientadas, deve-se observar uma outra que tem relação direta com o objeto central desta dissertação. Trata-se do incentivo às associações operárias católicas. Existem, na Encíclica, quatro tópicos dedicados a esta questão, que é considerada como da maior relevância para a solução dos problemas do operariado. Na visão de Leão XIII aos operários restavam apenas duas opções, a saber, ou filiarem-se "a sociedades de que a religião tem tudo a temer, ou organizarem-se eles próprios", no caso de não aceitarem a prática daquelas sociedades. Dai a importância dada à criação e difusão das associações

⁶Leão XIII, *Rerum Novarum*, apud Frei Antonio De Sanctis, *Encíclicas e documentos sociais*, LTR, São Paulo, 1991, p. 23.

operárias católicas, pois somente elas poderiam, naquele momento, "restabelecer" a paz no mundo operário, através de uma mensagem "responsavelmente" reivindicadora dos direitos dos trabalhadores mas, ao mesmo tempo, conciliadora dos diferentes interesses de classe. É necessário lembrar ainda, que o Estado é conclamado a proteger estas associações católicas, numa clara proposta de aliança entre Igreja e Estado para a manutenção da ordem social vigente. O que foi efetivado em vários países do mundo, inclusive no Brasil, como será visto adiante.

Após esta rápida visão sobre os tópicos da *Rerum Novarum* que tocam mais diretamente no assunto deste estudo, tentar-se-á demonstrar os reflexos daquela Encíclica no Brasil, priorizando os aspectos mais relevantes para o tema aqui tratado.

O contexto socioeconômico brasileiro de fins do século XIX era, sem a menor dúvida, muito diferente daquele vivido na Europa do mesmo período. Além disso, o clima tenso provocado pela separação entre a Igreja e o Estado brasileiro com o advento da República contribuía para dificultar a difusão da mensagem da *Rerum Novarum* no país.⁷ Ainda assim, alguns clérigos, como o Pe. Julio Maria, em São Paulo, chamam a atenção para a relevância da questão social, abrindo caminho para a adoção dos ensinamentos da Encíclica no Brasil. É também nos anos 1890, em Pernambuco, que toma corpo uma tentativa de organizar operários católicos, sob a liderança de Carlos Alberto de Menezes, diretor de uma companhia industrial naquele Estado.⁸ É interessante notar que a iniciativa da organização do "operariado católico", dá-se não por parte dos próprios operários, mas sim pelos clérigos e empresários -

⁷ Ver Oscar F. Lustosa, *A Igreja católica no Brasil República*, São Paulo, Paulinas, 1991, pp. 97-98.

⁸ Id. *Ibid.*, p.102.

característica que marcaria por algumas décadas a organização do operariado católico brasileiro.

Somente no ano de 1900 foi organizado um congresso católico no Brasil no qual se tratou com maior profundidade a questão operária. Realizado entre os dias 3 e 10 de junho aqui na Bahia, este congresso teve o mérito de tornar mais difusa a "questão social" nos meios católicos brasileiros. Como estratégia de ação suas resoluções indicam no sentido de uma postura paternalista tanto da Igreja quanto do patronato em relação aos operários, bem como da difusão de um modelo corporativista que afastasse ao máximo qualquer idéia de luta de classes.¹

Pari passu ao avanço das organizações operárias anarquistas e também socialistas, a Igreja católica vai, ainda que de modo pouco organizado, tentando aumentar sua influência no meio operário através de algumas associações independentes e sem centralização. Embora tenha surgido no Nordeste, nos primeiros anos deste século, sob a direção de Carlos Alberto de Menezes, uma Federação operária cristã que chegou a contar com uma vintena de associações e mais de seis mil associados¹⁰, a descentralização do "movimento" em termos nacionais era marcante. Durante o período que se estende do início do século XX até começos da década de 1920, muitas tentativas foram feitas com o intuito de dotar o "movimento operário católico" de uma melhor organização, o que implicava na hierarquização e centralização com caráter nacional. Nenhuma das

¹Primeiro congresso católico brasileiro promovido pelo Apostolado da Oração, celebrado na Bahia, de 3 a 10 de junho de 1900; Atas e Documentos, São Paulo, Tip. Paupério e Cia., 1900, p. 123.

¹⁰Ver Carlos Alberto de Menezes, *Ação social católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo*, São Paulo, Loyola, 1986. Ver também José Albertino Rodrigues, *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*, São Paulo, Difel, 1968.

tentativas vingou, somente na década de 30 é que se iria conseguir, em boa medida através da força da Ação Católica, bem como da habilidade e empenho do Arcebispo do Rio de Janeiro, Cardeal Dom Sebastião Leme, uma verdadeira organização católica para o operariado com caráter confederativo. Todavia, antes de analisar esse outro momento da história das relações entre a Igreja e o operariado, alguns outros elementos precisam ser analisados.

Todas as associações católicas, surgidas entre as décadas de 1890 e 1940, voltadas para o problema dos operários ou para os problemas sociais seguiram as diretrizes da *Rerum Novarum*. Apesar da diversidade entre o mundo operário europeu e o brasileiro os ensinamentos da Encíclica eram tomados quase que ao pé da letra pelas lideranças católicas brasileiras. Exemplo disto são os estatutos da Federação operária cristã, em Pernambuco, em 1902, o qual assinala como um dos fins da entidade

Restabelecer a paz no mundo do trabalho, pelo respeito dos direitos de todos e pelo estabelecimento das mais cordiais e harmoniosas relações entre patrões e operários.¹¹

Muitos outros exemplos poderiam ser citados, mas não é necessário dispender tanto tempo com isto. Melhor será observar outros fenômenos importantes que contribuíram para o desenvolvimento das organizações operário-católicas no Brasil.

Um fato que pode ser destacado é a Revolução Russa de 1917. Após a Revolução, quando um país concretamente adotava o

¹¹ Estatutos da Federação Operária Cristã, in Carlos A. de Menezes, op. cit., p. 83.

sistema socialista, a Igreja católica começou a ter uma real dimensão do perigo que a "questão social" engendrava. A partir daquele momento o discurso anticomunista se acirrou e a atenção dada ao mundo operário foi dobrada em todo o mundo. É claro que nesta luta a Igreja não se encontrava só, afinal todos os Estados do mundo tinham interesse na manutenção da ordem estabelecida e, ao mesmo tempo, assistiam com extremo temor o desenrolar dos acontecimentos na Rússia.

É certo que o Brasil só viria a ter um Partido Comunista em 1922, o que pode ter exercido alguma influência no fato de a Igreja atrasar-se um pouco com relação a sua inserção mais direta no seio do operariado brasileiro.¹² Mas é também certo que o principal líder da Igreja católica brasileira entre os anos 20 e 40, o Cardeal Dom Sebastião Leme, só viria a ser nomeado arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro em 1921, sendo a partir desse momento que ele pôde colocar em prática suas estratégias de luta contra o que chamou, em uma carta pastoral da época em que ainda era Arcebispo de Olinda, de fragilidade institucional da Igreja no Brasil¹³. A nomeação de D. Leme para o arcebispado do Rio de Janeiro é um fato de maior importância para todo aquele que estuda a Igreja no Brasil republicano, pois é com D. Leme à frente daquela arquidiocese que o processo de romanização, já em curso desde fins do século passado, toma um impulso avassalador. Mas não é somente isto. Dentre outras coisas, o cardeal Leme foi o maior responsável pela iniciativa de organizar um forte laicato católico no Brasil,

¹² Gostaria de esclarecer que quando digo haver um retardo na inserção direta da Igreja junto à classe operária brasileira, penso basicamente num tipo de ação coordenada e centralizada como constituíram-se os Círculos Operários a partir de inícios da década de 30.

¹³ D. Sebastião Leme, *Carta pastoral a Olinda*, apud Scott Mainwaring, *Igreja Católica e política no Brasil (1916-1985)*, São Paulo, Brasiliense, 1989.

contando para isso com a ajuda de renomados intelectuais católicos, a exemplo de Jackson de Figueiredo - fundador do Centro Dom Vital - e Alceu Amoroso Lima, e também de clérigos como D. Hélder Câmara.

Antes de analisar o papel do laicato católico sob o comando de D. Leme é preciso fazer uma observação de caráter geral sobre as relações entre a Igreja e o Estado no Brasil. Para Scott Mainwaring "até a metade da década de 1910, a Igreja concentrou-se no desenvolvimento institucional interno e dedicou-se menos ao esforço de influenciar as elites governantes", em contraste com o período de 1916 a 1945, quando a Igreja assumiu uma estratégia de aliança com o Estado, buscando obter maior influência na sociedade.¹⁴ Tenho uma pequena divergência apenas no que diz respeito ao ano de 1916 como marco dessa nova fase da Igreja, existem maiores razões para crer que o início dos anos 20 seja fundamentalmente o momento de deslançamento desta política de aliança com o Estado.¹⁵

Contudo, o que mais importa é perceber que após a separação oficial entre a Igreja e o Estado no início da República, o que de uma forma ou de outra causou alguns estremecimentos nas relações entre os dois, a Igreja lançou-se num projeto "restaurador"¹⁶ ao qual vários autores, dentre eles Thomas Bruneau, Riolando Azzi, Ralph Della Cava e Scott Mainwaring, chamam de neocristandade, e no seu desenvolvimento ficava clara a postura da Igreja com relação ao Estado. Tornava-se nítida a intenção de recuperar o espaço perdido na sociedade brasileira e, sobretudo, o desejo de alargar as fronteiras do catolicismo no país. E aqui,

¹⁴ Scott Mainwaring, op. cit., pp. 41-57.

¹⁵ Sobre o assunto ver também Riolando Azzi, *A neocristandade: um projeto restaurador*, São Paulo, Paulus, 1994.

¹⁶ Id. *ibid.*

mais uma vez, retornamos ao cardeal Leme, o principal coordenador deste novo projeto, que com sua habilidade política e fácil trânsito nos círculos do poder liderou com grande êxito a conquista de novos e maiores espaços para a Igreja no Brasil.

A partir de 1916 D. Leme já desponta como uma liderança da Igreja no país após ter publicado a famosa Carta pastoral de Olinda. Contudo, os passos mais firmes na direção da "neocristandade" podem ser percebidos com maior clareza em inícios dos anos 20. No ano de 1921, além da já mencionada nomeação de D. Leme como arcebispo coadjutor da capital da República, há o lançamento da revista *A Ordem*, dirigida por Jackson de Figueiredo - recém-convertido ao catolicismo sob a influência de D. Leme. Poucos meses após a publicação da revista é fundado o Centro Dom Vital, órgão do laicato católico, sob a direção de Jackson de Figueiredo, o qual se tornaria responsável pela revista *A Ordem* e que teve a maior relevância para a concretização do projeto da neocristandade.

Se, por um lado, como foi visto, a Igreja procurava organizar-se em busca da ampliação do seu espaço na sociedade brasileira, por outro lado, dava-se *pari passu* o estreitamento das relações com o Estado. Um fato demonstrativo desta tendência ocorreu durante o conturbado governo do Presidente Epitácio Pessoa (1918-1922). Num momento de grande instabilidade política e social no país, Epitácio Pessoa não hesitou em procurar D. Leme para que este se apresentasse ao seu lado em uma manifestação pública no Rio de Janeiro, como forma de mostrar "que a autoridade eclesiástica no Rio apoiava a autoridade civil tão odientamente combatida".¹⁷ D. Leme, por seu turno, não titubeou ao aceitar o convite de Pessoa,

¹⁷Irmã Maria Regina, *O Cardeal Leme*, Rio de Janeiro, José Olympio, 1962, p. 134.

pois aquela aparição em público revestia-se de um importante significado para a Igreja brasileira. Como afirma a Irmã Maria Regina, filha do Presidente Pessoa, a respeito da posição tomada por D. Leme, "Apraz-lhe a missão por um duplo motivo: prestará serviço à causa da Ordem personificada num homem de bem e, ao mesmo tempo, a sua presença junto ao Presidente valerá por um público testemunho da tão desejável aproximação entre a Igreja e o governo da República laicista de 1889".¹⁸

Não demorou muito tempo para que um outro presidente viesse a procurar o Arcebispo coadjutor do Rio de Janeiro. Arthur Bernardes, sucessor de Epiácio Pessoa, fez a primeira visita oficial de um presidente da República do Brasil a um "chefe" da Igreja brasileira. No encontro que teve com D. Leme, Arthur Bernardes ressaltou "a importância de uma colaboração constante das nossas autoridades eclesiásticas com o Governo do País, auxiliando a manutenção da Ordem e promovendo o progresso nacional".¹⁹ Tornava-se cada vez mais nítida a importância conquistada pela Igreja no cenário político nacional. Daqui por diante as elites dominantes não poderiam mais descartar do jogo político a Igreja brasileira que, além de ser uma instituição com forte penetração nos vários segmentos sociais da população, contava naquele momento com um nível organizacional sem precedentes em sua história e com uma liderança mais que expressiva.

A crescente influência da Igreja no cenário político nacional é algo que pode ser constatado com relativa facilidade por todo aquele que estuda esse período da história do Brasil. Todavia, vale lembrar ainda o conhecido episódio da Revolução de 30, quando a junta militar representante de Vargas pediu a D. Leme que falasse

¹⁸Id. Ibid., p. 167.

¹⁹Id. Ibid., p. 167

com o Presidente Washington Luis para entregar o cargo sem resistência, evitando assim um desnecessário derramamento de sangue. A importância deste fato é bastante significativa, pois tendo D. Leme aceitado falar com o Presidente, e mais, obtendo êxito em sua missão, ganhou o agradecimento e a simpatia daquele que seria o futuro presidente do país, Getúlio Vargas. Foi a partir desta atitude de D. Leme que as relações entre a Igreja e o Estado, que já não estavam tão ruins, foram estreitando-se cada vez mais.

Mas D. Leme, como o principal líder católico no Brasil, não estava apenas interessado em conquistar espaços junto às elites dominantes brasileiras. O projeto da neocrisandade, no qual dedicou todo o empenho possível, envolvia muitos outros aspectos, dentre eles o da organização de um forte laicato. Esta preocupação é reveladora de uma idéia de Igreja que, em alguma medida, era nova no Brasil. Reflete a concepção de uma Igreja que se faz poderosa e influente não apenas pelo seu clero, mas também através de um grande, organizado e esclarecido laicato. Em busca de concretizar esse objetivo o Cardeal Leme favoreceu a emergência de uma intelectualidade católica laica. Em estreita colaboração com Jackson Figueiredo fundou o Centro Dom Vital e iniciou a publicação de um periódico nacional do laicato católico.²⁰ Mas o fortalecimento do laicato não se daria apenas com o avanço neste setor, por isso procurou-se arregimentar outros setores da sociedade. Já existiam algumas associações católicas do laicato, tais como: a Congregação Mariana, os Apostolados da Oração, as Conferências Vicentinas e as Ligas católicas. Mas, além de sua ação não ser bastante difusa, elas não eram suficientes para que fossem atingidos os objetivos da Igreja. Elas cumpriam um importante papel no que diz respeito a uma melhor formação religiosa dos católicos, contudo não eram associações que pudessem, efetivamente,

²⁰ Trata-se da já citada revista *A Ordem*.

arregimentar um maior número de fiéis. Além disso, aquelas associações não poderiam cumprir um objetivo dos mais importantes dentro do projeto restaurador da Igreja brasileira, a saber, organizar os católicos nos segmentos sociais a que pertenciam.

É bom lembrar que se por um lado havia a preocupação com os setores médios urbanos, por outro a Igreja não perdia de vista a importância de sua inserção no meio operário. As associações católicas existentes serviam bem para o trabalho com os setores médios, mas não tinham como dar conta do operariado. Era mais do que clara a necessidade de criar-se meios específicos para atingir os operários com a proposta cristã e, ao mesmo tempo, combater o perigo do comunismo que crescia naquele meio. Como foi dito anteriormente, desde inícios deste século foram surgindo associações católicas voltadas para o operariado, mas que não conseguiam ter maior influência junto aos operários, fosse porque não dispunham de uma organização suficientemente forte, fosse porque eram incapazes de compreender os anseios dos trabalhadores, ou por qualquer outro motivo. Todavia, uma coisa é certa, até o começo da década de 1930 a Igreja brasileira não havia conseguido ainda arranjar uma maneira para tornar contundente a sua inserção no meio operário.

1.1 O Surgimento dos círculos operários

A ação católica no meio operário brasileiro viria a conquistar uma importância maior após a publicação da *Quadragesimo Anno* pelo papa Pio XI. É certo que não há como mensurar a influência desta encíclica no desenvolvimento dos Círculos Operários brasileiros. Contudo, é possível constatar a importância

a ela conferida no meio católico através da fundação dos primeiros Círculos Operários que vem no seu rastro.²¹

O fato de a *Quadragesimo Anno* ter causado maior impacto sobre a Igreja brasileira do que aquele provocado pela *Rerum Novarum* tem fortes ligações com a mudança verificada, a partir dos anos 1920, nas diretrizes sócio-políticas da Igreja brasileira, bem como com a nova conjuntura política brasileira inaugurada pela Revolução de 30.²² Não é menos verdade, contudo, que outros elementos tenham igualmente influenciado no efeito surtido pela *Quadragesimo Anno*. Luiz Werneck Vianna observa que,

"Na intenção aparente, a "Quadragesimo Anno" se limita a confirmar, 40 anos depois, os princípios da "Rerum Novarum". (...) Todavia, ao tempo da sua edição a Igreja viu ampliado o campo dos seus interlocutores. Agora, além do liberal, do socialista - reforçado pela revolução de 1917 - o elenco se completa com a ideologia fascista, em cujo nome, desde 1921, se exerce o poder na Itália."²³

Com todas essas transformações o discurso da Igreja frente aos problemas sociais tendia a assumir um tom mais objetivo do que aquele dos tempos de Leão XIII. E isto ocorre na

²¹ Não é meu propósito afirmar que há uma relação de causalidade única e direta entre a encíclica e os círculos operários. Apenas busco chamar a atenção para a sua influência no Brasil.

²² Ver George Evergton S. Souza, *O movimento operário católico no Brasil: o caso do Círculo Operário da Bahia (1937-1962)*, Cadernos do CEAS, n. 158, Salvador, jul/ago, 1995, p. 47-48.

²³ Luiz Werneck Vianna, *Liberalismo e sindicato no Brasil*, Rio de Janeiro, Ed. Paz e Terra, 1978, p. 162.

Quadragesimo Anno, que irá propor de modo claro a solidariedade orgânica entre o capital e o trabalho, visando pôr fim à noção de classes opostas com interesses antagônicos.²⁴ Sem dúvida este caráter mais objetivo da encíclica, além da nova conjuntura política mundial, também influenciaram em sua recepção no Brasil.

→ Em 15 de março de 1932 foi fundado o Círculo Operário Pelotense, cujo líder e idealizador foi o padre jesuíta Leopoldo Brentano, que mais tarde iria consagrar-se na grande liderança nacional do movimento circulista. Num breve relato histórico que se encontra no *Manual do Círculo Operário*, organizado pelo Pe. Brentano, é possível perceber algumas das motivações mais fortes que levaram à organização daquela associação. Para Brentano - numa análise que estava a par com o pensamento dominante da Igreja brasileira -, após a revolução de 1930 "o problema social entrou no Brasil numa nova fase".²⁵ Isto porque o novo governo teria demonstrado uma maior preocupação com a situação dos trabalhadores. Sinal marcante desta preocupação teria sido a criação do Ministério do Trabalho, abrindo espaços para o movimento sindical, além da publicação de "leis sociais". Todavia, estes fatos "ameaçavam servir aos bolchevistas de instrumentos para a luta de classes".²⁶ Tratava-se, então, "de urgente necessidade o lançamento de um

²⁴ Id. *Ibid.*, p. 159-164. Ver também o estudo do Padre Morais, *Capital e Trabalho*, Petrópolis, Vozes, 1938.

²⁵ *Manual do Círculo Operário*, Rio de Janeiro, CNOC, 1963, p. 27. É importante observar que no Rio Grande do Sul a Igreja apoiou com muito entusiasmo a Revolução de 30. Vale assinalar que o arcebispo de Porto Alegre D. João Becker, no dia 8 de outubro daquele ano, em visita a Getúlio Vargas, oferecia-lhe sacerdotes para seguirem ao campo das operações militares, para assistência espiritual das tropas.

Sobre o assunto ver Oscar Beozzo, *A Igreja entre a revolução de 1930, o Estado Novo e a redemocratização*, in Boris Fausto (org.), *História geral da civilização Brasileira*, São Paulo, Difel, tomo III, vol. 4, 1984, p. 287-291.

²⁶ Id. *Ibid.*, p. 27.

movimento operário cristão que, dando ao operariado, a par de uma assistência social imediata, uma formação espiritual e colaborando com os esforços do governo, pusesse um dique à infiltração comunista e completasse a obra do Ministério do Trabalho".¹⁷ Vê-se, deste modo, que a fundação do Circulo Operário Pelotense (COP) - mas não só, pois todo o movimento circulista seguiu este mesmo caminho - tinha por objetivo o combate contra os comunistas no meio operário, bem como o desenvolvimento de uma política de boas relações com o governo. Além disso há uma clara proposta de evangelização do operariado, através da qual a Igreja pretendia obter maior influência no meio operário.

O COP teve uma atuação marcante. Em estreita colaboração com o Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio (MTIC), fez um grande trabalho de sindicalização dos trabalhadores daquela cidade, além de ter implementado uma forte política assistencialista, através de instrumentos como a *Caixa de Socorro Mútuo e Pecúlio*. Rapidamente o COP tornou-se uma entidade bastante expressiva no meio operário (veja quadro abaixo a respeito da evolução do COP). Em 1933, um ano após sua fundação, "já contava com 3.000 sócios e 10 sindicatos filiados e reconhecidos pelo MTIC."¹⁸ Além disso, naquele mesmo ano foi reconhecido pelo governo Provisório como sendo de "utilidade pública", através do decreto de 25 de setembro.

QUADRO DE ASSOCIADOS DO COP (1932-1935)

ANO	ASSOCIADOS	SIND. FILIADOS E RECONHECIDOS
1932	145	-
1933	3000	10
1935	10000	11

FONTE: Antonio A. Diehl, op. cit., p. 58.

¹⁷Id. Ibid., p. 28.

¹⁸Cf. Antonio A. Diehl, *Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*, Porto Alegre, EDIPUCRS, 1990, p. 57.

O sucesso do COP logo se espalhou, ganhando o caráter de um movimento. Foi assim que, em 1933, surgiu o Círculo Operário de Porto Alegre (COPA), que, a exemplo da associação de Pelotas, cresceu rapidamente. Com apenas um ano de existência a entidade já somava o expressivo número de 5000 associados. Mas não era somente numérica a força que começavam a deter os círculos operários. É interessante destacar aqui, para efeito de uma melhor compreensão do prestígio que o circulismo ia ganhando, as comemorações do primeiro de maio em Porto Alegre no ano de 1934. Sílvia R. F. Petersen e Maria E. Lucas afirmam que "A comemoração promovida pelo COPA mobilizou, segundo a imprensa, 5000 pessoas que assistiram, juntamente 'com as mais altas autoridades civis e militares do Estado' a missa campal celebrada pelo arcebispo D. João Becker."²⁹ Em franco contraste com as comemorações da Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS) que celebrou a data "intra-muros", realizando um congresso - do qual participaram 65 representantes de 48 organizações operárias da capital e do interior - para discutir as necessidades do operariado gaúcho.³⁰

O êxito dos círculos operários no Rio Grande do Sul rapidamente atravessou as fronteiras do Estado. A Igreja Católica brasileira que há alguns anos já vinha buscando uma forma adequada de inserção no meio operário voltou seus olhos para aquele movimento. Não causa surpresa a atenção dada ao circulismo pela "cúpula" da Igreja, pois ainda em 1931 Tristão de Ataíde tentava

111.

²⁹Sílvia Regina F. Petersen e Maria Elizabeth Lucas, *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*, Porto Alegre, Ed. UFRGS/Tchê!, 1992, pp. 368-369.

³⁰Id. Ibid., p. 369.

articular uma Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNOC). Mas o projeto naquele momento se mostrara inviável por causa da falta de organizações de base. Pode-se dizer que, em 1931, uma CNOC mais pareceria com um monstro com uma cabeça grande e desprovido do resto do corpo.

* Com o surgimento dos círculos operários a antiga situação se modificaria. A base que faltara anteriormente ao projeto da CNOC já não se constituiria em um problema. Melhor ainda, a estrutura e modo de ação do circulismo no Rio Grande do Sul vinham ao encontro do projeto restaurador da Igreja brasileira. Não havia dúvidas, os círculos operários eram o tipo de organização que melhor poderia desempenhar naquele momento a função de evangelização dos trabalhadores e de manutenção da ordem religiosa e política no meio operário. Em pouco tempo o circulismo começou a irradiar-se pelo país. No ano de 1935 foi constituída uma diretoria para a CNOC que, enfim, se tornara uma realidade e não demoraria muito para que viesse a ser o órgão congregador dos círculos operários do Brasil.³¹ A partir de 1936 os círculos espalharam-se pelo país com uma velocidade impressionante e com a instalação do Estado Novo o crescimento foi avassalador.

É preciso, todavia, perceber o que significava esta ascensão do circulismo, nas circunstâncias daquela época, para o movimento operário. Um bom exemplo disto pode ser visto no Rio Grande do Sul, onde, a partir de 1934, o 1º de maio foi sendo paulatinamente transformado numa festividade cívico-religiosa. Em 1936, um ano após o desbaratamento da FORGS, já não havia mais um grupo organizado de operários que se responsabilizasse pelas

³¹ Segundo o *Manual do Círculo Operário*, uma das resoluções do 1º Congresso Operário Católico, realizado em 1937, foi que todas as federações estaduais de operários católicos, às quais estavam filiados os círculos operários, deveriam filiar-se à CNOC.

comemorações do 19 de Maio nos moldes das décadas anteriores.¹¹ Deste modo, os círculos contribuíam para o desmantelamento das organizações operárias combativas - fossem elas ligadas aos anarquistas ou aos comunistas -, em uma clara demonstração de afinidade com os objetivos do governo Vargas no tocante à política desenvolvida para combater o comunismo no seio da classe trabalhadora brasileira. Os círculos operários, portanto, tinham a intenção de disputar a hegemonia dentro do movimento operário brasileiro, contando para isso com todo o apoio das elites dominantes e do governo da República. Este, por seu turno, fechava cada vez mais o cerco em torno das organizações genuinamente operárias e dos militantes comunistas, que eram os principais inimigos a combater.

O que fica bem claro quando estuda-se mais de perto o caso do circulismo no Brasil é que o seu rápido crescimento inicial deve-se, sobretudo, a dois fatores: o primeiro é o apoio dado pelo Estado ao movimento - entendendo este apoio não apenas em termos de contribuições diretas, mas também através de uma política sindical extremamente castradora da liberdade de organização dos trabalhadores e da participação política; o segundo fator deve ser imputado a características internas do movimento circulista, a exemplo de sua capacidade organizativa e do desenvolvimento de práticas assistencialistas num momento em que a assistência social aos trabalhadores era quase inexistente. Em outros termos, pode-se dizer que os círculos operários constituíam-se em um tipo de organização perfeitamente adequada para a conjuntura sociopolítica em que vingaram, daí o seu rápido crescimento. A questão do sucesso do circulismo, aqui analisada de maneira *en passant*, mais adiante voltará a ser tratada com maior profundidade.

¹¹Silvia R. F. Petersen e Maria E. Lucas, op. cit., p. 451.

1.2 Algumas considerações sobre a ação social e política da Igreja brasileira da revolução de 30 ao início do Estado Novo

(X) Para Ralph Della Cava os círculos operários foram uma das três organizações mais importantes da Igreja brasileira entre 1930 e 1945. As duas outras foram a Liga Eleitoral Católica (LEC), criada em 1932, e a Ação Católica Brasileira (ACB), surgida em 1935.³¹ A LEC conheceu o seu auge nos anos de 1933 e 1934, quando foram realizadas as eleições para a Assembléia Constituinte e para o Congresso Nacional, respectivamente. Embora tenha continuado a existir nos anos 40 e 50, a LEC já não mais possuía a vitalidade dos tempos passados, não conseguindo maior influência nos processos eleitorais do período.³²

A ACB foi, após sua fundação, o grande órgão congregador das várias organizações do laicato católico, assumindo os moldes da sua similar italiana. Contudo, suas relações com os diversos grupos laicos existentes nem sempre foram tranqüilas, o que em boa medida foi uma consequência da ACB exigir que todas as associações e grupos católicos se tornassem em seus organismos auxiliares. Ao menos até a década de 60 a ACB caracterizou-se como um organismo que buscava centralizar, de modo autoritário, os vários segmentos

³¹Ver Ralph Della Cava, *Igreja e Estado no Brasil do Século XX: sete monografias recentes sobre o catolicismo brasileiro (1916-64)*, in Estudos CEBRAP, abr/jun, 1975, p. 16.

³²Sobre uma possível relação entre a LEC e os círculos operários não foi encontrado nenhum vestígio da sua existência. Vale lembrar ainda que mesmo no Rio Grande do Sul, onde nos anos de 1933 e 1934 os círculos operários já existiam, essa relação parece não ter existido. Astor Antonio Diehl em seu estudo sobre o circulismo naquele Estado (op. cit.) não apresenta qualquer informação sobre o assunto.

do laicato católico, visando obter maior agilidade no desempenho de seu papel de *grupo de interesse*.¹⁵

As relações entre a ACB e os círculos operários desde o começo não foram muito claras. Pode-se perceber, por exemplo, que havia uma certa desconfiança ou mesmo descontentamento dos últimos com a idéia de tornar-se um organismo auxiliar da ACB. Em um texto escrito pelo Pe. José da Costa Carvalho¹⁶, de Recife, sobre as relações entre os círculos e a ACB é possível notar as dificuldades existentes. Segundo ele embora as duas entidades se situassem em planos diversos, os círculos reconheciam o seu papel de "auxiliares e aderentes da ACB, no que respeita às atividades do apostolado."¹⁷ Diz ainda que há coincidência nos objetivos, mas não nos meios utilizados para alcançá-los, contudo, isto não afastava suas relações, tampouco lhes imprimiria direções opostas. A forma pela qual é tratada a questão no texto, por si só, é reveladora da existência de problemas entre as duas organizações, o que se torna ainda mais evidente quando o Pe. Carvalho resolve listar algumas das medidas a serem tomadas para uma colaboração "eficiente e recíproca".

"Afim de que a prática não contradiga o que teoricamente parece não admitir dúvida e muito menos, impeça a realização da ansiada e necessária harmonia, impõe-se a fixação de normas que esclareçam e regulem as relações entre os CC.OO e a ACB (...). Algumas sugestões:

¹⁵Ver a respeito Ralph Della Cava, op. cit., p. 16-20. Ver também Oscar Beozzo, op. cit., p. 321-324.

¹⁶Pe. José da Costa Carvalho, *Os círculos operários, a Ação Católica, a ação social*, Rio de Janeiro, CNOC, 1949. Este texto foi publicado originalmente na Revista do Assistente Eclesiástico da ACB, em setembro de 1948.

¹⁷Id. Ibid., p. 11.

- 1 - conhecimento mútuo - finalidades, semelhanças, diferenças, métodos, vantagens da existência e colaboração;
 - 2 - estima, benevolência e respeito recíprocos;;
 - 3 - sinceridade e lealdade de atitudes;
 - 4 - perfeito e harmonioso entendimento entre as organizações, visando uma colaboração cada vez mais acentuada;
- (...)

Estas sugestões reforçam a convicção acerca do aspecto conflituoso das relações, principalmente se levarmos em conta que o referido texto data de 1948, quando ambas entidades já contavam com mais de uma década de fundadas.

Não é difícil compreender os motivos da resistência dos círculos operários. Eles eram fortemente hierarquizados e centralizados. Como ver-se-á adiante a partir de 1937 o movimento contou com a Confederação Nacional dos Operários Católicos (CNOC), o que contribuiu ainda mais para a sua hierarquização. Hierarquizado em confederação, federação e círculos - que por sua vez tinham uma hierarquia interna -, não era fácil para os militantes circulistas aceitarem a subordinação da sua associação à ACB. Isto reflete-se, por exemplo, no *Manual do Círculo Operário* que ao tocar na questão do tipo de relação existente entre os dois organismos diz serem "A CNOC, e suas organizações (...) aderentes à Ação Católica por intermédio do Secretariado Econômico-Social da mesma AC."³¹ Portanto, a relação é de adesão à ACB e não de subordinação aos interesses desta última, o que dava margens aos círculos operários para não aceitarem, eventualmente, interferências da ACB em suas resoluções.

³¹Cf. *Manual do Círculo Operário*, p. 32.

Há um traço comum entre as três organizações referidas, todas elas cumpriram um importante papel dentro do projeto de restauração da Igreja brasileira. Elas foram responsáveis pela abertura da Igreja à participação mais efetiva do laicato, o que se constituía em um dos pontos chaves da neocristandade. Mas não foi só isso. Estas organizações também foram responsáveis pelo incremento da política de aproximação entre Igreja e Estado, iniciada pelo clero sob a liderança de D. Leme. Através delas a Igreja fortaleceu a sua ação como *grupo de interesse* na sociedade brasileira. Foi assim que ela conseguiu reaver muitas das suas perdas, além de obter novas conquistas, a exemplo do ensino religioso nas escolas oficiais, da possibilidade de subvenção de escolas religiosas pelo Estado e do reconhecimento do casamento religioso nos termos civis. Vale ressaltar ainda, que a LEC, os círculos operários e a ACB ao contribuírem para levar a mensagem da Igreja a um número cada vez maior de pessoas, legitimavam esta instituição perante as elites dominantes, que pouco a pouco iam modificando sua maneira de ver o papel desempenhado pela Igreja Católica na sociedade brasileira. A mudança de atitude das elites com relação à Igreja tem seus reflexos na relação Igreja-Estado durante o governo de Getúlio Vargas, quando foi estabelecida uma verdadeira aliança na qual um emprestava ao outro poder e legitimidade.

Com a aliança Igreja-Estado, que atingiu seu auge no Estado Novo, a ação da Igreja na sociedade brasileira mostrou uma vitalidade como nunca anteriormente houvera demonstrado. A ACB, através dos organismos nos quais exercia mais de perto o seu controle, conheceu um grande crescimento. Um exemplo disto foi a crescente influência da Juventude Universitária Cristã (JUC) no meio universitário. Contudo, no meio operário, a organização católica que melhor simbolizou a força da ação social católica, naquele momento, foi o movimento circulista. Não se trata aqui de

supervalorizar o seu papel, mas sim de dar o destaque que merece esta organização. Os círculos operários foram sempre subestimados ou pouco lembrados pela grande maioria daqueles que estudaram a Igreja católica brasileira nos anos 30 e parte dos anos 40. Ralph Della Cava, por exemplo, embora afirme que esta organização figurava entre as três mais importantes associações católicas do Brasil - ao lado da LEC e da ACB -, não a apreende senão como um movimento que teve "um florescimento apenas efêmero".³⁹ Ainda que o crescimento dos círculos tivesse realmente se restringido ao período do Estado Novo, como o afirma Howard Wiarda⁴⁰, isto não seria justificativa suficiente para subestimar o papel desempenhado pela organização naquela conjuntura; pelo contrário, observando mais atentamente o problema percebe-se que é pela sua atuação nesse período que podem ser considerados como um dos melhores símbolos do poder da Igreja brasileira e da sua união com o Estado.

Sabe-se que a partir da década de 30 o Governo caracterizou-se, em boa medida, pela implementação de uma política corporativista. Um dos principais ideólogos do Estado Novo, por exemplo, dizia "Temos que suprir pela acção consciente do indivíduo e do Estado, e até onde fôr possível, aquillo que a nossa evolução histórica ainda não nos poude dar: estrutura, organização, consciência colectiva".⁴¹ O autor irá concluir ainda, que como os chamados grupos de interesse não se desenvolveram independentemente, o Estado deveria assumir a tarefa de construí-

³⁹Ralph Della Cava, op. cit., p. 16-20.

⁴⁰Howard J. Wiarda, *The brazilian Catholic labor movement: the dilemma of national developement*, Amherst, University of Massachussetts, Labor Relations and Research Center, 1969. Em outro capítulo demonstrarei minha discordância para com esta conclusão de Wiarda.

⁴¹Oliveira Vianna, *O idealismo da Constituição*, São Paulo, Ed. Nacional, 1939, p. 14-15.

los, para tanto, o melhor caminho a trilhar seria o do corporativismo.⁴² Os principais reflexos desta política podem ser vistos na regulamentação dos conflitos entre capital e trabalho. Ai o governo Vargas se pautou na defesa da idéia de uma sociedade cujo Estado seria o regulamentador das relações entre capital e trabalho, nas quais não deveria haver lugar para o conflito. A luta de classes era, assim, substituída pela colaboração de classes e na medida em que o governo ia adentrando pelos caminhos do corporativismo mais e mais as suas posições tornavam-se próximas daquelas defendidas pela Igreja Católica. E Vargas o sabia muito bem, tanto que buscou tornar pública a aproximação entre o seu governo e a Igreja. É justamente aqui que entram os círculos operários, o principal braço da Igreja no meio operário. Os círculos eram os principais responsáveis pela difusão da mensagem da Igreja entre os operários brasileiros. O trabalho que realizaram não rendeu lucros apenas para a Igreja, que através deles ampliou o seu prestígio naquele espaço social. Eles foram muito importantes também para a realização do projeto corporativista encampado por Vargas. O MTIC teve nos círculos um forte aliado no seio da classe operária. Sinal claro disto é o decreto nº 7.164 de 12 de maio de 1941, que concede aos círculos operários o estatuto de órgão técnico e consultivo do MTIC, o que segundo o *Manual do Círculo Operário* "foi um reconhecimento da valiosa colaboração prestada à obra legislativa e de organização profissional do Ministério do Trabalho".⁴³ Os círculos encamparam como nenhuma outra organização no meio operário a idéia do sindicalismo como forma de aproximação entre o patrão e o trabalhador. Se por um lado esta forma de encarar o sindicalismo agradava extremamente ao governo, por outro

⁴²Ver sobre o assunto Kenneth Paul Erickson, *Sindicalismo no processo político no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1979. Ver também Oliveira Vianna, op. cit.

⁴³Cf. *Manual do Círculo Operário*, p. 38.

lado não é menos verdadeiro que agradava também à Igreja, pois esta era, em boa medida, a fórmula da resolução da questão social segundo as encíclicas sociais de Leão XIII e de Pio XI.

Visto desta perspectiva, o movimento circuílista, enquanto objeto de estudo histórico, pode ser analisado sem perder-se de vista a sua real importância no contexto histórico do qual foi parte integrante.

CAPÍTULO II

O MOVIMENTO CIRCULISTA: UMA VISÃO MICROSCÓPICA

2.1 Uma visão da estrutura interna do movimento circulista

O modelo organizacional adotado pelo COB foi praticamente o mesmo de todos os círculos operários do país. A sua organização seguia as instruções da CNOC, que tomava por base o modelo do Círculo Operário de Pelotas, construído pelo fundador e principal líder do movimento circulista brasileiro, o Pe. Leopoldo Brentano.

Uma das principais características do circulismo no Brasil foi a sua centralização. Haviam as zonas e grupos que eram subordinados aos núcleos circulistas, estes, por sua vez, seguiam as determinações dos círculos operários. Acima dos círculos operários, nessa escala hierárquica, estavam as federações de círculos operários⁴¹, subordinadas à Confederação Nacional dos Círculos Operários. A CNCO, órgão máximo do circulismo, tinha uma ligação muito forte com a cúpula do clero brasileiro, da qual seguia a orientação. E mantinha uma relação ambígua com a Ação Católica Brasileira (ACB). Para a CNCO os círculos operários se constituíam em organizações auxiliares da ACB, mas, ao mesmo tempo, não deviam ser confundidos com qualquer um dos organismos próprios da ACB - a exemplo da Juventude Operária Católica (JOC).⁴¹

⁴¹Nos estados onde não havia uma federação dos círculos operários, estes eram filiados diretamente à CNCO.

⁴¹Ver sobre a relação entre os círculos operários e a Ação Católica, Pe. José da Costa Carvalho, *Os círculos operários, a Ação católica, a Ação Social*, CNOC, Rio de Janeiro, 1949. No capítulo 1 desta dissertação já abordei a questão da relação entre círculos operários e ACB.

No caso do COB nota-se já em seus estatutos o acatamento das diretrizes nacionais do movimento. No Capítulo I, referente aos fins e objetivos do COB, todos os itens relacionados estão de acordo com os da proposta de Estatutos publicada no *Manual do Círculo Operário*⁴⁶. Isto pode ser observado no Estatuto do COB de 1938, bem como no de 1951 e no de 1962.

Devido à natureza deste capítulo, assim como desta dissertação, uma comparação pormenorizada entre os estatutos do COB e a proposta de estatuto da CNOC torna-se desnecessária. Melhor será esclarecer importantes questões a respeito do COB, tais como: quem eram aqueles que compunham o quadro de associados da entidade? Até que ponto o conjunto dos associados participava das decisões do COB? São estas questões, além de algumas outras, às quais procura-se oferecer esclarecimentos e explicações.

Constatar-se-á ao longo desta dissertação que poucas vezes o conjunto dos associados é alçado à posição de "sujeito histórico" do COB. Mais do que uma opção esta parece ser uma questão que se impõe ao pesquisador. De fato, a centralização e hierarquização do movimento circulista são elementos castradores da possibilidade de uma maior atuação dos associados que não exerciam funções de dirigentes do COB. As decisões sempre eram tomadas pela cúpula do movimento. Pode-se afirmar que as resoluções de caráter nacional do movimento circulista eram tomadas pela CNOC e acatadas pelas federações de círculos operários - onde estas existiam - e pelos círculos operários; no caso de medidas relativas a assuntos locais ou regionais, cabia à diretoria da federação ou círculo operário sua deliberação.

⁴⁶Cf. *Manual do Círculo Operário*, CNOC, Rio de Janeiro, 1963, 3ª edição (resumida), p. 50-55.

A afirmação de que o conjunto dos associados não intervinha efetivamente nas decisões do COB, poder-se-ia objetar a realização das reuniões mensais dos associados, nas quais todo sócio tinha direito a voz e voto. Contudo, a leitura das atas daquelas reuniões mensais reforça ainda mais a tese defendida anteriormente. Nas atas fica latente a pouca participação dos associados. Conquanto as reuniões pudessem contar com um número expressivo de associados⁴¹, raramente constata-se nas discussões a intervenção de um associado que não fosse dirigente, ex-dirigente ou alguém que já se encontrasse próximo às lideranças da instituição. É importante lembrar, outrossim, que o número de divergências nestas reuniões é insignificante até inícios da década de 1960. Inclusive no tocante às eleições para a diretoria do COB e da sua Assembléia Geral constituía-se em uma prática comum, ao menos até o período citado, a apresentação de uma chapa única, elaborada pela direção da entidade, que era eleita pela maioria esmagadora dos associados.

Não há dúvida que a falta de participação do conjunto dos circulistas tinha na sua raiz o problema da hierarquização do movimento. Todavia, isto não é o bastante para explicá-la. Outros fatores também contribuíram para este tipo de prática. É possível que um destes esteja vinculado à origem socioeconômica dos associados. Embora não dispondo de dados muito seguros sobre o quadro de sócios da entidade - haja vista que, por um lado, um número muito grande de fichas de cadastro dos circulistas foi destruído e, por outro lado, mesmo que elas não tivessem sido destruídas um outro problema surgiria, o de fazer um levantamento completo das mais de 26.000 fichas de associados -, pode-se ter uma idéia aproximada de como ele estava composto. Os circulistas eram

⁴¹Há reuniões em que o número de circulistas presentes ultrapassa os 1000.

na maior parte trabalhadores pobres empregados na construção civil, em fábricas, em residências, no comércio, etc. Também havia grande número de trabalhadores autônomos, estudantes e donas de casa. A composição por sexo parece apresentar um equilíbrio relativo entre homens e mulheres. De início o número de homens suplantava em muito o de mulheres. Com o decorrer do tempo esta diferença foi diminuindo gradativamente,⁴⁸ embora o crescimento numérico da "Ala feminina" não tenha significado uma maior participação destas na direção do movimento. A composição por cor revela uma maioria de associados negros. Não deixa de ser interessante notar que ao menos dois circulistas que exerceram o cargo de presidente do COB eram negros, um foi Jacinto Manoel dos Anjos e o outro foi Florisval Ribeiro Ramos, conhecido pelo pseudônimo de Duilson. Outro elemento importante para uma idéia aproximada da composição do conjunto de associados do COB é o do nível educacional dos circulistas. Sobre esta questão as fontes documentais parecem indicar no sentido de uma grande maioria de analfabetos e semi-alfabetizados (indivíduos que sabiam apenas assinar o nome). Embora não houvesse nos estatutos qualquer impedimento aos analfabetos ascenderem aos postos de direção da entidade, nunca nenhum analfabeto fez parte da diretoria do COB.

Este quadro aproximado não tem, nem mesmo poderia ter, a intenção de fornecer ao leitor uma visão exata da composição do corpo de sócios da organização. Antes, devido às limitações das fontes documentais, busca servir como uma espécie de "introdução ao estudo do COB". Deste modo, o que fica evidente na análise do conjunto de associados do COB é, em resumo, o seguinte quadro: os circulistas eram, em sua grande maioria, pessoas pobres ou que estavam no limite da pobreza, residiam em bairros pobres de

⁴⁸Mais adiante tratarei sobre a participação das mulheres no COB.

Salvador e tinham um nível educacional, salvo algumas não muito numerosas exceções, baixo ou nulo.

Levando em conta o quadro acima exposto, torna-se menos difícil uma análise sobre a participação dos associados no COB. Em primeiro lugar é necessário assinalar a posição ocupada pelas mulheres naquela entidade. No primeiro estatuto do COB não aparece ainda a "Ala feminina", que seria um setor reservado às mulheres circulistas. Somente no Estatuto de 1951 é que será regulamentado este departamento, embora ela já existisse de fato desde inícios dos anos 40. A regulamentação da Ala feminina permitiu a criação do cargo de "Delegada dos Núcleos", ao qual competia:

- a) - Superintender as aulas de córte e costura, prendas e aulas domésticas.
- b) - Assistir às reuniões da Diretoria e da Comissão Executiva do seu Núcleo e das Sub-delegadas.
- c) - Convocar, presidir e encerrar as sessões da ala feminina, auxiliada pela Vice-Delegada e 1ª e 2ª Secretárias.⁴⁹

A Ala Feminina parece ter sido, sobretudo, uma forma de contemplar as mulheres no movimento circulista. O *Manual dos Círculos Operários* sugere dentre outras coisas que ela tenha a seu cargo colaborar nas festas recreativas e organizar os cursos de corte e costura, culinária, serviços domésticos etc.⁵⁰ Sendo o *Manual* um guia básico para todo o movimento circulista, pode-se dizer que havia uma tendência a relegar as mulheres ao exercício de

⁴⁹Cf. Art. 42º dos Estatutos do Círculo Operário da Bahia e Regulamento da Caixa Beneficente, 1951.

⁵⁰Cf. *Manual dos Círculos Operários*, op. cit., p. 138-139.

um papel secundário. No caso específico do COB as mulheres se encontram alijadas das verdadeiras instâncias de decisão da entidade durante muito tempo. Somente no ano de 1962, foi incluída uma mulher na chapa que disputaria as eleições para a diretoria do COB do biênio 63/64; tratava-se da Professora Francisca Xavier da Silva, que lecionava no Colégio Circulista. Ainda assim, sua candidatura foi objeto de polêmica entre os diretores do COB. O 1º Secretário da Assembléia Geral, Henrique Sodré, chegou a protestar, numa reunião do Núcleo de Itapagipe, "contra a inclusão de uma associada na chapa como 1ª Secretária, declarando que só os associados deveriam ser eleitos como diretores".³¹ Contudo, a candidatura de Francisca Xavier da Silva foi mantida e ela foi eleita para o cargo em 1963, sendo a primeira mulher a fazer parte da diretoria do COB.³²

Assim, não é difícil perceber que a participação das mulheres no circulismo baiano era bastante restrita. Tendo como campo de ação a Ala Feminina, cumpriam apenas um papel secundário no movimento circulista, deixando - ou tendo de deixar - aos homens a responsabilidade pela condução do COB. Mas, a que homens? Esta é a próxima questão a ser explicada.

Só um número bastante pequeno de associados ascendiam aos cargos de direção do COB. Vários circulistas, a exemplo do já citado Jacinto Manoel dos Anjos, mantinham-se na diretoria da entidade por mais de uma década. Esta prática contribuiu em muito

³¹Cf. Livro de Atas de reunião mensal do Núcleo de Itapagipe. Ata do dia 14.10.1962.

³²É importante destacar que a candidatura de Francisca Xavier não foi fruto de uma luta da Ala Feminina. Na verdade foram alguns membros da Diretoria da entidade, dentre eles o Presidente Alyrio de Lima Telles, que propuseram e defenderam a inclusão do seu nome na chapa.

para a pouca renovação do quadro de diretores do movimento circulista baiano. Numa organização que tinha uma estrutura bastante hierarquizada, como o COB, isto significava também uma participação muito tímida dos associados na entidade.

Tudo parece indicar que a maioria das pessoas que se associava ao COB ia em busca, principalmente, das vantagens oferecidas aos associados.⁵³ Deste modo, por um lado não havia um maior compromisso do conjunto de associados para com os "ideais circulistas"; por outro lado a entidade não conseguia desenvolver estratégias com vistas a obter uma maior participação dos associados e formar novos quadros para o movimento. Havia, então, uma preocupação contínua visando a arregimentação de novos sócios, mas no que dizia respeito à efetiva participação dos associados a tática utilizada parece ter sido unicamente a pressão. Esta era feita principalmente através da obrigatoriedade do comparecimento do circulista nas reuniões do núcleo a que pertencia. Todavia, isto poderia garantir apenas a presença do associado, nunca o seu engajamento nos trabalhos desenvolvidos pela entidade.

Outro fator que colaborava com a apatia do conjunto de associados era a impossibilidade de haver uma verdadeira oposição à diretoria do COB. Toda chapa apresentada às eleições da entidade tinha que se submeter de antemão à aprovação do Assistente Eclesiástico, que tinha o direito de vetar qualquer nome da chapa. Assim, qualquer candidato que tivesse propostas contrárias aos interesses do Assistente Eclesiástico teria cassada a sua candidatura. Portanto, a possibilidade de mudanças no COB estava mais ligada à sua cúpula que à sua base. O episódio da eleição da

⁵³Num outro capítulo esta discussão será retomada.

diretoria em janeiro de 1961 parece confirmar esta tese⁵⁴. Ao fim e ao cabo, pode-se afirmar que as decisões do COB eram tomadas mesmo pela sua cúpula. O conjunto dos associados, quando muito, era convocado apenas para ratificar o que já havia sido discutido e pré-estabelecido pela diretoria.

Ao chegar à conclusão que havia pouca participação dos associados nas decisões do COB, a idéia de tratar-se de uma entidade cujo poder estava centralizado nas mãos dos seus dirigentes ganha maior força. Deste modo, é através do estudo da estrutura de poder do COB que deverá ser encontrada uma explicação razoável para esta questão.

2.2 O poder dentro do COB

Deve-se considerar, numa explicação sobre a estrutura de poder do COB, dois elementos fundamentais. O primeiro é o da estrutura oficial de poder, ou seja, perceber através dos estatutos daquela organização em que cargos concentrava-se a maior fatia do poder. O segundo é o da estrutura extra-oficial de poder. Ai trata-se de um poder/prestígio pessoal, que algumas pessoas detinham junto ao COB, mesmo sem fazer parte daquela estrutura oficial.

No primeiro caso o melhor a fazer é seguir os estatutos da entidade. Segundo o estatuto de 1937-38, a diretoria compunha-se de um presidente, um vice-presidente, um 1º e 2º secretários, um 1º e 2º tesoureiros, um delegado Geral e um assistente eclesiástico.

⁵⁴Naquela ocasião formou-se uma chapa que era contrária à manutenção dos franciscanos como Assistentes Eclesiásticos do COB. Esta chapa, contudo, era formada na sua maioria por dirigentes e ex-dirigentes da entidade, daí a possibilidade de ter sido sancionada, ainda que a contra-gosto, pelo Assistente Eclesiástico.

Em comparação ao estatuto de 1951 há apenas uma modificação que diz respeito ao assistente eclesiástico. Deixa de ser apenas um assistente. O número exato de assistentes não consta nos estatutos, mas o que foi possível apurar nos livros de ata de reuniões dos núcleos do COB indica no sentido da existência de um assistente eclesiástico em cada núcleo. Todavia, a Comunidade Franciscana, encarregada de nomear os assistentes eclesiásticos, mantinha, normalmente, o assistente do núcleo central como o encarregado de acompanhar as reuniões da diretoria e da Assembléia Geral.

Até fins dos anos 50 foram os assistentes eclesiásticos que detiveram a maior parte do poder no circulismo baiano. O que ocorria normalmente era uma submissão da diretoria frente aos assistentes eclesiásticos. Eram eles, na verdade, que davam o veredito final sobre os nomes daqueles que iriam compor a diretoria, colaborando para a falta de autonomia do movimento. Segundo o estatuto de 1951, que vigorou durante dez anos, competia aos assistentes eclesiásticos:

- a) - Assistir as sessões de Diretoria, dos núcleos e da Assembléia Geral.
- b) - Aconselhar e orientar a Diretoria e defender os interesses dos operários circulistas.
- c) - Salvaguardar as finalidades sociais e espirituais do COB e vetar todas as propostas e sugestões contrárias a estas finalidades.
- d) - Examinar qualquer chapa a ser apresentada para as eleições bienais, vetando qualquer nome que não satisfaça à orientação do COB bem como promover o afastamento de elementos, tanto Diretores como auxiliares, que, por sua orientação e atos, causarem dano moral ou material ao COB.

e) - Tomar, a seu cargo, a direção moral e educacional do COB, para o que promoverão conferências instrutivas, a bem do aperfeiçoamento cultural dos associados.

Parágrafo Único. - Si apesar do veto dos Assistentes Eclesiásticos, a Diretoria ou Assembléia Geral insistir em manter a sua resolução, observar-se-á o seguinte: Tratando-se de cousas temporais, será o caso levado à Federação Estadual, respectivamente à Confederação Nacional dos Operários Católicos; tratando-se de cousas espirituais, depende da Autoridade Diocesana.⁵⁵

Ora, o estatuto parece não deixar dúvidas quanto ao poder que centralizavam em suas mãos os assistentes eclesiais. O COB tinha na figura do assistente eclesial o seu verdadeiro tutor. Portanto, do ponto de vista da análise dos estatutos do COB a margem de autonomia da direção circulista era praticamente nula. Esta falta de autonomia poderia provocar tensões entre a diretoria e o assistente eclesial, mas o fato de os seus membros serem, normalmente, pessoas próximas ao assistente - que, aliás, colaborava nas discussões para a formação das chapas a serem apresentadas nas eleições - deixava pouco espaço para as tensões internas. Além disto, um fator de ordem pessoal contribuía imensamente para que esta estrutura não fosse questionada. Trata-se da presença de Frei Hildebrando Kruthaup que durante vários anos seguiu à frente do movimento como o seu assistente eclesial. O prestígio de Frei Hildebrando no meio circulista era muito grande para que um diretor ousasse questioná-lo. Mas isto já faz parte, em

⁵⁵Cf. Estatuto do COB de 1951, art. 27º.

boa medida, do problema tratado a seguir, o da estrutura extra-oficial de poder no COB.

Ao falar em estrutura extra-oficial de poder se tem em mente o prestígio que algumas pessoas tinham no COB. Um bom exemplo disto foi Irmã Dulce que mesmo sem fazer parte da diretoria do COB mantinha uma grande influência junto à direção da entidade. Também o pai de Irmã Dulce, o Dr. Lopes Pontes, tinha muita influência no COB. Era comum a presença de Lopes Pontes em reuniões da diretoria, da Assembléia Geral e em eventos importantes na vida da entidade - a exemplo da visita do Governador Lomanto Júnior ao Colégio Circulista.⁵⁶

Outras pessoas também tinham prestígio, dentre estas a maioria era composta por dirigentes e ex-dirigentes. Era o caso, por exemplo, de José Luiz G. Bastos, primeiro presidente da entidade, Jacinto Manoel dos Anjos, que ocupou diversos cargos na diretoria do COB, além de alguns outros. Na qualidade de circulistas experientes estas pessoas eram sempre consultadas pelos diretores quando havia alguma decisão a ser tomada. Todos eles, à exceção de Irmã Dulce, constituíam-se numa espécie de conselheiros da entidade, com autoridade e respeito inquestionáveis no meio circulista. Irmã Dulce diferia dos demais, posto que fosse também uma "conselheira", sua área de influência e de interesse era maior. Nos capítulos posteriores desta dissertação ficará claro o tipo de relação que ela mantinha com o COB. Por um lado ela contribuía para o crescimento da entidade e, por outro, fazia uso dela para desenvolver os trabalhos assistenciais característicos de toda a sua vida. Irmã Dulce, mais do que uma "conselheira", foi, como freqüentemente diziam os circulistas, a "Mãe do Círculo Operário da Bahia".

⁵⁶Ver a seção de fotos desta dissertação.

Contudo, isto a que chamo de estrutura extra-oficial de poder terminou por ser oficializado em 1962, com a reforma dos estatutos. A partir daí passa a ser oficial a figura do conselheiro, que era um cargo vitalício. Naquela momento foram elevados à categoria de conselheiros do COB, além de Luiz Bastos, Jacinto dos Anjos e Lopes Pontes, todos os componentes da diretoria encabeçada pelo presidente Alyrio de Lima Telles.

O estatuto de 1962 modificou bastante a estrutura interna do COB. Mas, estas mudanças serão tratadas num capítulo posterior, no bojo de uma narrativa que as torna mais compreensíveis nos seus principais fundamentos.

CAPÍTULO III

UMA HISTÓRIA DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA

Em 1936, na Casa de Santo Antonio, foram realizadas várias reuniões visando a fundação do Círculo Operário da Bahia (COB). Delas participaram operários e algumas pessoas de destaque na sociedade baiana, a exemplo do Dr. Lopes Pontes, pai da conhecida freira baiana Irmã Dulce, e do Dr. Geraldo Mota, ilustre médico baiano.⁵⁷ A liderança da iniciativa coube ao Frei Hildebrando Kruthaup, que, à época, como diretor espiritual da Congregação Mariana vinha realizando um grande trabalho. Sob sua direção a Congregação Mariana construiu dois cinemas, o cine itapagipe e o cine excelsior e conheceu, ao que parece, seu período de maior vitalidade. Justamente por ser Frei Hildebrando diretor espiritual da Congregação Mariana é que a maior parte dos participantes daquelas reuniões eram membros dessa organização, inclusive o primeiro presidente do COB, o sr. José Luiz Guimarães de Araújo Bastos, funcionário da Rede Ferroviária Leste Brasileiro.

Mas não foi somente pela iniciativa de Frei Hildebrando que o COB surgiu. A Irmã Dulce Lopes Pontes, naquela mesma época, "fazia um grande trabalho de evangelização na península de Itapagipe"⁵⁸. Ao longo deste trabalho foi surgindo a idéia de organizar, em Itapagipe, uma União Operária. Com este intuito já vinham sendo preparados por ela alguns operários ali residentes.

⁵⁷Estas informações foram dadas pelo Sr. Albertino Esperidião Alves, único sócio fundador do COB ainda vivo. O depoimento dado pelo Sr. Albertino - associado número 06 do COB - teve grande importância para este trabalho por se tratar de um circuilista da primeira hora, conhecendo, por isso, alguns aspectos importantes sobre a história do COB que, sem registros documentais, jamais poderiam ser abordados sem o seu depoimento.

⁵⁸Cf. depoimento do Sr. Albertino Esperidião Alves.

Quando da fundação da União Operária de São Francisco (UOSF), em 10 de janeiro de 1937, já estavam trabalhando juntos Frei Hildebrando e Irmã Dulce. Não demorou muito tempo para que a UCSF se transformasse no Círculo Operário da Bahia, numa iniciativa do Frei Hildebrando que, por possuir uma visão política bem maior que a de Irmã Dulce, sabia da importância de aderir ao movimento nacional dos círculos operários e das vantagens que poderiam advir daí. É confirmador da proeminência do Frei Hildebrando na organização do movimento, o fato de a escolha do Presidente da entidade ter recaído sobre o nome de José Bastos, que mantinha uma estreita relação com aquele sacerdote.⁵⁹

A fundação da UOSF teve bom espaço na imprensa baiana. No jornal "A Tarde" foi publicada uma matéria - com uma foto da sede da entidade situada à Rua Lelis Piedade, 109, em Itapagipe - com o título "Mais uma obra de beneficência da "Casa de Santo Antonio". Na matéria lê-se:

Como toda a Bahia sabe, a Irmã Dulce, da Ordem das Concepcionistas da Penha, vinha já trabalhando, há mais de um anno, entre a classe operaria naquella zona. Crescendo o movimento, cogitou-se de fundar uma grande organização operaria, cuja direcção foi confiada a Frei Hildebrando Kruthaup, diretor da CASA DE SANTO ANTONIO, que, por sua vez, obteve autorização para applicar a

⁵⁹É importante destacar a proeminência do Frei Hildebrando frente ao movimento devido às divergências surgidas anos mais tarde entre ele e Irmã Dulce, que acabaram proporcionando uma divisão interna no COB entre duas facções: a dos que apoiavam o "pai" do Círculo e os que ficaram ao lado da "mãe". O que levou a uma discussão sobre qual dos dois haveria fundado o COB.

renda da referida Casa em prol da construção e instalação de uma sede própria para os Operários.⁶⁴

A matéria ainda traz uma descrição da sede, que tinha uma cooperativa, posto médico, farmácia, salão que servia para aulas noturnas, reuniões e lazer, além de uma biblioteca. Um outro jornal deu cobertura ainda maior ao evento. "O Imparcial" publicou integralmente, nos dias 12 e 13 de janeiro de 1937, o longo discurso proferido por José Bastos por ocasião da fundação da UOSF.⁶⁵

O bom espaço obtido junto à imprensa baiana era um reflexo, sobretudo, do prestígio social que tinham Irmã Dulce, por via do seu pai, o Dr. Lopes Pontes, e Frei Hildebrando, àquela altura uma pessoa já bastante conhecida na sociedade baiana por sua obra social.

Como foi dito anteriormente, a idéia de trazer o movimento circulista para Salvador antecedia a fundação da UOSF, que nasceu predestinada a transformar-se em Círculo Operário da Bahia. Não há vestígios documentais que permitam afirmar com exatidão quando ocorreu a transformação da entidade, mas convém lembrar que naquele mesmo ano de 1937, o Frei Hildebrando foi convidado pelo Pe. Leopoldo Brentano a participar do primeiro Congresso Operário Católico, realizado no Rio de Janeiro em novembro daquele ano. É provável, portanto, que, em sua volta do Rio de Janeiro, o Frei Hildebrando tenha apressado a transformação da UOSF, colocando em prática as resoluções do congresso que aprovou, dentre outras coisas, a "Fundação de Círculos Operários em

⁶⁴Cf. Jornal "A Tarde", de 11/01/1937, p.2.

⁶⁵Cf. "O Imparcial", de 12 e 13/01/1937. O discurso do Sr. José Bastos, na íntegra, encontra-se nos anexos desta dissertação.

todos os centros de trabalho, como organização básica para tôdas as realizações do programa católico no campo econômico-social, por parte do operariado". Desta forma, é possível que o COB tenha tomado o lugar da UOSF a partir de inícios de 1938.

As mudanças mais significativas ocorridas na entidade ao passar a se denominar Circulo Operário da Bahia foram a confecção de um estatuto⁶² de acordo com os princípios da CNOC, a adoção dos métodos e símbolos do circulismo no Brasil, a filiação da entidade junto à CNOC e a cobrança de mensalidades no valor de \$500 ao corpo de associados. A época da UOSF não havia cobrança de mensalidades. A entidade, segundo José Bastos, mantinha-se através da renda de um cinema e dos auxílios de algumas pessoas da sociedade baiana, a exemplo do comendador Martins Catarino e do Sr. Ranulpho Pimentel.⁶³

A entidade, ainda sob o nome de União Operária de São Francisco, segundo um periódico local, chegou a contar em suas fileiras com 3000 associados.⁶⁴ Pode-se supor que este número seja exagerado, mas infelizmente não foram encontrados dados mais exatos sobre o número de associados. Mesmo assim, a partir de dados coletados em matérias publicadas em periódicos de Salvador, pode-se levantar o seguinte quadro de evolução do número de sócios do COB:

⁶²Não foi encontrado durante a pesquisa realizada nenhum estatuto da UOSF.

⁶³Cf. entrevista dada pelo Sr. José Bastos ao jornal carioca "O Globo", em 22/09/1937.

⁶⁴Cf. "O Imparcial", de 07/11/1937.

ANO	NÚMERO DE SÓCIOS
1938	3000
1939	4000
1941	5000

Fonte: jornais "A Tarde" e "O Imparcial"⁶⁵

Contudo, esta lacuna no acervo documental pesquisado não impede a constatação de um crescimento da organização numa velocidade impressionante. No mesmo ano de sua fundação a UOSF inaugurava a sede provisória do núcleo central, situado na Casa de Santo Antonio, ao lado do convento de São Francisco, no Terreiro de Jesus. Naquele momento já se pensava na criação de um novo núcleo no Rio Vermelho.⁶⁶ Em 1940, já se chamando Círculo Operário da Bahia, era inaugurado na rua Dr. J.J. Seabra, o Edifício Pax, construído pela Comunidade Franciscana da Bahia, em seu próprio terreno. A mudança das instalações do núcleo central, bem como da sede do COB, para o Edifício Pax foi um marco importante na história do circulismo na Bahia. A nova sede do COB era, à época, uma construção imponente para os padrões baianos. Nela funcionava um cinema, o Cine Pax, de propriedade do COB, um ambulatório médico, um consultório odontológico. A sala de projeção era utilizada, também, como auditório, no qual eram realizadas as reuniões mensais do COB e também as conferências e seminários por ele promovidos. Não há dúvida que estes empreendimentos atestam o crescimento da entidade. Mas, para além disto, há um fato que

⁶⁵É bom lembrar que estes dados foram coletados em depoimentos de diretores do COB à imprensa baiana e podem não corresponder exatamente ao verdadeiro número de associados. Mesmo assim, eles servem como um referencial importante para uma análise sobre o crescimento do movimento na Bahia.

⁶⁶Cf. "O Imparcial", de 07/11/1937.

demonstra, inequivocamente, a força do COB. Trata-se das comemorações realizadas em decorrência do quinquagésimo aniversário da *Rerum Novarum*, em maio de 1941, quando o COB organizou manifestações públicas que chegaram a contar com mais de cinco mil pessoas.⁶⁷

Após constatar que o COB tem um ritmo de crescimento muito acelerado, surge inevitavelmente a pergunta: por que e como o COB conseguiu desenvolver-se com tal rapidez? A explicação para o problema exige uma melhor compreensão da prática circulista em seu contexto específico ou, como diria Paul Veyne, é necessário fazer compreender a intriga.⁶⁸

O COB, desde a sua origem, se caracterizou fortemente por uma postura assistencialista. No discurso de fundação da UOSF, proferido pelo Sr. José Bastos, já ficava clara a predisposição da entidade para privilegiar como campo de ação a assistência social ao trabalhador.⁶⁹ Além disso, as próprias atividades desenvolvidas na recém-fundada sede da UOSF são indicadoras da prática da entidade, que não sofrerá modificações com a sua transformação em círculo operário. A sede abrigava um posto médico, com salas de consultas, de curativos e de pequenas cirurgias, uma farmácia que vendia a preços de custo ou mesmo doava medicamentos, além de um "departamento recreativo com xadrez, dama, radio, gamão, bilhar,

⁶⁷Cf. Jornal "A Tarde", de 16/05/1941. Mais adiante estas comemorações da *Rerum Novarum* serão tratadas com a devida importância. No momento deve apenas ficar clara a evolução do COB, uma entidade que já se mostrava, após pouco mais de quatro anos de existência, capaz de mobilizar grande número de pessoas para uma manifestação pública.

⁶⁸Ver Paul Veyne, *Como se escreve a história*, Ed. 70, Lisboa, 1987, principalmente as páginas 107-137.

⁶⁹Ver Anexo I desta dissertação.

ping-pong..."⁷⁰. Talvez seja interessante mostrar os objetivos listados no primeiro estatuto do COB, que data provavelmente de 1938 e não sofreu modificações até o ano de 1951.

"Art. 2º - O Circulo Operario da Bahia tem por objectivo coordenar a actividade de seus associados dentro de uma organização forte e perfeita, para os seguintes fins:

1º - Prestar-lhe todo gênero de beneficios e defesa a saber:

a) Cultura intellectual, moral, social e physica, pela fundação ou adhesão de escolas, pela realização de conferencias, pela sã imprensa, pelo radio, cinema educativo, theatro, desportos, etc.

b) Protecção social, por assistencia carinhosa e efficiente nas oficinas, escolas e lares, advogando os interesses legitimos da classe.

c) Auxilio juridico, medico, pharmaceutico, dentario e material, pelas varias formas de beneficencia e mutuo socorro.

d) Syndicalisação das classes operarias.

e) Fundar e incentivar a fundação de cooperativas ou armazens circuilistas.

Existem mais dois objetivos além dos acima listados. Um diz respeito a questões internas do COB e outro às relações entre patrões e operários. Observando os objetivos da entidade constata-se que quatro deles são de caráter marcadamente assistencialista, levando a supor que por princípio o COB era uma organização voltada para este tipo de ação social. Os seus princípios foram coroados por sua prática, que não fugia em nada daquilo estabelecido em seus estatutos. O COB realmente cumpria todos os objetivos definidos no estatuto e chegou a ir além, ao instituir uma Caixa de Beneficência, que tinha como função o "socorro ao sócio enfermo, impossibilitado de trabalhar", bem como o "socorro à família do sócio falecido".⁷¹

⁷⁰Cf. jornal "O Imparcial", 12/01/1937.

⁷¹Cf. Art. 2º do Regulamento da Caixa de Beneficência do COB.

O COB não resumia suas atividades ao assistencialismo, que figurava no centro de suas preocupações. Contudo esta prática era responsável por exercer forte atração no meio operário, pois, nunca é demais lembrar, embora naqueles tempos começassem a ser regulados alguns direitos trabalhistas, os trabalhadores continuavam sem ter um sistema previdenciário com o qual pudessem contar no momento de uma doença ou acidente que invalidasse, temporariamente ou para o resto da vida, o trabalhador. Tampouco podiam contar com um sistema de saúde pública que os atendesse. Nesta situação não é difícil compreender a atração exercida, entre os trabalhadores, por uma associação que lhes garantisse este tipo de assistência cobrando uma mensalidade irrisória.

O assistencialismo deve ter contribuído de modo fundamental para o crescimento do COB, entretanto, não foi o único atrativo para o aumento do número de associados. Outras atividades contribuíram para isto. Dentre elas os cinemas⁷² de sua propriedade, nos quais os associados tinham direito a pagar meia entrada. Utilizando uma figura de linguagem, pode-se dizer que o COB tinha "boas mercadorias" à mostra em sua vitrine e, melhor ainda, não esquecera da "alma do negócio", a propaganda. Na diretoria da entidade havia o cargo de Delegado Geral, cuja função era, dentre outras, "Promover a fundação de novos núcleos, e dirigir a propaganda dos ideais circunistas"⁷³. Além do Delegado Geral, haviam os sub-delegados - auxiliares da diretoria, que se encarregavam de divulgar o trabalho e os ideais do COB em sua rua, bairro e local de trabalho. Portanto, a sua estrutura interna era

⁷²Mais adiante a questão da relação cinema-círculo operário será tratada com a devida importância. No momento interessa apenas mostrá-lo como mais um atrativo do COB para obtenção de mais associados.

⁷³Cf. Estatutos do Círculo Operário da Bahia, p. 13.

componente mais do que importante para a divulgação e conseqüente aumento do número de sócios do COB.

É preciso, todavia, reconhecer que todas estas características do COB, não são suficientes para compor um quadro explicativo sobre o que levou a organização a se desenvolver naquela rapidez. Falta abordar um outro fator, externo ao COB, que foi também responsável pelo seu crescimento. Trata-se da conjuntura política brasileira no período, que facilitava o desenvolvimento da iniciativa circulista. Vale lembrar que quando ocorreu o golpe instaurador do Estado Novo, havia apenas dez meses que tinha sido fundada a UOSF. Com isto quer-se chamar a atenção para o fato de que o grande *boom* inicial do circulismo na Bahia se deu em plena ditadura de Vargas. Isto porque o governo de Vargas, que já vinha desde 1930 promovendo uma grande perseguição aos comunistas no seio do movimento operário, com o golpe reforçou ainda mais esta perseguição. Desmantelando os setores mais combativos do movimento operário brasileiro, o governo favoreceu o desenvolvimento de movimentos como o circulismo, que não só o apoiava politicamente como também adotava uma postura corporativista, em muito semelhante àquela do MTIC, no que dizia respeito às relações entre capital e trabalho. Os círculos operários desempenharam tão bem a sua atividade que já em 12 de maio de 1941 era concedida à CNOC, pelo decreto nº 7.164, a prerrogativa de órgão técnico e consultivo do MTIC, o que trazia maior legitimidade ao movimento. Restringindo a observação à relação entre o COB e o Estado Novo na Bahia, é possível notar que havia um apoio mútuo. Não foram poucas as vezes que o Interventor Federal Landulfo Alves, visitou instalações do COB ou participou de manifestações por este promovidas. Em 1941, por exemplo, Landulfo Alves participou da grande concentração em comemoração ao quinquagésimo aniversário da *Rerum Novarum*.¹⁴ Além

¹⁴Cf. jornal "A Tarde", de 16/05/1941.

disto, o COB mantinha estreitas relações com a Delegacia Regional do MTIC, sempre pronta a auxiliá-lo no que fosse necessário. Sabe-se que alguns circulistas foram chamados pela Delegacia Regional do MTIC a ocupar cargos em diretorias de sindicatos baianos, numa clara demonstração da parceria entre as duas instituições.⁷⁵

Desta forma, a expressividade tão rapidamente conquistada pelo movimento circulista baiano, pode ser explicada (compreendida) através da combinação destes três fatores: a falta de uma previdência social, as atividades desenvolvidas pelo COB e, por último, mas não menos importante, a conjuntura política do período.

3.1 As comemorações do cinquentenário da *Rerum Novarum*

Em maio de 1941, como já foi dito, ocorreram as comemorações do quinquagésimo aniversário da *Rerum Novarum* e também do décimo aniversário da *Quadragesimo Anno*. Não foi a primeira vez que o COB organizou uma manifestação pública, em outras oportunidades já havia saído às ruas, mas nunca à frente de uma manifestação tão grande.

A mobilização em torno do evento pode ser seguida através dos periódicos baianos. Já em março de 1941 era publicada uma matéria no jornal "A Tarde", informando sobre uma reunião do COB, no cine Pax, que contou com cerca de 2.000 associados, na qual o principal assunto tratado foi a organização das comemorações do

⁷⁵ Infelizmente na documentação encontrada na Secretaria do COB não há informações sobre o assunto. Os principais vestígios encontrados sobre a participação de circulistas na direção de sindicatos são algumas poucas matérias em jornais baianos que, de modo *en passant* e indireto, tocam no assunto, além de um livreto destinado à propaganda do COB, que traz uma foto de uma das reuniões realizadas na Casa de Santo Antonio com líderes sindicais (circulistas) baianos.

aniversário das encíclicas.⁷⁶ Naquela mesma oportunidade o sr. José Bastos subia à tribuna para falar sobre os preparativos das comemorações em outras partes do país, como forma de destacar a importância de que fossem iniciados os trabalhos de organização dos festejos aqui na Bahia.

No dia 09 de maio daquele mesmo ano, numa destacada matéria do jornal "A Tarde", era publicado o programa das festividades, o qual foi concretizado sem praticamente nenhuma modificação. No início das solenidades houve uma missa celebrada pelo Arcebispo da Bahia, D. Augusto Álvaro da Silva, na catedral basílica. Logo após, no Cine Pax, ocorreu a abertura solene das comemorações presidida pelo Prof. Isaias Alves de Almeida, Secretário de Educação e Saúde, representando o Interventor Federal Landulfo Alves de Almeida. Na verdade foram cinco dias de comemorações, nos quais foram realizadas dez palestras⁷⁷, na sede

⁷⁶Cf. Jornal "A Tarde", de 11/03/1941. Matéria de conteúdo semelhante foi publicada no jornal "O Imparcial" do mesmo dia.

⁷⁷Segue aqui uma relação dos palestrantes e dos seus respectivos temas.

- Dr. Antonio de Oliveira Dias (Diretor do Instituto Normal da Bahia) - "O direito de propriedade e a *Rerum Novarum*";
Sr. José Bastos (Diretor do COB) - "Os círculos operários do Brasil e a *Rerum Novarum*";
Dr. Valdemar Tourinho de Abreu (Acadêmico da Fac. de Direito da Bahia) - "O capitalismo e a *Rerum Novarum*";
Dr. Guilherme Marback (Diretor da Escola Comercial da Bahia) - "Dever do Estado";
Sr. João Pacifico de Souza - "Como se procurou resolver a questão";
Dr. Luiz Lago Araújo (Delegado do IAPC) - "O dever e os direitos do trabalhador";
Sr. Nicolau Torres - "O salário mínimo e a família";
Dr. Fernando São Paulo - "A harmonia do capital e trabalho: fundamento da paz";
Sr. Publico José Correia (Presidente do Sindicato da Estiva) - "A legislação trabalhista no Estado Novo e a *Rerum Novarum*";
Frei Hildebrando Kruthaup - "As reivindicações trabalhistas e a *Rerum Novarum*".

do COB, precisamente no salão de projeção do Cine Pax. Os eventos contaram com grande apoio das autoridades governamentais baianas, a ponto de a Secretaria de Educação e Saúde determinar que fossem feitas preleções alusivas às festas jubilares das Encíclicas em todas as escolas baianas.

No dia 15 de maio, o COB organizou, à tarde, um desfile de alunos dos seus vários cursos, que após percorrerem o centro da cidade se dirigiram ao Palácio Rio Branco para homenagear o Interventor Federal. Naquele mesmo dia, às 20 horas, houve a grande concentração no cruzeiro de São Francisco. Segundo a imprensa baiana, reuniram-se naquela praça mais de cinco mil pessoas. O ato contou com a presença de muitas autoridades baianas, destacando-se Landulfo Alves, que fez o discurso de encerramento da comemoração. A presença da maior autoridade do Estado em uma manifestação organizada pelo COB denota não somente a estreita relação entre a entidade e o Estado Novo na Bahia, mas também a afinidade entre ambos naquilo que diz respeito às questões referentes às relações entre o capital e o trabalho. É importante ressaltar que não era apenas na Bahia que este fato se verificava. Em todo o país houve comemorações pelo cinquentenário da *Rerum Novarum*, inclusive no Rio de Janeiro, onde D. Sebastião Leme e o Pe. Leopoldo Brentano foram os principais organizadores das manifestações. O apoio de Vargas tanto à doutrina social da Igreja quanto às organizações católicas que atuavam no meio operário brasileiro era mais do que público. Além de todo o governo manifestar-se publicamente a favor dos ensinamentos das encíclicas sociais, no dia 12 de maio de 1941, data em que ocorriam as referidas comemorações, era assinado o decreto que dava ao órgão central dos círculos operários a prerrogativa de "órgão técnico e consultivo do MTIC".

Cf. os jornais "A Tarde", de 09/05/1941 e "O Imparcial", dos dias 11, 13 e 16/05/1941.

A aliança entre o governo de Vargas e a Igreja católica brasileira era algo latente desde pouco após a Revolução de 30, mas talvez tenha sido naquele ano de 1941 que ela se tornou mais explícita. Pode-se notar que os discursos realizados em torno das festividades das grandes encíclicas sociais sempre tinham a preocupação de demonstrar a similitude entre a obra realizada pelo Estado Novo e as orientações seguidas pela Igreja no que dizia respeito à "questão social".⁷⁸ Além disto, havia por parte dos dirigentes do COB uma grande demonstração de solicitude para com o governo, é o que se depreende do discurso pronunciado pelo sr. José Bastos, anotado por um repórter do jornal "O Imparcial", na concentração do dia 15 de maio, que constitui apenas uma dentre muitas manifestações desta postura.

"Trazia [o sr. José Bastos] ao chefe do governo bahiano a saudação amiga e leal dos 5000 associados que conta o Círculo. Todos eles trabalham dentro da ordem, do respeito às autoridades constituídas do país, e a prova do que acabava de dizer estava no Decreto que o chefe do governo nacional, o Presidente Getulio Vargas, acabava de assinar, considerando a CNOC, como órgão consultivo e deliberativo(sic) do Ministério do Trabalho. Podia pois, o governo da Bahia, representado pelo seu ilustre interventor Dr. Landulfo Alves, contar com a colaboração do Círculo, ao qual tem s.s. prestado relevantes benefícios..."⁷⁹

⁷⁸É o caso, por exemplo, do discurso do sr. Públio José Correia que tratava da legislação trabalhista no Estado Novo e a *Rerum Novarum*.

⁷⁹Cf. jornal "O Imparcial", de 16/05/1941.

O trecho transcrito acima deixa claro o tipo de relação existente entre o COB e as autoridades governamentais da Bahia e do Brasil. Mas evidencia, outrossim, que não se tratava de um apoio desinteressado, não era uma relação de mão única. Em troca do seu apoio ao governo o COB obtinha favores que variavam desde o prestígio emprestado pelo interventor federal, ao demonstrar sua afeição pelo movimento, a incentivos financeiros.⁸⁰

Retomando a questão das comemorações das encíclicas sociais na Bahia, ainda é necessário ressaltar a ampla cobertura dada ao evento pelas rádios e pelos jornais locais. Nenhum jornal deixou de publicar matérias sobre o assunto. O jornal "O Imparcial", além de cobrir os eventos, publicou vários artigos sobre as encíclicas sociais e, durante a semana comemorativa, publicou, na íntegra, a *Rerum Novarum*. A mesma coisa ocorreu com o jornal "A Tarde" e outros jornais baianos. Nas emissoras de rádio de Salvador foram transmitidos programas nos quais eram realizadas palestras sobre a doutrina social da Igreja e sobre a legislação trabalhista brasileira. A importância que a imprensa, tanto escrita quanto radiofônica, deu ao evento deve ser encarada como um elemento que permite perceber, em certa medida, as dimensões atingidas por aquelas comemorações. Sabendo, assim, ter sido um fato que foi de amplo conhecimento da população soteropolitana, é possível afirmar que o COB tem nele um marco importante da sua história. Afinal, como um dos principais organizadores dos atos comemorativos, ele teve seu nome colocado em grande evidência, tal qual nunca houvera antes tido. Foi, possivelmente, a partir daquela data que a grande maioria dos habitantes de Salvador passou a conhecer - ou talvez a conhecer melhor - o COB.

⁸⁰Mais adiante este tema será tratado com maior detalhamento.

3.2 O COB após as comemorações da *Rerum Novarum*

Encerrada a semana comemorativa do cinquentenário da *Rerum Novarum* o COB voltou ao seu trabalho habitual de assistência aos seus associados e pessoas carentes de Salvador, às quais a entidade também auxiliava. É evidente que continuava, com maiores resultados, o seu projeto de expansão, conquistando a cada dia um maior número de sócios. Durante o restante do ano de 1941 só mais um evento trouxe o COB às páginas dos jornais. Tratou-se das comemorações em torno do quarto aniversário do Estado Novo. O círculo, naquela ocasião, realizou uma solenidade no Edifício Pax, "na qual tomaram parte representantes de vários sindicatos e sócios dos vários Núcleos".¹¹ A reunião foi presidida por Antonio Uchôa, delegado do trabalho e teve como oradores o sr. José Bastos, o sr. Agnelo Lima (presidente do COB) e, por último, o Frei Hildebrando Kruthaup (Assistente Eclesiástico da entidade). Todos os oradores se preocuparam em demonstrar os benefícios auferidos pelos trabalhadores brasileiros durante o governo de Getúlio Vargas.

Se o ano de 1941 reservou gratas surpresas para o COB, que alcançou rapidamente grande prestígio junto à sociedade baiana, o mesmo não pode ser dito de 1942. Embora continuasse ao lado das autoridades governamentais e sem se desviar, sequer por um momento, do projeto da Igreja católica brasileira, o movimento circulista baiano enfrentou sérias dificuldades junto à população de Salvador naquele ano.

Foi em 1942 que a Segunda Guerra Mundial começou a produzir efeitos mais diretos sobre o país. Até antes daquela data o governo brasileiro era simpático às potências do Eixo, ainda que não tornasse pública essa simpatia. Mas, após os acontecimentos de

¹¹Cf. jornal "A Tarde", de 11/11/1941.

Pearl Harbor (7 de dezembro de 1941) o governo norte-americano exerceu uma forte pressão junto aos países americanos para que tomassem uma posição mais firme em relação ao conflito. A partir daquele momento as repercussões da guerra começaram a ser sentidas com maior intensidade⁸². Entretanto, o acontecimento que causou efetiva mobilização dos soteropolitanos foi o afundamento de navios da marinha mercante brasileira a partir de fevereiro de 1942. Os incidentes provocaram grande revolta na população e no dia 12 de março, houve a depredação da loja de charutos Danneman & cia., de propriedade de descendentes de alemães.⁸³ A situação era tensa e nos meses de agosto e setembro, com o torpedeamento de mais cinco navios mercantes brasileiros, as manifestações contra o Eixo tornaram-se mais frequentes e mais fortes. O ódio contra as potências do Eixo acabou por transformar-se em verdadeira xenofobia. Além da vigilância a todos os estabelecimentos comerciais cujos proprietários fossem alemães, italianos, japoneses, ou seus descendentes, os meios de comunicação incentivavam a população a se precaver contra todo e qualquer estrangeiro. Um periódico local chegou a publicar uma charge na qual o personagem dizia:

"- Eu sou alemão, mas não sou nazista!"

No rodapé do quadrinho lia-se: "Não confie nele"⁸⁴.

O clima de xenofobia que se instaurou na Bahia naqueles tempos, terminou por criar dificuldades para o COB. Em fins de setembro a entidade "promoveu reuniões extraordinárias, a fim de expurgar de seus quadros todo aquele que tivesse algum vínculo com

⁸²Cf. Consuelo N. Sampaio, A Bahia na II Guerra Mundial, in Revista da Academia de Letras da Bahia, mar. 1996, nº 42, p. 136.

⁸³Cf. Id. Ibid., p. 136.

⁸⁴Cf. o jornal "O Estado da Bahia", de 23/09/1942

países do Eixo"⁸⁵. A preocupação do COB se explicava pela sua ligação com a Comunidade Franciscana da Bahia, que era majoritariamente formada por clérigos alemães. Mesmo com o afastamento de Frei Hildebrando Kruthaup do cargo de assistente eclesiástico do círculo operário, pelo fato de ser alemão - seguindo uma instrução de Dom Augusto Alvaro da Silva, que exigiu o afastamento dos alemães da direção de instituições religiosas⁸⁶-, o COB não conseguiu desvincular-se da desconfiança daqueles que o viam como uma entidade vinculada aos alemães⁸⁷. A situação do COB era muito difícil, tendo em vista que não podia se desligar inteiramente da Comunidade Franciscana sem com isto enfrentar sérias perdas. Os cinemas Pax e Santo Antonio, pertencentes à Comunidade Franciscana, eram responsáveis pela maior parte das rendas do COB, que recebia 70% do montante arrecadado por aquelas casas de projeção. Em caso de separação das instituições o movimento circulista teria que abrir mão desta que era a sua principal fonte de renda.⁸⁸

Na verdade o fim das relações entre o COB e a Comunidade Franciscana poderia significar o fim daquela associação. Deste modo, os circulistas baianos preferiram não arriscar e mantiveram as ligações pré-existentes com os franciscanos, embora, no período mais tenso da guerra, buscassem demonstrar ao público uma certa distância entre as instituições. Porém, isto não era fácil. Mesmo

⁸⁵Cf. Consuelo N. Sampaio, art. cit., p. 146.

⁸⁶Ver Frei Hugo Fragoso, O Círculo Operário da Bahia, Revista da Província Franciscana de Santo Antonio, Recife, 1986, p. 35.

⁸⁷Com o afastamento de Frei Hildebrando Kruthaup do cargo de assistente eclesiástico do COB, assumiu a função o, também franciscano, Frei Joaquim da Silva.

⁸⁸Ver Id. Ibid., p. 35

dando, com freqüência, demonstrações do seu apoio ao governo Vargas¹⁹, de vez em quando as desconfianças com relação ao COB se faziam sentir nos jornais da cidade. Em junho de 1942 - época em que o Frei Hildebrando Kruthaup ainda continuava exercendo o cargo de assistente eclesiástico da entidade -, um jornal de Salvador publicava uma matéria intitulada "Assim é propaganda nazista!", com direito a uma foto bastante destacada do cartaz cinematográfico exibido na fachada do Cine Pax. Após fazer alguns comentários sobre a propaganda pró ou contra o nazismo, passa a fazer considerações sobre o cartaz do Cine Pax.

"O cine Pax, que pertence a uma sociedade cujo diretor espiritual e figura de maior projeção é um frade alemão, está anunciando a exibição de um filme anti-nazista.

Até ai, nada de importancia. Contudo, no lugar mais destacado da fachada da aludida casa de diversões, o maior dos cartazes contém uma enorme, perfeitamente colorida, cruz "swastica"!

Sobre a mesma, quasi imperceptível, um ridiculo V cõr de cinza, desenhado em traços leves.

O fato tem causado justos reparos e o clichê que estampa esta notícia é bem uma demonstração dessa original maneira de fazer propaganda em favor da democracia. Nem se venha aludir à

¹⁹O jornal "O Imparcial", de 19/04/1942, por exemplo, publicava uma matéria sobre as homenagens da Bahia ao aniversário de Getulio Vargas. Nela continha um sub-tópico informando sobre a programação do COB, que iria organizar uma sessão solene, presidida pelo delegado regional do trabalho, para comemorar o "natalício" do presidente. No mesmo jornal, em sua edição imediatamente posterior aos eventos que marcaram aquelas comemorações, diz-se que a sessão solene realizada pelo COB contou com a presença de cerca de 2.500 associados dos vários núcleos daquela entidade.

frase que ensina o cartaz em aprêço, porque o número de analfabetos ainda é bem grande na cidade, e todo êles, com excessão dos cegos, vêm e gravam na retina a diferença de poderio entre a cruz e o V do cartaz do Pax."⁹⁰

A matéria torna nítida a desconfiança com que passaram a ser tratados tanto o Frei Hildebrando Kruthaup quanto o COB. Mesmo exibindo um filme anti-nazista, colaborando deste modo com a política pró-aliados, não eram poupados das denúncias de supostas ligações com o nazismo. É bom lembrar que no mês de março daquele mesmo ano já havia ocorrido uma batida policial no Convento de São Francisco, quando foram apreendidos vários exemplares do periódico católico *Mensageiro da Fé*, que era publicado pela Comunidade Franciscana da Bahia e do qual havia sido Frei Hildebrando diretor. Segundo Consuelo Sampaio, a apreensão se deveu ao fato de que "os policiais viram nele um instrumento de propaganda nazista, porque um de seus artigos, "Guerra Moderna", estampava fotos de tanques, lanchas, torpedeiras e aviões da Alemanha, com legendas que foram consideradas 'muito elogiosas'".⁹¹ Embora nunca tivesse havido qualquer ligação entre a Comunidade Franciscana da Bahia e o nazismo, era difícil comprovar isto para uma população tomada por uma espécie de delírio xenófobo.

Sem poder prescindir do apoio da Comunidade Franciscana, mas também sem querer perder o espaço já conquistado na sociedade baiana o COB procurou todas as formas possíveis para não ter manchado o seu prestígio. A entidade participou de todas as manifestações, organizadas pelas autoridades governamentais, contra o nazi-fascismo. Em novembro de 1942 não deixou de prestar suas

⁹⁰Cf. "O Imparcial", de 30/06/1942.

⁹¹Cf. Consuelo N. Sampaio, art. cit., p. 146.

homenagens ao quinto aniversário do Estado Novo, realizando no Cine Fax uma grande reunião operária.⁹² Continuando com o seu trabalho de assistência social, participando de atividades pró-aliados e sempre mantendo boas relações com o governo, o COB buscava evitar que lhe fosse imputada a imagem de "suspeito nazi-fascista".

Não é possível calcular até que ponto, naquele momento, o prestígio da entidade foi abalado. Todavia, pode-se afirmar que o período de 1942 até o final da guerra significou uma conjuntura de refluxo para o movimento circulista baiano, que apesar da crise enfrentada conseguiu conservar boa parte do seu prestígio e retomar, logo após o fim da guerra, o seu desenvolvimento. Em 1945 o COB partiu para uma campanha de divulgação do seu trabalho, fazendo uso, dentre outros expedientes, da publicação de um livreto propagandístico - ilustrado com diversas fotografias - sobre as atividades desempenhadas pela entidade em seus oito anos de existência.⁹³ O livreto informava também sobre os direitos e deveres dos associados do círculo. Entre os deveres pode-se destacar o primeiro que era "cultivar as virtudes que dignificam a sua classe: assiduidade ao trabalho, espírito de ordem, sobriedade, economia", o quarto que dizia respeito ao pagamento da mensalidade no valor de Cr\$ 1,00 e o quinto, "assistir às reuniões (uma vez por mês). Os direitos contavam com uma lista bem mais farta. Segundo o livreto o associado do círculo podia frequentar, sem pagar qualquer taxa, a sede e o salão de recreio com rádio e jogos de mesa, tinha o direito de matricular-se, em qualquer um dos cursos mantidos pela entidade (esse direito era extensivo à família do associado), além de contar com assistência médico-odontológica gratuita. Havia ainda os "direitos pagos com abatimento". Dentre estes figuravam a aquisição de remédios a preço de custo na farmácia do COB, pagar

⁹²Cf. jornal "O Estado da Bahia", de 08/11/1942.

⁹³Cf. Círculo Operário da Bahia, Salvador, 1945.

meia entrada nos cinemas Pax e Itapagipe.³⁴ O livreto soava como uma tentativa de apagar os mal-entendidos do passado, representava um esforço do círculo no sentido de reafirmar sua imagem de grande instituição operária e beneficente perante a sociedade baiana. O certo é que, livre dos delírios xenófobos provocados pela guerra e que o colocaram sob suspeição, o COB, após a guerra, tornaria-se ainda mais forte do que foi no passado.

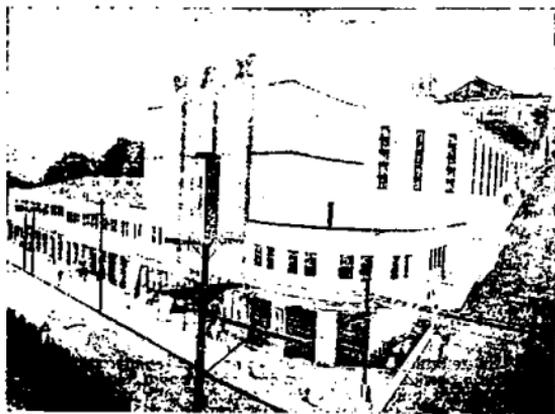
O movimento circulista baiano parece contrariar a tese - defendida por autores como Ralph Delia Cava e Howard Wiarda - de que os círculos operários "desmoronaram abruptamente ao ser retirada a proteção do Estado Novo"³⁵. Se se toma como exemplo o caso do circulismo baiano pode-se afirmar, sem sombra de dúvida, que não houve qualquer retrocesso em sua evolução, muito pelo contrário. E é a história do COB neste período que se estende de 1945 - ano que marca tanto o final da guerra quanto o final da ditadura Vargas - até inícios da década de 1960, que será tratada nos próximos capítulos desta dissertação.

³⁴Cf. Ibid.

³⁵Ver Ralph Delia Cava, art. cit., p. 19.

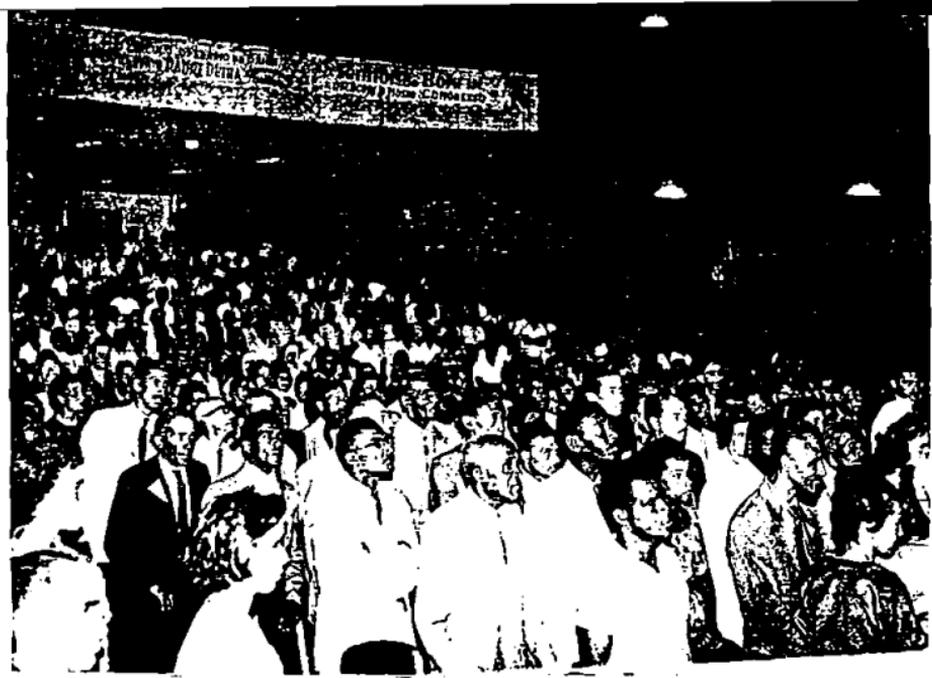
DESCRIÇÃO DAS FOTOGRAFIAS

- Foto 1: Primeira sede do COB - Rua Lélis Piedade
- Foto 2: Edifício Pax - Sede do núcleo central do COB
- Foto 3: Edifício Beneficência Operária - Largo de Roma
- Foto 4: Da esquerda para a direita: Frei Hildebrando Kruthaup, um gerente do Cine Roma, Alyrio Telles e Henrique Sodré
- Foto 5: Jacinto Manuel dos Anjos
- Foto 6: Manifestação pública do COB nas ruas da Cidade Baixa, em 1938
- Foto 7: Concentração pública no Cruzeiro de São Francisco, no Largo do Terreiro de Jesus, em decorrência das comemorações do 50º aniversário da Encíclica *Rerum Novarum*
- Foto 8: 1º Congresso Estadual dos Círculos Operários da Bahia
- Foto 9: Reunião da Ala Feminina no Cine Roma
- Foto 10: Irmã Dulce cuidando de uma paciente
- Foto 11: Consultório odontológico do COB
- Foto 12: Irmã Dulce, na sede do COB, numa atividade recreativa, anima uma tropa de escoteiros mirins
- Foto 13: Irmã Dulce em visita a uma fábrica
- Foto 14: Formandos da Escola de Datilografia Santo Antonio - Turma de 1953
- Foto 15: Licenciados do Ginásio Circulista - Turma de 1967
- Foto 16: Da esquerda para a direita: Alyrio Filho, Florisval Ribeiro Ramos (Duilson), Maurílio Barboza, Pe. Pancrácio Dutra, Jacinto Manuel dos Anjos, Alyrio de Lima Telles, José Luiz Guimarães Bastos
- Foto 17: Visita do Gov. Lomanto Júnior à sede do COB no Largo de Roma. Ao seu lado o Sr. Lopes Pontes, pai de Irmã Dulce.
- Foto 18: Reunião do COB, gaudando as Forças Armadas do Brasil, pouco depois do Golpe Militar de 1964.





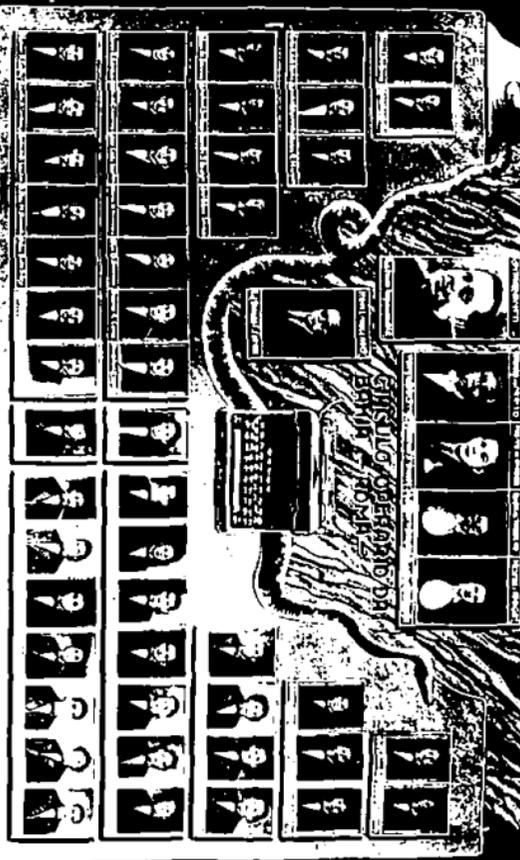






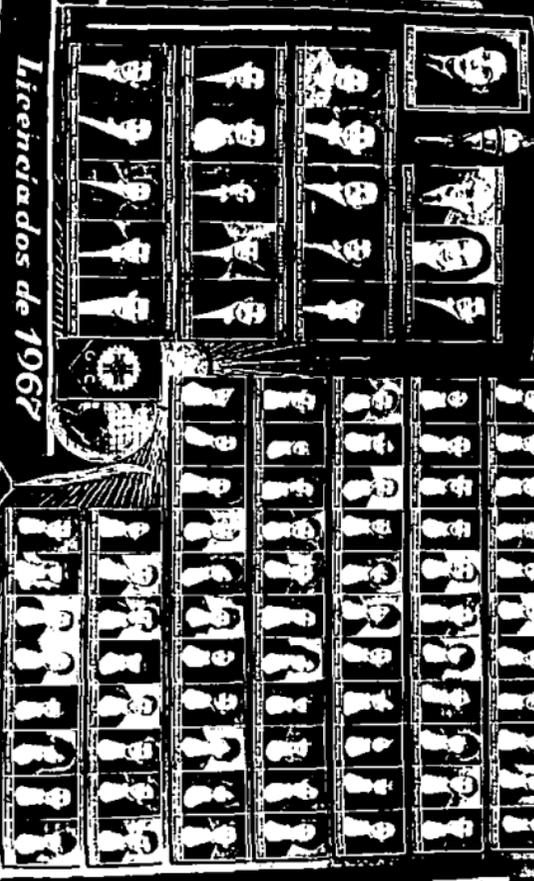


ESCOLA DE DACTILOGRAFIA DE SÃO ANTONIO



DACTILOGRAFOS DE 1953

GINASIO CIRQUELISTA



Licenciados de 1967



Ally in Pills

Portrait of J. P. Sartorius

Portrait of J. P. Sartorius



CAPITULO IV

O COB DE 1945 AO FINAL DOS ANOS 50

O movimento circulista no Brasil não enfrentou, no período mais tenso da guerra, as mesmas dificuldades que o COB teve na Bahia. Pelo contrário, o movimento continuou no mesmo ritmo de rápido crescimento. A evolução no número de associados e de novos círculos fundados em diferentes regiões do país demonstra isto claramente. Em fins de 1942 a CNOC contava com cento e cinquenta mil sócios, oriundos de 142 círculos operários; em meados do ano de 1946 os associados já somavam os duzentos mil.⁹⁶ Entretanto, como foi dito anteriormente, o COB, embora não tenha acompanhado o acelerado ritmo de desenvolvimento dos círculos operários de outras regiões brasileiras, conseguiu manter-se sem maiores prejuízos mesmo nos anos mais difíceis da guerra.

Em 1946 o COB não havia somente retornado à normalidade, ele já buscava fortalecer-se e crescer ainda mais do que em tempos passados. Como nunca deixou de apoiar as autoridades governamentais, fosse anteriormente a Getúlio, fosse naquele momento ao General Eurico Gaspar Dutra, contava com a simpatia das elites. Sem dúvida, este fato foi de grande importância para o êxito da associação, pois esta simpatia transformava-se em contribuições efetivas ao movimento. Não fosse, por exemplo, a colaboração do governo federal e dos setores economicamente mais fortes da Bahia, a construção do Edifício Roma - onde se instalaria a nova sede da entidade a partir de 1948 - seria inviabilizada. Entretanto, esta é apenas uma das faces da moeda. O circulismo

⁹⁶Cf. Arquivos do Quarto Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil, Rio de Janeiro, CNOC, 1942, p. 23 e Manifesto do 5º Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil, Rio de Janeiro, CNOC, 1946, p. 5.

baiano, como de resto todo o movimento circulista brasileiro, não pode ser compreendido apenas pela sua relação com o campo político - ou se se quiser, campo do poder -, ele precisa ser apreendido no conjunto das relações no qual estava inserido. Isto significa dizer que é necessário entender a dinâmica específica do que chamo de triedro relacional do circulismo. Ou ainda, que sob o ponto de vista teórico-metodológico adotado neste trabalho, a explicação para a ascensão e para o declínio do movimento circulista deve ser encontrada a partir da compreensão das relações que ele mantinha com o campo religioso, o campo político e o meio operário.

4.1 Primeiros tempos do pós-guerra: a retomada do desenvolvimento do COB

Dois eventos importantes marcam o ano de 1946 para o COB. O primeiro foi a sua participação, através de uma delegação, no 5º Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil e o segundo foi o seu reconhecimento como associação de utilidade pública, pelo decreto-lei nº 13.487, de 22 de julho. Ambos acontecimentos são indicativos da importância cada vez maior que vai adquirindo a entidade junto à sociedade baiana.

O COB conseguiu amplo espaço na imprensa baiana para divulgar sua participação no referido congresso, realizado entre os dias 20 e 24 de junho, no Rio de Janeiro. Embora fosse Jacinto Manuel dos Anjos o presidente da entidade, o principal líder circulista baiano continuava sendo José Bastos. Era este último, responsável pelas declarações à imprensa sobre o evento no qual iria participar como membro da delegação baiana. José Bastos que iria apresentar dois trabalhos em nome do COB, um intitulado "O movimento nacional operário" e outro "Os círculos operários no Brasil", fazia questão de assinalar que o congresso contava com o

patrocínio do Ministério do Trabalho, do qual era a CNOC órgão técnico e consultivo. Para além disso, esclarecia que o movimento circulista, como um todo, vinha, ao longo dos anos, colaborando com as inspetorias regionais do trabalho, que viam nele "um anteparo de todos os tempos ante a obra que o espírito do mal vem disseminando na alma do trabalhador brasileiro".⁹¹

Vale lembrar que aquela época marcava o início da experiência do movimento circulista baiano num ambiente com maiores liberdades democráticas. Com isto era a primeira vez que o circulismo tinha que combater o seu principal inimigo, o comunismo, numa atmosfera que já não era mais de perseguição implacável aos comunistas. Talvez seja justamente por este motivo que o discurso circulista endureceu ainda mais com relação ao comunismo. Nunca antes se houvera insistido tanto na necessidade de combatê-lo. Um sinal claro disto está no Manifesto do 5º Congresso Nacional dos Círculos Operários, que afirma:

Não podemos aceitar a liderança comunista. Fazemos essa afirmação sem ódio e sem reacionarismo, tranquilamente por uma questão de posições doutrinárias irredutíveis. O Comunismo tem um objetivo a atingir, dentro de princípios e de métodos que não aceitamos. A nós repugna um Estado onipotente, como é o Estado Comunista, em que as liberdades populares se suprimem em holocausto a uma filosofia inteiramente contrária às nossas tendências, as nossas tradições, em que a liberdade é coarctada pela policia e pela espionagem.

[...] ...se chegassemos, por infelicidade, a assistir à vitória do Comunismo em nossa Pátria, a situação dos

⁹¹Cf. entrevista concedida pelo sr. José Bastos ao jornal "O Imparcial", de 19/06/1946.

crístãos haveria de ser uma situação de incertezas, constrangimentos e opressão, como tem acontecido em outras partes do mundo.⁹⁸

No caso específico do COB este endurecimento do discurso anticomunista é também notado. Revela-se principalmente nos textos distribuídos à imprensa, a exemplo do acima citado, no qual José Bastos se refere ao comunismo como "o espírito do mal", e em alguns livretos propagandísticos.⁹⁹ Em um deles o texto inicial diz que:

O Círculo Operário da Bahia é uma gigantesca organização trabalhista - uma das mais poderosas do país - que exerce enorme influência benéfica sobre as grandes massas, constituindo, por isso mesmo, na Bahia, o mais forte baluarte contra o comunismo.

A posição anticomunista assumida pelo movimento circulista deve ser considerada também como um fator que contribuiu muito para o apoio que recebeu das elites antes, durante e após o Estado Novo. Por outro lado esta atitude em relação ao comunismo se tratava de uma orientação geral da Igreja católica e os círculos mais não faziam que adotá-la em sua prática junto ao operariado e se, por sua vez, esta atitude era vista com bons olhos pelas elites brasileiras, tanto melhor. Afinal, era mais um elemento a ser utilizado para pressioná-las no sentido de contribuírem com o movimento circulista.

⁹⁸Cf. Manifesto do 5º Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil, Rio de Janeiro, CNOC, 1946.

⁹⁹Encontrei dois livretos propagandísticos, um publicado em 1945 cujo exemplar consultado se acha na Biblioteca do Convento de São Francisco e outro datado de 1950, que encontrei na sede do COB em Roma.

Deste modo, não é difícil perceber os motivos que levavam os delegados baianos do 5º Congresso Nacional dos Círculos Operários, em seu retorno, a enfatizarem a luta contra o comunismo como uma das prioridades do circulismo na Bahia. Em uma matéria que ocupou um grande espaço no jornal *A Tarde*, do dia 13 de julho daquele ano de 1946, lê-se:

O sr. José Bastos procurava rasgar horizontes á ação do trabalhador patricio, para lhe mostrar, principalmente, o estado de descalabro a que chegaram as sociedades ameaçadas pela política de Moscou.¹⁰⁰

Na mesma matéria José Bastos fala do "combate ao comunismo dentro do plano estabelecido pela CNOG" como uma das importantes resoluções do Congresso. O tema do comunismo que permeia toda a entrevista de José Bastos reaparece quando lhe é feita uma questão sobre as eleições estaduais daquele ano. Nesse momento o entrevistado diz contundentemente que o comunismo "Não conhece a liberdade cristã. Dissolveria a sociedade. Extinguiria a religião. Deshumanizaria a humanidade. Inverteria, subverteria a obra do Criador."

A tática adotada pelo COB era bastante inteligente. A entidade afirmava estar fora e acima da política partidária, deste modo não era obrigada a tomar uma posição frente às facções politicamente dissidentes da elite baiana. Ao mesmo tempo, o Círculo fazia campanha contra os comunistas e prestava o seu apoio às autoridades governamentais do estado e da nação - como fazia desde a sua fundação. Com um discurso ideológico fortemente comprometido com a manutenção da ordem estabelecida e uma prática

¹⁰⁰Cf. *Jornal A Tarde*, 13/07/1946.

assistencialista, que contribuía para amainar o sofrimento dos setores mais pobres da população soteropolitana, o COB achava-se numa situação cômoda, tendo a sua atuação elogiada por gregos e troianos, ou melhor, por juracisistas, mangabeiristas, aleixistas, e outros grupos políticos ligados à elite baiana daquele período.

A capacidade de apoiar as autoridades governamentais que se sucederam ao longo de todo o período de existência ativa do COB, independentemente do posicionamento político delas, foi uma característica daquela entidade. Tendo apoiado Getúlio Vargas e todos os interventores da Bahia durante o Estado Novo, o COB não teve maiores dificuldades em prestar o seu apoio a Dutra quando este assumiu a presidência da República e a Guilherme Marback, nomeado interventor da Bahia em 1946. O mesmo ocorreu em relação a Octávio Mangabeira, eleito governador em 1947, e demais líderes políticos que ocuparam a chefia do governo estadual ou federal, inclusive os militares quando do golpe de 1964. Mais adiante ver-se-á um caso extremo desta "maleabilidade" do discurso circulista em relação aos governantes, o que em uma comunicação sobre o COB chamei de "mimetismo circulista".¹⁰¹

O reconhecimento do COB como uma instituição de utilidade pública, constitui, sem sombra de dúvida, uma amostra do prestígio conquistado junto à sociedade baiana. Embora a documentação consultada não permita afirmar que este reconhecimento contribuiu para a entidade angariar fundos para a construção de sua nova sede no Largo de Roma, não é um contrasenso sugerir que isto tenha efetivamente ocorrido, tendo em vista que o COB procurou dar ampla divulgação ao fato, inclusive através do papel timbrado da entidade que apresentava a mensagem "Reconhecido de Utilidade Pública em 22

¹⁰¹Cf. George Evergton S. Souza, *Campo religioso, campo político e meio operário: o triângulo relacional do circulismo*. Comunicação apresentada na Segunda Conferência Geral do CEHILA.

de julho de 1946". Além disto, como entidade de utilidade pública tornava-se menos difícil conseguir auxílio financeiro dos poderes públicos para o erguimento do "Edifício Beneficência Operária" - como era chamada a nova sede do COB.

4.2 O apogeu do COB¹⁰²

No ano de 1947 o COB voltou-se principalmente para a construção do referido edifício. Embora contasse com o auxílio de muitos "benfeitores"¹⁰³, realizasse sorteios, arrecadasse dinheiro através dos cinemas de sua propriedade ou que administrava e também obtivesse recursos oriundos das mensalidades pagas pelos associados, isto tudo não era o bastante para saldar a dívida contraída pelo Círculo enquanto construía a nova sede, uma obra grandiosa para os padrões da época.

Na verdade a construção da sede própria do COB só foi possível devido ao prestígio que a entidade havia conquistado em Salvador e, sobretudo, ao prestígio, empenho e persistência de Irmã Dulce Lopes Pontes. Irmã Dulce que, como já foi dito, esteve à frente da organização da União Operária de São Francisco, havia

¹⁰²Por uma questão ligada à preocupação com o estilo do texto optei por dar algumas necessárias explicações sobre este tópico em nota de pé de página, permitindo, deste modo, que a narrativa construída neste capítulo não sofra maiores quebras com esclarecimentos sobre o conteúdo do texto. No presente tópico o objetivo não é apenas o de descrever e analisar o apogeu do COB. A narrativa abrange também algumas questões sobre as divergências internas do movimento, os questionamentos internos sobre a prática circulista, além de outros fatos que considero importantes para o entendimento do momento histórico vivido pelo COB, no intervalo temporal que se estende de 1947 a inícios da década de 1960.

¹⁰³Eram assim chamados todos os comerciantes, empresários, profissionais liberais etc, que contribuíam financeiramente com as obras do COB.

perdido espaço no COB devido ao forte controle exercido pelo Frei Hildebrando Kruthaup. A possibilidade de que houvesse um certo descontentamento de Irmã Dulce, devido à centralização das decisões nas mãos de Frei Hildebrando, deve ser considerada. Pois, como fundadora daquela entidade era de se esperar que tivesse uma atuação mais destacada, o que não ocorreu durante a maior parte do período em que Frei Hildebrando esteve como Assistente Eclesiástico do COB.

Existem algumas versões contraditórias sobre a relação entre Frei Hildebrando e Irmã Dulce. O sr. Albertino Esperidião, circulista de primeira hora, dono da carteira de sócio número 06, diz que não havia divergência alguma entre os dois, que eram respectivamente "o pai e a mãe do COB"¹⁰⁴ - caracterização que se observa desde os primeiros anos de existência da entidade. Todavia, é necessário atentar para os seguintes fatos. *Primo*, o sr. Albertino tornou-se circulista por intermédio da Congregação Mariana, da qual era membro e cujo Assistente Eclesiástico, à época, era também o Frei Hildebrando.¹⁰⁵ *Secundo*, o sr. Albertino sempre manteve boa relação com Irmã Dulce, sem, contudo, ficar indisposto com a Comunidade Franciscana, em particular com Frei Hildebrando - o que explica a sua participação nas duas chapas que concorreram às eleições do COB em fins do ano de 1960, quando estava em processo a dissensão entre os franciscanos e o COB.

Relatos diversos daquele do sr. Albertino Esperidião, podem ser encontrados tanto entre os partidários de Irmã Dulce como entre os partidários de Frei Hildebrando. Todos eles, entretanto,

¹⁰⁴Cf. depoimento do sr. Albertino Esperidião Alves.

¹⁰⁵Deve-se salientar que a Congregação Mariana sempre teve uma ligação muito forte com a Comunidade Franciscana da Bahia. Ainda hoje a missa semanal da Congregação Mariana continua a ser realizada na Igreja de São Francisco.

são passíveis de um sério questionamento. A título de ilustração, pode-se resumir estes relatos (opiniões) divergentes do seguinte modo: para os "Dulcistas" as tensões tinham sua origem em Frei Hildebrando e nos demais franciscanos, ligados às atividades do COB, que procuravam diminuir a influência de Irmã Dulce na entidade; para os "Hildebrandistas" ou "franciscanistas" o problema era causado pelo Dr. Lopes Pontes, pai de Irmã Dulce, que queria vê-la desempenhando uma função destacada à frente do COB. Como se vê, são relatos - ou se se quiser opiniões - muito passionais e, embora possam ter algum fundo de verdade, é melhor buscar outro caminho para uma análise sobre as divergências entre as duas principais lideranças do COB.

A hipótese de que tenha havido, entre Irmã Dulce e Frei Hildebrando, ciúmes na condução do "filho querido" não deve ser descartada. Todavia, estes problemas sempre foram contornados sem maiores transtornos porque havia espaço suficiente para os dois. Irmã Dulce, sempre apegada aos serviços assistenciais, tinha no Círculo um espaço garantido para o atendimento aos seus pobres e miseráveis; Frei Hildebrando, por sua vez, exercia a função de Assistente Eclesiástico, que por ser o principal cargo da entidade tornava-o, em última instância, responsável pela sua condução.

Enfim, dificilmente seria possível saber com exatidão a natureza das tensões existentes, mas o certo é que elas existiram. Sinal claro disto é que justamente na época em que Frei Hildebrando se encontrava afastado da Assistência Eclesiástica do COB, Irmã Dulce cumpre uma função destacada à frente da entidade, sendo, talvez, a maior responsável pelo êxito na construção da nova sede no Largo de Roma, em 1948.

O edifício Beneficência Operária, inclusive a parte do Cine Roma, foi todo ele projetado pelo Engenheiro Norberto

Odebrecht, que sempre colaborou com o COB. A construção do edifício foi orçada em 15 milhões de cruzeiros, soma muito elevada para a época e ainda mais para a entidade, que não dispunha de recursos próprios suficientes sequer para empreender a construção de uma pequena parte da obra. Isto reafirma a impossibilidade de que a empresa fosse bem sucedida sem o apoio de amplos setores da sociedade baiana, que colaboraram de várias formas. O COB lançou uma grande campanha de auxílio à construção do edifício. Além de donativos de industriais - dentre os quais cumpre destacar o nome de Eduardo Martins Catarino, entusiasta e incentivador do COB -, de comerciantes e da sociedade em geral, a entidade realizou vários sorteios, buscando arrecadar fundos para a obra.¹⁰⁶ Com a campanha a entidade arrecadou três milhões de cruzeiros, o que não era suficiente sequer para pagar as dívidas já contraídas no comércio local.

Apesar de todas as dificuldades, em fins de 1948 era lanugurada uma parte do edifício, inclusive o Cine Roma. Poucos dias antes da inauguração o COB recebeu a visita do Presidente da República Eurico Gaspar Dutra, que se encontrava na Bahia para, dentre outras coisas, inaugurar a "Estrada do Petróleo". Para a visita do presidente a entidade mobilizou todo o seu quadro de associados, chegando a publicar convites na imprensa baiana¹⁰⁷. Segundo notícia um periódico local, no dia da visita o público era tão grande que dificultava a passagem do carro presidencial¹⁰⁸.

Era notório o significado da visita presidencial para as lideranças circulistas da Bahia: aquela seria uma oportunidade

¹⁰⁶Cf. Jornal "A Tarde", de 23.12.1948 e "Diário de Notícias", de 02.04.1950.

¹⁰⁷Cf. Jornal "A Tarde" e "Diário de Notícias", de 19.11.1948.

¹⁰⁸Cf. Jornal "A Tarde", de 22.11.1948.

única para conseguir um importante auxílio financeiro do governo federal para saldar as dívidas da entidade, bem como para concluir a construção da obra. *Expert* na "arte de pedir", Irmã Dulce tomou para si a tarefa de arrancar do Presidente Dutra a ajuda de que tanto necessitava a entidade. O que fez com exímia maestria, conforme pode ser visto no relato, publicado pela imprensa baiana, do diálogo entre Irmã Dulce, Dutra e Octávio Mangabeira, governador da Bahia. O diálogo é cômico, mas através dele vislumbra-se a habilidade que sempre teve a Irmã Dulce para angariar recursos para as suas obras assistenciais, assim como o tipo de relação que o próprio COB mantinha com as autoridades governamentais.

"Sr. presidente, eu além de minha própria família, tenho uma muito grande. O doutor Octávio Mangabeira tem sido um bom pai". Ao que o Presidente Dutra disse: "Nesse caso eu, minha freirinha, sou de você pai duas vezes e, portanto, seu avô". Ao que ponderou o dr. Octávio Mangabeira "Avô rico, muito mais rico do que o pai que é pobre".

Aí, Irmã Dulce disse: Meu avô sua neta está devendo muito e precisa de seis milhões e quinhentos cruzeiros". Nesta altura, o presidente chama o ministro Clemente Mariani e pede-lhe providenciar no sentido de ser concedido auxílio de igual importância a Irmã Dulce"¹⁰⁹.

Embora o COB se encontrasse endividado, não há dúvidas quanto ao ano de 1948 marcar o início do apogeu da entidade. O

¹⁰⁹Cf. Jornal "A Tarde", de 29.11.1948. O dinheiro demoraria ainda algum tempo para ser liberado, como será visto mais adiante.

crescimento do número de matérias sobre o COB, publicadas na imprensa local, pode ser tomado como um sinal claro da importância que obtivera entre os baianos. Mas, ao mesmo tempo, estas matérias deixam perceber a caminhada da associação em direção ao objetivo único da filantropia, beneficência e assistencialismo. Pode-se dizer que, cada vez mais, o Círculo assumia as feições de sua "mãe", Irmã Dulce. Embora continuasse a fazer referência ao combate ao comunismo, isto parecia ser mais um instrumento para convencer as elites a colaborarem com a entidade. Inclusive, com o início da chamada redemocratização ficava latente a dificuldade, aqui na Bahia, de se levar adiante a proposta do sindicalismo cristão, que de resto nunca fora efetivamente encampada pelo circulismo baiano.

É certo que o COB sempre teve um caráter assistencial bastante forte, mas em seus primeiros anos de existência observa-se o desejo de buscar desenvolver um "movimento operário cristão". As preocupações com os direitos do trabalhador, a proposta de disputar espaço no meio do operariado com os comunistas, são indicativos desta posição. Ao reforçar ainda mais a sua prática assistencialista o circulismo baiano marchava na contramão de alguns setores da Igreja brasileira que começavam a se questionar sobre a sua posição frente aos operários. Aqui na Bahia, por exemplo, o Frei Gil de Almeida Bonfim, franciscano ligado às atividades desenvolvidas pelo COB no período em questão, fazia sérias críticas não só ao circulismo, mas a todas as obras sociais católicas. Diga-se de passagem que esta talvez tenha sido a primeira vez que um eclesiástico teve coragem de questionar a ação das obras sociais católicas na Bahia. Para Frei Gil a assistência social

"tem sido uma medida de prudência do capitalismo e da burguesia ante o perigo para o seu poder. Tem sido uma medida apostólica do

Catolicismo ante o perigo para as almas. E tem sido um expediente solerte do Estado, ante a responsabilidade tremenda que lhe pesa sobre os ombros.

[...]

A Assistência Social não ataca os males sociais pela raiz; não se prende às suas causas, que são, antes de tudo, a desordem das estruturas, a injustiça radical do regime econômico, a ruptura dos quadros normais da vida, o desequilíbrio das pessoas e das coletividades, a mediocridade humana generalizada, o materialismo.¹¹⁸

O mesmo texto trazia críticas ainda mais contumazes ao assistencialismo. E, ao que tudo indica, estas constituíam um recado direto para o COB.

"A maioria dos fundadores ou presidentes dessas obras sociais, católicas, ou não, para as poder criar ou manter, recorrem, quer na fundação quer depois dela, aos homens do dinheiro, que são capitalistas... Estes, praticando aquela ação generosa na aparência, apresentam-se depois como justificados por ela, como cumpridores da justiça, homens probos e caridosos. Continuam, entretanto, a pagar ao operário o mesmo salário de fome.

[...]

¹¹⁸Cf. Frei Gil de Almeida Bonfim, in Revista da Província Franciscana de Santo Antônio, Recife, 1949, nº 1, ano VII, p. 296 e ss. Este trecho também é citado por Frei Hugo Fragozo, art. cit., p. 36.

Essas pessoas representantes da Igreja contempladas pelos capitalistas com aqueles donativos para as mesmas, calam-se, silenciam diante das injustiças praticadas, para não se incompatibilizarem com os seus benfeitores. Aquela esmola colocou-lhes como que mordças nos lábios, para não falarem quando e como deviam fazer."¹¹¹

Os sérios questionamentos de Frei Gil de Almeida Bonfim surtiram pouco ou nenhum efeito sobre as lideranças circulistas, que não estavam preocupadas em repensar as diretrizes do movimento. Principalmente porque era devido ao assistencialismo que o COB naquele momento podia vangloriar-se de ser "uma gigantesca organização trabalhista - uma das mais poderosas do país"¹¹². Mas há um problema, a saber, o COB se constituía, em fins dos anos quarenta, numa organização bastante forte, entretanto ia perdendo cada vez mais as poucas características que poderiam identificá-lo enquanto uma organização operária, trabalhista, ou mesmo, como organização "para o operariado", como o define Frei Hugo Fragoso¹¹³. Quando foi dito que o COB apresentava uma forte tendência a assumir as feições de Irmã Dulce, a intenção era justamente a de atentar para o fato de que a entidade afastava-se, dia-a-dia, do meio operário. Tornava-se, assim, mais do que nunca, uma organização filantrópica, dirigida aos inválidos, pobres e miseráveis de Salvador, mas não ao operariado. Inclusive porque sendo apoiado e recebendo auxílios do patronato, comprometia-se com os interesses deste, incompatibilizando-se com qualquer ação

¹¹¹Id. Ibid.

¹¹²Cf. Livreto de divulgação do Círculo Operário da Bahia, Salvador, 1950.

¹¹³Cf. Frei Hugo Fragoso, art. cit., p. 32.

efetiva em defesa dos direitos dos trabalhadores. Percebendo isto, Frei Gil chamava a atenção para o fato, dizendo:

"Essas obras sociais se desprestigiam assim aos olhos do operariado esclarecido, que as passa a considerar como tapeações, mistificações ou conchavos vergonhosos com os capitalistas. Aceitam, é verdade, o que lhes oferecem, porque nenhum cão faminto vai desprezar um pedaço de carne achado. Mas nenhuma confiança depositam nelas."¹¹⁴

A caracterização do COB, em 1950, como o "mais forte baluarte na luta contra o comunismo"¹¹⁵, só podia ter a intenção de agradar aos seus benfeitores, a maior parte deles membros da elite da sociedade baiana. Afinal, no seio do movimento operário, àquela época, o circulismo tinha pouca ou nenhuma influência. Já havia passado o tempo em que os comunistas viam no COB uma ameaça à sua ação no meio operário, haja vista que quanto mais este reforçava sua prática assistencial, mais se distanciava do operariado, que procurava organizar-se para ter melhores condições de reivindicar seus direitos.

4.3 A volta de Frei Hildebrando ao COB

Como foi dito anteriormente, com o afastamento de Frei Hildebrando da assistência eclesiástica do COB, Irmã Dulce se projetou como a principal liderança da entidade, embora

¹¹⁴Cf. Frei Gil de Almeida Bonfim, art. cit., p. 299. Apud Frei Hugo Fragoso, art. cit., p. 37.

¹¹⁵Cf. o já citado livreto de divulgação do COB.

continuassem os assistentes eclesiásticos sendo franciscanos. O afastamento oficial de Frei Hildebrando do cargo de Assistente Eclesiástico ocorreu em setembro de 1943, como parte de uma medida tomada pelo Arcebispo da Bahia, Dom Augusto Álvaro da Silva, que exigiu a retirada de todos os alemães da direção de instituições religiosas. Naquele momento, passara o cargo ao Frei Joaquim da Silva. Após o final da guerra ele não reassumiu o cargo, que foi passado às mãos do Frei Edilberto Dinkelborg.

Os motivos que o levaram a permanecer afastado da direção do COB do fim da guerra até 1949 não são muito claros. É certo que durante o período da guerra Frei Hildebrando sofreu várias acusações de ser nazi-fascista. Estas, entretanto, não tinham qualquer fundamento, haja vista que nunca foi encontrado qualquer documento que provasse a sua ligação - ou de qualquer membro da comunidade franciscana da Bahia - com o nazi-fascismo, nas várias batidas realizadas pela polícia no Convento de São Francisco.¹¹⁶ É possível sugerir que parte significativa destas acusações tivesse origem nos militantes comunistas que aproveitavam o delírio xenófobo dos baianos para denegrir a imagem de Frei Hildebrando e do COB. Este à época tinha alguma influência no meio sindical, pois através da sua política de colaboração com o Ministério do Trabalho havia conseguido colocar militantes circulistas na direção de alguns sindicatos. Deste modo, não é difícil chegar à conclusão de que os comunistas tinham suas razões para levar adiante uma política de combate ao COB, utilizando para isto os instrumentos de que dispunham¹¹⁷. Um bom exemplo da atitude dos comunistas frente

¹¹⁶É importante lembrar que estas batidas policiais no Convento de São Francisco tinham por única e exclusiva motivação o fato de a maior parte dos clérigos, ali residentes, serem alemães.

¹¹⁷Um dos instrumentos utilizados para combater o COB foi, sem dúvida, a imprensa. Como relata João Falcão, em seu livro *O Partido Comunista que eu conheci*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira,

ao Frei Hildebrando está no livro de Jorge Amado, publicado pela primeira vez em 1945, *Bahia de Todas os Santos*, quando escreve sobre a Igreja de São Francisco. Após tecer alguns comentários sobre a beleza do conjunto arquitetônico, o autor trata de alguns aspectos da Ordem dos Franciscanos na Bahia. Diz que anteriormente, quando começaram a vir para o Brasil, a maior parte dos frades era de nacionalidade espanhola,

"Depois fizeram uma absoluta maioria alemã e nos dias de hoje à celebridade arquitetônica da Igreja e do Convento juntou-se a triste celebridade da Ação Quinta-Colunista dos referidos religiosos que, no dizer do povo, conspiravam na Igreja e no Convento contra a segurança do Brasil, chefiados por um de nome Hidelbrando (sic). Alguns dêsses frades foram processados mas o processo era quase uma pilhéria de tão mal dirigido e uma absolvição os deixou em liberdade. Mas não parou a murmuração popular que garante pela existência de estações clandestinas de rádio no interior do Convento, o que parece muito provável. A verdade é que os frades são nazistas e o tal Frei Hidelbrando (sic) mantém uma enorme

1988, às páginas 227 e 228, o Partido Comunista tinha jornalistas trabalhando nos maiores jornais de Salvador, "como Giovanni Guimarães, Ariston Andrade e Heron de Alencar n'*A Tarde*; Rui Facó, Almir Matos e Jacob Gorender, no *Diário de Notícias*; Mário Alves e João Batista de Lima e Silva, no *Estado da Bahia*; João Martins Luz, no *Diário da Bahia*; Jorge Amado e Alberto Vita, em *O Imparcial*". É muito provável que as insinuações, vez por outra publicadas na imprensa, de ser Frei Hildebrando um nazi-fascista, tivessem por trás de si um jornalista ligado ao PC.

catequese fascista entre os operários. Sua ação nesse sentido é a mais nefasta possível.¹¹⁸

Desta maneira, poder-se-ia sugerir que um dos motivos para Frei Hildebrando não retomar imediatamente as suas atividades à frente do COB, após o fim da guerra, foram as suspeitas levantadas contra a sua pessoa. Contudo, a falta de documentação sobre o assunto torna incerta qualquer tentativa de afirmar os motivos daquele afastamento.

Em 1949, Frei Hildebrando reassume a assistência eclesiástica do COB, tomando parte na solenidade de inauguração de mais uma parte do Edifício Beneficência Operária.¹¹⁹ Em maio daquele mesmo ano, no 25º aniversário de sua chegada ao Brasil, naturalizava-se como cidadão brasileiro. Na ocasião fora-lhe prestada uma grande homenagem, organizada por uma comissão composta por Simões Filho, José Vanderlei de Araújo Pinho, Jorge Calmon, Carlos Valadares, Antonio de Oliveira Brito, Miguel Calmon Du Pin e Almeida Sobrinho e Pênfilo de Carvalho, dentre outros. Além da ampla cobertura dada pelos periódicos locais, o evento contou com a transmissão direta da Rádio Excelsior da Bahia e da Rádio Sociedade da Bahia. A Rádio Excelsior iniciou a transmissão da solenidade com as seguintes palavras:

"Z.Y.D.-B - Rádio Excelsior - inspiração e realização desse intemorato criador das mais belas obras morais e sociais católicas - de modo especial e numa demonstração pública de

¹¹⁸Cf. Jorge Amado, *Bahia de Todos os Santos*, 9ª ed., São Paulo, Martins Editora, 1961, p. 200, os grifos são meus. Nas edições mais recentes desta obra, que sofreu uma ampla revisão em 1976, o aludido parágrafo foi suprimido pelo autor.

¹¹⁹Cf. *Jornal A Tarde* de 14.02.1949.

reconhecimento às suas inolvidáveis benemerências - presta-lhe, neste instante, a homenagem do seu grande afeto, solidarizando-se com estas magníficas expressões de apreço, estima e justiça, com que a Bahia recebe, enternecida, em seu seio de mãe da nacionalidade, um novo e eminente filho, pelo testemunho das suas obras e pela generosidade do seu coração!"¹²⁰

As homenagens recebidas pelo Frei Hildebrando demonstram o prestígio deste clérigo junto à sociedade soteropolitana daquele período. Revelam, também, as boas relações que mantinha com a elite da sociedade baiana.

Frei Hildebrando Kruthaup, filho de camponeses alemães, nasceu em Damme, no norte da Alemanha, em 1902. Com 15 anos de idade já se decidira pela vida religiosa, pretendendo entrar para a Ordem dos Franciscanos. Quando ingressou no seminário de Vlodrop, na Holanda, já havia decidido que logo após terminada a sua preparação eclesiástica viria para o Brasil, onde considerava haver um imenso campo para o trabalho missionário. Após alguns anos de estudo, encontrando resistência entre os superiores daquele seminário, desligou-se de Vlodrop e retornou à sua cidade de origem. Pouco tempo depois escrevia uma carta para a Província franciscana de Santo Antonio, solicitando sua aceitação como noviço. Tendo sido aceito, chegava ao Brasil exatamente na data em

¹²⁰Cf. Lembrança da Homenagem da Bahia a Frei Hildebrando Kruthaup, O.F.M, em 4 de maio de 1949. Salvador, Imprensa Vitória, 1949, p. 55. Trata-se de um livro publicado pela Congregação Mariana de São Luiz, cuja ligação com o Frei Hildebrando já fora mencionada neste trabalho.

que completava 22 anos, no dia 4 de maio de 1924. Desembarcou em Recife e pouco tempo depois veio para a Bahia.

Frei Hildebrando ordenou-se em Salvador, no ano de 1929. O primeiro trabalho exercido por ele foi a redação do *Orbe Seráfico*, uma revista mensal que circulava entre os membros da Ordem 3ª de S. Francisco. Tendo realizado um excelente trabalho à frente daquela revista, logo foi convidado - em 1935 - a dirigir a Tipografia S. Francisco, de propriedade da Comunidade franciscana da Bahia. Sob a sua direção a Tipografia cresceu e a sua principal publicação, o periódico *Mensageiro da Fé*, aumentou a tiragem para 40 mil exemplares.

Também nestes primeiros anos da década de 30, Frei Hildebrando Kruthaup foi Assistente Eclesiástico da Congregação Mariana de S. Luiz. Como diretor espiritual - assim eram chamados os assistentes eclesiais - daquela casa foi o principal responsável pela construção do "Cine Excelsior", em 1935. Além do Excelsior, ele colaborou decisivamente na construção de mais dois cinemas, o "Cine Itapagipe" e o "Cine Pax", que foram frutos de seu trabalho junto ao COB.¹²¹

Foi mais uma iniciativa do Frei Hildebrando a construção da Casa de Santo Antonio, inaugurada em 1932. Nesta casa funcionavam várias organizações religiosas ligadas ao laicato católico, inclusive, a primeira sede do núcleo central do COB, que só a partir de 1940, com a construção do Edifício Pax, não teve mais que dividir o espaço de sua sede. Foi, sem dúvida, à frente do COB que ele ganhou a admiração e o respeito de vários segmentos da sociedade baiana e a oposição de outros. Destacou-se como o grande

¹²¹A relação do circulismo com o cinema será tratada em um tópico específico desta dissertação.

incentivador do circulismo na Bahia. Um homem empreendedor que não via limites para a consecução de suas obras. Era simpatizado pelas elites baianas que viam em sua ação junto ao operariado uma forma de amenizar as tensões existentes no seio daquela classe - também por combater o comunismo, é claro. Entre os operários o conceito a seu respeito não era consensual. De um lado, nos segmentos mais organizados e combativos do movimento operário - já sob influência dos militantes do PCB -, era visto como um clérigo a serviço das elites; de outro lado, nos setores menos combativos, nos quais havia uma maior penetração do circulismo, era conhecido como "o amigo dos operários".¹²² Esta denominação poderia ser ampliada para "o amigo dos operários e miseráveis", pois a sua prática assistencial não atingia somente o operariado, tinha como alvo, também, os miseráveis, ou para utilizar um termo da sociologia marxista, o *lumpenproletariat* soteropolitano.

Segundo Frei Hugo Fragoso, Frei Hildebrando trazia "consigo toda uma tradição franciscana de 'ação social' caracterizada pela "assistência aos pobres, sem uma análise mais profunda das causas dessa pobreza". Mas, "ao mesmo tempo, trazia ele uma mentalidade nova e criativa, no que se refere à 'promoção humana'".¹²³ O espírito empreendedor de Frei Hildebrando não poderia ter encontrado campo mais fértil para seu trabalho que o Brasil das décadas de 20 a 40. Ele adequava-se perfeitamente ao projeto da *neocristandade* que ia sendo desenvolvido no seio da Igreja Católica brasileira, incentivando a participação do laicato católico e buscando ampliar a influência da Igreja no meio operário.

¹²²Cf. Lembrança da Homenagem da Bahia a Frei Hildebrando Kruthaup, O.F.M, op. cit., p. 99.

¹²³Cf. Frei Hugo Fragoso, art. cit., p. 32.

Tendo sido o grande líder do circulismo baiano, Frei Hildebrando foi, dentre os franciscanos alemães residentes na Bahia, aquele que mais sofreu em decorrência da Segunda Guerra mundial, como foi visto anteriormente. As homenagens que lhe foram prestadas em 1949, parecem ter servido também como uma espécie de esclarecimento definitivo da questão. Como orador oficial da solenidade, o Deputado Estadual Jorge Calmon dizia, num tópico intitulado o *Cálice da amargura*.

"Grandes, os dissabores sofridos por Frei Hildebrando. E ainda maiores as suas atribulações. [...]

Certo dia - tem alguns anos - quando uma turba de indivíduos enfurecidos, vítimas, como muitos outros, de um cruel equívoco, assaltou a sede do Círculo Operário, entrando a apedrejá-la, o sacerdote, sem permitir que houvesse reação à violência, disse apenas: "Se assim é a vontade de Deus, deixe que quebrem tudo..."¹²⁴

Enquanto estava afastado de suas atividades no COB, Frei Hildebrando teve tempo de empreender mais uma construção. Em março de 1949 inaugurara a "Casa de Retiro São Francisco", no bairro de Brotas. Quando do seu retorno, em janeiro daquele mesmo ano, à assistência eclesiástica do COB, empenhou-se, ao lado de Irmã Dulce, na conclusão das obras do Edifício Beneficência Operária. Contudo, já naquele momento começavam a aparecer as primeiras dissensões no interior do COB.

¹²⁴Id. Ibid., p. 51. Embora Jorge Calmon não tornasse explícito em seu discurso qual seria "o cruel equívoco", não é difícil perceber que estava se referindo aos fatos ocorridos no tempo da guerra, quando Frei Hildebrando foi acusado de ser nazi-fascista.

Após sua volta ao COB tudo parece indicar que Frei Hildebrando foi perdendo o entusiasmo com o movimento. Embora não seja possível saber exatamente quais os motivos que o levaram a isto, o fato é que em 1955 ele se transferira para Fortaleza, demonstrando que já não mais se interessava pelo COB como há tempos atrás. Quando regressou a Salvador, em inícios da década de 1960, encontrara a entidade numa grave crise interna que resultaria na separação definitiva entre a Comunidade Franciscana e o COB.

Desligando-se completamente do movimento circulista, Frei Hildebrando passou a dedicar-se, sobretudo, à Casa de Retiro São Francisco e a um programa na Rádio Excelsior, chamado "A hora da Ave Maria". Naquela casa viveu até a sua morte, no dia 12 de janeiro de 1986. O seu falecimento, surpreendentemente - embora já houvesse alguns anos que ele passara a ter uma atuação bem mais discreta -, não mereceu mais do que uma pequena nota - com seu nome grafado incorretamente - no periódico local que tinha como redator-chefe Jorge Calmon.

"O Frei Hildebrando Wrutaup (sic) foi sepultado ontem, às 17 horas, no Cemitério de S. Francisco, na Baixa de Quintas. [...]"¹²⁵

¹²⁵Cf. *Jornal A Tarde* de 13.01.1986.

CAPÍTULO V

APOGEU E DECLÍNIO: O COB DA DÉCADA DE 50 A INÍCIOS DOS ANOS 60

Em 1950, os dirigentes do COB diziam que a entidade contava com um número de sócios superior aos 16.000.¹²⁵ Nos edifícios "Pax" - sede social do COB e também sede do núcleo central - e Beneficência Operária - sede do núcleo de Itapagipe, eram realizados cursos profissionalizantes para operários e operárias e funcionavam ambulatórios médicos e odontológicos. Naquele mesmo ano o COB divulgava o seguinte quadro estatístico sobre os serviços de assistência médica e de assistência social prestados pela entidade, relativo ao período entre janeiro de 1937 e dezembro de 1949.

MOVIMENTO DE BENEFICÊNCIA DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA E S T A T Í S T I C A

Consultas	64.876	Fórmulas aviadas na farmácia do COB	19.279
Injeções	61.221	Remédios preparados na farmácia do COB	32.732
Curativos	37.480	Materiais de curativos fornecidos aos sócios .	42.330
Pequenas intervenções cirúrgicas	3.513	Remédios dados aos pobres não-associados	31.233
Radioscopias, radiografias, pneumotorax ..	500	Pobres não-associados socorridos uma vez por	
Exames de laboratório (urina, escarro, etc.)	3.763	semana em gêneros alimentícios	100.762
Aplicações de raios infra-vermelhos	578	Pobres socorridos com vante e outros atumilios	46.925
Tratamento de olhos, ouvido, nariz	6.350	Tratamento de dentes	33.080
Atestados de saúde	8.184	Receitas dadas aos pobres, sócios ou não	30.120

Fonte: Livreto de divulgação do Círculo Operário da Bahia, Salvador, 1950.

¹²⁵Cf. Livreto de Divulgação do COB, 1950, doc. cit. Este é mais um caso de exagero na divulgação do número de associados. Para um número mais próximo da realidade veja nos anexos desta dissertação o quadro com o número de eleitores votantes nas eleições do COB realizadas entre 1942 e 1964.

O quadro acima demonstra claramente a prática assistencialista que desenvolvia o COB desde o momento de sua fundação. Fica também latente que o assistencialismo era um dos principais motivos do prestígio adquirido ao longo dos seus 13 anos de existência.

A divulgação destes dados pelo COB tinha como objetivo fazer uma espécie de prestação de contas à sociedade. Mas, tratava-se, sobretudo, de uma forma de exercer pressão sobre os políticos da elite baiana para que eles intervissem, junto ao Governo Federal, no sentido de apressar a liberação das prometidas verbas para a liquidação das dívidas adquiridas com a construção da nova sede e também para a conclusão do edifício. No livreto, logo após informar o montante da sua dívida, que já chegava aos Cr\$ 8.000.000,00, e a quantia de que necessitava para concluir a obra - Cr\$ 3.000.000,00 -, lê-se: "Com grande ajuda do Governo, ficaria o Círculo Operário em condições de ampliar cada vez mais os raios de sua ação beneficente e orientadora, combatendo, assim, ao lado do Governo, do modo mais eficaz, o comunismo".¹²⁷ É muito provável que no momento em que foi impresso o livreto o COB já tivesse recebido do Governo Federal o auxílio de dois milhões de cruzeiros.¹²⁸ Contudo, o interesse agora era garantir o auxílio de seis milhões que o Presidente Dutra havia prometido em sua visita ao Edifício Beneficência Operária.

No dia 30 de março daquele ano a Comissão de Finanças da Câmara aprovou o projeto, apresentado em forma de mensagem presidencial, concedendo o auxílio de seis milhões de cruzeiros

¹²⁷Cf. Id. Ibid.

¹²⁸Segundo uma reportagem publicada no *Diário de Notícias* de 2.04.1950, o Presidente Dutra havia concedido, não havia muito tempo, aquele auxílio ao COB.

para o COB.¹²⁹ Em sua edição de 26 de maio, o *Diário de Notícias* publicava na primeira página a manchete:

"6 MILHÕES PARA O CÍRCULO OPERÁRIO

Aprovado o projeto

Ontem, na sessão do Senado"¹³⁰

Em fins de agosto Irmã Dulce viajava para o Rio de Janeiro para encontrar-se com o Presidente Dutra. Nesta ocasião, em almoço na casa do titular da pasta da Educação e Saúde, Pedro Calmon, Dutra assinou o decreto concedendo o auxílio e ordenou o pronto pagamento. Com o dinheiro o COB pôde saldar as suas dívidas e também concluir o restante das obras do Edifício Beneficência Operária.

A década de 50 se constituiu num período singular da história do COB. Por um lado, ele crescia a ponto de afirmar, em fins daquela década, ter em suas fileiras cerca vinte e cinco mil associados (o que era um exagero); por outro lado, a entidade distanciava-se, cada vez mais, do meio operário. O que poderia ser tomado como um paradoxo nada mais é do que o fruto da opção da associação pela prática assistencial¹³¹. Ao privilegiar esta

¹²⁹Cf. *Jornal Diário de Notícias* de 31.03.1950. Numa clara tentativa de capitalização política, o periódico destaca o Deputado Juracy Magalhães como responsável pela aprovação do projeto.

¹³⁰Cf. *Ibid.*, 26.05.1950. A quantia liberada realmente chamava a atenção. Em valores da época atingia quase 160 mil dólares, ou seja, cerca de 740 mil dólares de 1996.

¹³¹É interessante observar que num "Relatório das atividades do Círculo Operário da Bahia", relativo ao período de 1950, era dito que "Nunca o COB teria alcançado o êxito que teve sem a sua grande assistência beneficente, mantida em diversos departamentos para o bem dos seus sócios e suas famílias e a pobreza da Bahia." Portanto, os próprios circulistas consideravam o assistencialismo como fator fundamental para o sucesso do movimento.

prática, o COB afastava-se do movimento operário que ia se tornando paulatinamente mais combativo na luta pelos direitos da classe operária. Contudo, mantinha um número significativo de associados porque lhes oferecia vantagens, como o pagamento de meia-entrada nos cinemas que administrava, assistência médica gratuita etc.

O incremento das atividades assistenciais desenvolvidas pelo COB na década de 50 é incontestável. Os dados, publicados em um periódico local, sobre a assistência médica e beneficente realizada pela entidade entre 1937 e 1957, demonstram isto claramente.

Consultas	132.708	Exames e tratamento de dentes	71.238
Injeções	130.538	Exames de Laboratório	9.544
Curativos	93.848	Remédios distribuídos aos pobres adictos ou não ..	211.190
Radioscopias e radiografias	8.968	Material para curativos distribuído	62.500
Aplicações de raios infra-ruvioleta	5.721	Peças de roupas	248.000
Tratamento de olhos, ouvido, nariz, garganta.	14.248	Pobres atendidos na portaria	344.800

Fonte: Jornal "A Tarde", 12.01.1957.

Juntam-se ainda aos dados acima os seguintes itens: "esmolas em dinheiro (para aluguéis de casa e auxílio para viagens) - Cr\$ 862.676,60; gêneros alimentícios distribuídos semanalmente aos pobres - 3.789.844 quilos; despesas com remédios para pobres e associados - Cr\$ 435.225,00".¹³² Comparando-se estes dados (1937-1957) àqueles referidos anteriormente (1937-1950), nota-se que a prestação de determinados serviços aumentou de modo extraordinário. A distribuição de remédios aos pobres teve um acréscimo de quase 580%, as consultas e injeções tiveram um percentual de aumento acima dos 100%. Ainda que os números tenham sido exagerados e sejam passíveis de desconfiança, outros elementos revelam a força do assistencialismo do COB.

¹³²Cf. Jornal A Tarde de 12.01.1957.

Como foi visto, a partir de meados da década de 40 a ligação de Irmã Dulce com o COB tornou-se cada dia mais estreita. No edifício-sede do Núcleo de Itapagipe, no Largo de Roma, Irmã Dulce passou a atender um número sempre maior de indigentes. Por este motivo, durante a década de 50, ia se tornando bastante conhecido, em Salvador, o "corredor do Círculo Operário", para onde eram levados os miseráveis famintos e doentes que se encontravam na via pública. Em 1958, no momento em que Irmã Dulce fazia uma campanha visando angariar recursos para a construção de um albergue-hospital¹³³, o jornal *A Tarde*¹³⁴ publicava uma destacada matéria sobre as suas obras assistenciais. Através dela é possível perceber claramente que o COB tornava-se paulatinamente em uma instituição unicamente assistencial e beneficente, distanciando-se do movimento operário. Não há uma só menção na matéria a respeito daquela organização como sendo operária. Todas as referências apontam para "a bela obra assistencial" que ali era realizada, fornecendo inclusive alguns detalhes interessantes, como se vê abaixo:

"Hoje, o "corredor" (já que não há leitos para tanta gente) abriga nada menos de trinta pessoas por semana, às quais não faltam, durante o tempo que ali passam, assistência médica, remédios, alimentação, passagens e até dinheiro. Esse total aumenta para cem,

¹³³ Não demorou muito tempo para que Irmã Dulce conseguisse construir o albergue-hospital. Sob o nome de "Albergue Santo Antônio", nascia o que viria a ser a principal obra de Irmã Dulce, o Hospital Santo Antonio, que continua funcionando no mesmo local até hoje, atendendo aos indigentes e aos setores mais carentes da população de Salvador.

¹³⁴Cf. Jornal *A Tarde* de 28.11.1958.

incluindo-se aqueles que são atendidos na porta, rogando auxílios de toda sorte.¹³⁵

5.1 A separação entre o COB e a Comunidade Franciscana

O incremento da ação assistencial do COB pode também ter sido um dos fatores que o levou à grave crise interna iniciada em meados de 1955, quando da transferência de Frei Hildebrando Kruthaup para Fortaleza. Esta crise interna foi proporcionada sobretudo pela divergência de uma parte dos circulistas com a Comunidade Franciscana. Havia entre estes circulistas uma vontade de tornarem-se autônomos, o que seria impossível caso o cargo de Assistente Eclesiástico continuasse a existir nos moldes presentes no Estatuto da entidade.¹³⁶ As tensões, que se arrastaram durante toda a segunda metade da década de cinquenta, atingiram seu ponto culminante no decorrer do ano de 1961.

No início daquele ano, em carta ao cardeal D. Augusto Álvaro da Silva, o Pe. Pancrácio Dutra, assistente eclesialístico auxiliar da CNOC, relatava o que estava acontecendo no COB.

"Constatee a existência de uma incompatibilidade inevitável entre os filhos de S. Francisco, e a nova Diretoria. [...] Este movimento [referindo-se ao COB] vinha passando por uma determinada crise. As Diretorias anteriores não tinham muita

¹³⁵Cf. Ibid., 28.11.1958.

¹³⁶Dispensio maior atenção à análise do papel do Assistente Eclesiástico no COB no capítulo sobre a organização interna da entidade.

expressão. Ultimamente conseguimos nomear uma nova diretoria, escolhemos os melhores valores circulistas para integrá-la. O intento primordial desta nova diretoria seria soerguer o movimento um tanto em decadência... Esta nova diretoria estava armada dos melhores propósitos. Começaram a aparecer pequenas divergências entre as iniciativas novas da nova diretoria com os Assistentes Eclesiásticos.¹³⁷

O Pe. Pancrácio Dutra concluiria a carta fazendo uma sugestão para resolver o problema. Propunha que o COB fosse dividido em dois núcleos, o de Roma e o do Centro (Pax). Este último continuaria com os franciscanos e o núcleo de Roma teria um novo Assistente Eclesiástico não franciscano. Mas esta solução não foi aceita por nenhuma das partes.

Na verdade, as divergências às quais faz referência o Pe. Dutra não eram nem pequenas, nem haviam começado após a posse da nova diretoria, em 1961. Em dezembro de 1960, a chapa encabeçada por Alyrio de Lima Teles, que iria ser - com larga margem de vantagem sobre a chapa concorrente - a vencedora do pleito, distribuía um panfleto no qual pregava a "emancipação" do COB e a libertação do que considerava como "um jugo escravo", num visível descontentamento com os franciscanos.¹³⁸ O próprio processo eleitoral foi bastante conturbado. Segundo notícias publicadas em vários periódicos locais - provavelmente derivadas de denúncias feitas pela chapa de Alyrio de Lima -, a diretoria da entidade não

¹³⁷Cf. ACSFS, V, 6.3. Citado por Frei Hugo Fragoas, art. cit., p. 38.

¹³⁸Ver fac-símile do panfleto nos anexos desta dissertação.

queria marcar a data das eleições, que deveriam ser realizadas um mês antes do segundo domingo de janeiro, quando terminava o ano social do COB. Mas, na versão encontrada na *Ata da Assembléia Geral do COB*, do dia 13 de agosto de 1961, as acusações do atraso e do posterior adiamento das eleições, recaíam sobre os Assistentes Eclesiásticos Frei Calixto (OFM) e Frei Matheus (OFM),¹³³ que as tendo primeiramente marcado para o dia 11 de dezembro, resolveram adiá-las *sine die*. Somente em 9 de janeiro de 1961 seriam realizadas as eleições para a Assembléia Geral e para a Diretoria da instituição.

Em maio de 1961, a nova diretoria do COB entregava a Dom Augusto, arcebispo de Salvador, um Memorial no qual explicitava o seu ponto de vista sobre as razões da crise instaurada na entidade. Para os circulista, após a transferência de Frei Hildebando para Fortaleza, os franciscanos tomaram para si todas as decisões do Círculo, inviabilizando a participação efetiva dos circulistas nas decisões sobre os rumos da entidade. O Memorial dá a entender que os franciscanos estavam querendo inviabilizar o COB, pois no caso de sua dissolução ocorreria, segundo os estatutos, a transferência dos seus bens para a Comunidade Franciscana.¹⁴⁰ Embora houvesse de fato uma preocupação com este artigo dos estatutos, a questão fundamental para a insatisfação dos circulistas não parece ser esta. É, antes de tudo, a falta de autonomia dos dirigentes do COB frente ao Assistente Eclesiástico que provoca o descontentamento.

¹³³Cf. Livro de Atas da Assembléia Geral do Círculo Operário da Bahia (referente ao período de 1954 até os dias de hoje), fls. 21-25.

¹⁴⁰Cf. Memorial da Diretoria do Círculo Operário da Bahia ao Cardeal Dom Augusto Álvaro da Silva, a 20/05/1961, in ACSFS, V, 6.3. Este Memorial se encontra também registrado no *Livro de Atas da Assembléia Geral do COB*, fls. 21-25.

Frei Hildebrando retorna a Salvador em 1961 para reassumir a assistência eclesiástica, momento em que a crise na associação se agravava mais e mais. Porém, nada pôde fazer diante da vontade dos dirigentes circulistas de tornarem-se autônomos em relação ao Assistente Eclesiástico. Expondo a situação que se desenrolava no COB, ele, após citar o panfleto de campanha da chapa vencedora, diz que

"A Diretoria quer tornar-se completamente autônoma na parte administrativa e vida social do Círculo. Mas essa mentalidade é contrária aos Estatutos, pois... pelos Estatutos tem o Assistente Eclesiástico o dever de vetar qualquer proposta contrária aos interesses dos Circulistas".¹⁴¹

Portanto, o Frei Hildebrando percebia o problema, mas continuava a defender a idéia de que o Assistente Eclesiástico deveria permanecer exercendo as funções que sempre exerceu à frente da entidade. Contudo, ao tomar conhecimento de que os dirigentes circulistas afirmavam, no Memorial enviado a D. Augusto¹⁴², que os

¹⁴¹Cf. Exposição da situação do Círculo Operário da Bahia, por Frei Hildebrando, in ACSFS, V, 6.3. O trecho transcrito também é citado por Frei Hugo Fragoso, art. cit., p. 39.

¹⁴²A decisão da Diretoria do COB de enviar o Memorial a D. Augusto era o resultado de uma ríspida discussão que ocorreu na reunião da Diretoria do dia 10 de maio de 1961. Na Ata da Assembléia Geral Extraordinária de 13.08.1961, encontra-se o seguinte relato: *...a diretoria foi surpreendida com a publicação de um programa em comemoração ao dia do trabalho no qual constava uma festividade da JOC na sede do Círculo Operário com a participação desta sociedade, sem que nenhum dos diretores tivessem prévio conhecimento, o que deu motivo de um protesto do Presidente em sessão de dez de maio do corrente ano. Este protesto irritou o Assistente Eclesiástico - Frei Hildebrando, autor da concessão, que, exaltando-se disse estar a Diretoria muito enganada, pois o*

franciscanos se negavam peremptoriamente a aceitar as solicitações de reforma dos Estatutos, por acreditarem que os associados desejavam suprimir o artigo 55¹⁴³, a reação de Frei Hildebrando foi enérgica e imediata. Numa demonstração de total desinteresse pelos bens do COB, ele propôs que a Comunidade Franciscana se desvinculasse daquela entidade, sem exigir nada em troca dos 25 anos em que ela foi subvencionada pela Comunidade. Esta, afinal, viria a ser a solução para a crise. A partir de meados do ano de 1961, o COB passaria a contar com a assistência eclesiástica dos padres jesuítas e em fevereiro de 1962 aprovaria o novo Estatuto da associação, no qual desaparece o antigo artigo 55 e é revista a parte concernente às atribuições do Assistente Eclesiástico. Num panfleto para as eleições da nova diretoria, no biênio 1963-65, Alyrio Teles de Lima chamava a atenção dos circulistas para o que havia sido a luta, nos dois anos de sua administração, para "...livrar [o COB] da tutela de outros e dar... a independência e autoridade tão reclamada por todos nós".¹⁴⁴ Havia terminado a crise interna, mas este, já havia algum tempo, não era o único problema da entidade.

Edifício "Pax" pertence exclusivamente a Comunidade Franciscana e nenhum direito assiste ao Círculo Operário, intimando por quatro vezes a esta sociedade retirar-se daqui dizendo categoricamente: - "A Comunidade Franciscana não se humilharia a pedir permissão do Círculo Operário para promover qualquer concessão em qualquer dependência do Edifício "Pax", e se não estão satisfeitos saiam." Cf. Livro de Atas da Assembléia Geral do COB, fls. 21-25.

¹⁴³O artigo 55 é justamente aquele que afirma que em caso de dissolução ou extinção do COB, o patrimônio desta entidade deveria passar para as obras da Ação Social Católica mantidas pela Comunidade Franciscana na Bahia.

¹⁴⁴A integra deste panfleto encontra-se nos anexos desta dissertação.

5.2 O canto do cisne

Em inícios dos anos 60 o COB era dono de um patrimônio invejável. Além do Edifício Beneficência Operária, era proprietário do Cinema São Caetano e do Cinema Plataforma, isto para ficar somente nos seus bens de maior valor. Há notícias de que o patrimônio total chegava, à época, a ultrapassar os duzentos milhões de cruzeiros.¹⁴⁵ Todavia, este grande patrimônio em nada refletia a realidade do movimento. O circulismo passava por sérias dificuldades na Bahia. Embora seus dirigentes falassem em 25.000 associados, tudo parece indicar que este número não passava de uma grande fantasia. Infelizmente, trata-se de uma tarefa praticamente impossível saber com exatidão o número de associados que tinha o COB. Mas com certeza ele era muito menor do que aquele divulgado.¹⁴⁶

Quando Frei Hildebrando retirou-se definitivamente do COB, em 1961, avaliava que "os Círculos Operários estavam então 'ultrapassados', pois, seus fins 'assistenciais' já não tinham atualidade, uma vez que os Institutos, as fábricas, os sindicatos oferecem também excelente assistência, e o Governo tem construído escolas nos bairros operários".¹⁴⁷ Ora, sabendo-se que a atuação do COB, àquela época, continuava se dando prioritariamente no terreno da assistência social, dificilmente a entidade poderia

¹⁴⁵Cf. Jornal "Diário de Notícias" de 21.12.1960.

¹⁴⁶É muito provável que o número de 25.000 sócios tenha sido encontrado através da observação do número da carteira do associado. Formulo esta hipótese com base no fato de ter encontrado fichas de associados admitidos no COB em fins da década de 50, com números próximos a 25.000. Isto significa dizer que, da fundação até aquele momento, 25.000 pessoas se associaram ao COB, mas não que houvesse este número de associados.

¹⁴⁷Cf. Frei Hugo Fragoso, art. cit., 39.

encontrar-se numa situação privilegiada. A tendência, caso não fossem revistos os princípios norteadores do movimento, era o rápido declínio. E, embora não abrindo mão do assistencialismo, o circulismo baiano, a partir de 1962, dava claros sinais de perceber este problema e procurava reampliar o seu campo de ação.¹⁴⁸

*

Todo aquele que conhece um pouco da História do Brasil contemporâneo sabe da efervescência sociopolítica e cultural que viveu este país nos primeiros anos da década de 60. O período entre 1962 e 1964 - até o golpe militar de 31 de março - foi marcado por grandes liberdades democráticas e intensas lutas sociais tanto nas cidades quanto no campo. Nunca antes os trabalhadores brasileiros haviam tido um movimento operário tão fortemente combativo e organizado.¹⁴⁹

Até o início da década de 1960 o movimento circulista, em escala nacional, não havia conseguido livrar-se do tipo de pensamento no qual foi engendrado. A herança conservadora e autoritária dos áureos tempos da Igreja da neocristandade, continuava ainda a ecoar com muita força no seio do movimento circulista, sua prática e sua estrutura interna extremamente hierarquizada demonstravam isto claramente. Ao contrário de outros setores organizados do laicato católico, que já no final dos anos 40 começavam a questionar o projeto da neocristandade, sentindo a

¹⁴⁸Na verdade, são as lideranças do movimento circulista nacional que solicitam aos círculos uma maior atenção ao problema do sindicalismo.

¹⁴⁹Foge aos objetivos desta dissertação realizar uma análise da conjuntura brasileira daquele período. Apenas procuro chamar a atenção para a sua importância em relação à tentativa de redirecionamento do movimento circulista brasileiro e baiano, em particular.

necessidade de repensar o papel da Igreja frente aos problemas da sociedade brasileira¹⁵⁰, o circulismo continuava preso aos setores mais reacionários da Igreja brasileira que "viviam em estado de alerta contínuo contra um iminente perigo de subversão social".¹⁵¹

No caso específico do COB pode-se verificar, naquele momento, a existência de uma tentativa de revitalização do movimento. Em janeiro de 1962, nas comemorações do "jubileu de prata" da entidade, realizou-se o primeiro Congresso Regional Circulista da Bahia. Sob a liderança dos circulistas Alyrio Lima Telles e Florisval Ribeiro Ramos foi fundada, naquela ocasião, a Federação dos Círculos Operários da Bahia, da qual faziam parte os círculos operários de Santo Amaro da Purificação, Juazeiro, Vitória da Conquista, Caetité e Senhor do Bonfim, além do próprio COB. Durante o Congresso ocorreu também vários debates. Mas estes, é licito afirmar, foram marcados pela falta de politização. O único tema ali debatido que era efetivamente uma das questões mais palpitantes daquela conjuntura política foi o das "Idéias para resolver o problema agrário". De qualquer modo o Congresso teria servido, ao menos, para abrir espaço na imprensa local para o COB. Daí considerá-lo como o primeiro ato no sentido de revitalizar o movimento circulista baiano.

Por volta de abril daquele ano era fundada, numa iniciativa do Pe. Antonio Kelmendi S.J., Assistente Eclesiástico do COB, a Escola de Líderes Operários, demonstrando a intenção do

¹⁵⁰ Bons exemplos deste comportamento são organizações como a Juventude Operária Católica e a Juventude Universitária Católica. Não é demasiado lembrar que é justamente em fins dos anos 40 que Frei Gil de Almeida Bonfim, OFM, publica um artigo - já citado - chamando atenção para a necessidade de um redirecionamento do movimento circulista.

¹⁵¹ Cf. Riolando Azzi, op. cit., p. 153-154.

movimento circulista de voltar a estabelecer um contato mais estreito com o meio sindical. As Escolas de Líderes Operários, ou simplesmente ELO como eram chamadas, floresceram no país a partir de 1955 e se constituíam numa tentativa de formar lideranças sindicais católicas para "viabilizar a criação de Sindicatos Cristãos"¹³².

Percorrendo este caminho o movimento circulista não demoraria a participar das discussões sociopolíticas da época. E, de fato, no dia 15 de abril de 1963, o jornal *Diário de Notícias*, publicava uma matéria cujo título, "Círculos Operários fazem alerta aos trabalhadores", era estampado em letras garrafais. Tratava-se de um manifesto da Federação dos Círculos Operários de São Paulo (FCOSP) que se posicionava contrariamente à convocação da greve geral feita pelo Comando Geral dos Trabalhadores (CGT). No manifesto os circulistas dizem ser

"fato notório e evidente que existe um grupo pequeno, mas organizado, técnica e subversivamente, que está tentando agitar o País... Esse grupo, agindo em nome de entidade espúria [referindo-se ao CGT], unilateral e ilegal, à sombra de certas facções do Governo, ameaça a todo instante com o espantinho da greve Geral.

...
O que deseja o comando da citada organização [CGT] subversiva e pré-fabricada é assenhorar-se do povo brasileiro através da opressão e coação contra as instituições democráticas,

¹³²Cf. CBTC - Confederação Brasileira de Trabalhadores Cristãos, *Identidade circulista: dados históricos*, Brasília, 1993, mimeo.

principalmente contra o Congresso Nacional... Mas não é só o Congresso que têm os agitadores em mira. Infiltrados em partidos políticos e em postos públicos e sindicais, apertam dia a dia o cerco contra o Poder Judiciário e o Poder Executivo".¹⁵³

O manifesto da FCOSP não pode ser tomado como uma atitude isolada. Uma das principais características do movimento circulista sempre foi a sua centralização. Nenhuma federação tomaria a decisão de publicar um manifesto desta importância sem o aval da Confederação Nacional dos Circulos Operários - CNCO. E, isto é claro, a CNCO estava plenamente de acordo com esta posição. Na Reunião Mensal do COB, em 16 de junho de 1963, Cesar Almeida, Orador oficial da entidade, voltando de uma reunião preparatória do I Congresso Circulista do Norte e Nordeste, informa que "a Confederação tem plano de ação com os sindicatos", além disso, o representante da CNCO disse "que os comunistas são duros, preciso estar alertas [sic]; nós temos que impôr a nossa cartilha, que greves [provavelmente referindo-se às greves gerais] são feitas para prejudicar o povo..."¹⁵⁴. Portanto, a orientação era a de buscar uma aproximação com os sindicatos e combater o CGT.

O COB não demorou em demonstrar que havia assimilado a orientação da CNCO, saindo de sua posição cômoda de acompanhamento a distância das reivindicações dos trabalhadores. Em julho de 1963, numa reunião da Diretoria da entidade, o seu Presidente, Florisval Ribeiro Ramos, informava que havia participado, juntamente com outros diretores, de uma das reuniões do comando de

¹⁵³Cf. jornal "Diário de Notícias" de 15.04.1963.

¹⁵⁴Cf. Livro de Atas da Reunião Mensal do COB, Ata da reunião do dia 16.06.1963.

greve da Companhia de Cigarros Souza Cruz. Tendo considerado a greve "justa", a Diretoria do COB resolveu colaborar com o movimento, deixando que os grevistas arrecadassem contribuições no Cine Roma e no Cine São Caetano. Além disso, o Cine Roma foi cedido para a realização de uma sessão matinal em favor dos operários da Souza Cruz.¹⁵⁵ Este acontecimento, de caráter singular na história do circulismo baiano, denota o empenho dos dirigentes circulistas em conquistar espaços no seio do operariado. O apoio à greve não pode ser encarado como uma atitude contraditória. O movimento circulista não era exatamente contra toda e qualquer greve, mas sim contra o que considerava greves políticas, coordenadas pelo CGT. Ademais, se os círculos operários queriam aproximar-se dos sindicatos era necessário solidarizarem-se com estes no momento de uma "justa" reivindicação.

Isto fica bem claro quando da passagem do Pe. Pancrácio Dutra, Assistente Eclesiástico auxiliar da CNCO, em Salvador, em setembro daquele mesmo ano¹⁵⁶. Em duas destacadas matérias publicadas no jornal *A Tarde* o Pe. Dutra demonstrou que uma das tarefas mais importantes, assumidas pelo movimento do qual era um dos coordenadores, era o combate aos comunistas. Ao mesmo tempo referia-se à luta pela regulamentação do Direito de Greve, que nos últimos tempos havia sido o único meio de conseguir aumentos salariais. Outrossim, deixava clara a reação dos trabalhadores cristãos contra o que chamava de "manobras de grupos que criaram organismos extra-sindicais, como o CGT e outros".¹⁵⁷ Na verdade a

¹⁵⁵Cf. Livro de Atas da Reunião da Diretoria do COB, referente ao período entre 06/61 a 11/66, Ata do dia 12.07.1963.

¹⁵⁶O Pe. Dutra encontrava-se viajando por diversos Estados do Nordeste, preparando o I Congresso Regional Circulista que seria realizado em Fortaleza, entre os dias 1 a 6 de outubro daquele ano.

¹⁵⁷Cf. Jornal "A Tarde" de 12 e 14.09.1963.

posição assumida pela CNCO era coerente com aquela da cúpula do episcopado brasileiro, manifestada através da *Mensagem da Comissão Central da CNBB*, em 30 de abril de 1963.¹⁵⁸ Para Márcio Moreira Alves este documento "será o mais progressista que os bispos assinarão coletivamente antes do golpe de Estado",¹⁵⁹ no que tem plena razão. Afinal, tratava-se da primeira vez em que a cúpula da Igreja brasileira manifestava-se de modo contundente em favor da mudança da ordem estabelecida, embora continuasse a fazer referência à ameaça que representava o comunismo. No documento reconhecia a necessidade da implementação urgente de profundas transformações na sociedade brasileira, defendendo, deste modo, as tão propaladas reformas de base que o governo de João Goulart propunha.

Ora, a entrevista do Pe. Dutra n'*A Tarde*, em setembro, refletia completamente a posição tomada pela cúpula da Igreja naquela Mensagem, demonstrando que a CNCO seguia a risca as orientações da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB). Nesta mesma direção caminharam as resoluções do I Congresso Circulista do Norte-Nordeste, do qual participou ativamente uma delegação do COB. Ao final do Congresso foi publicado um "Manifesto à Nação", cujas linhas mestras são o apoio às reformas de base - enfatizando a urgência da reforma agrária - e o combate ao comunismo - ressaltando a importância do desenvolvimento do sindicalismo rural como forma de criar barreiras às organizações

¹⁵⁸ Ver *Mensagem da Comissão Central da CNBB* (30.04.63). Col. Bem Comum, nº 5. Documentário do Governo de Minas Gerais, série "Pronunciamentos do nosso tempo".

¹⁵⁹ Cf. Márcio M. Alves, *A Igreja e a política no Brasil*, São Paulo, Brasiliense, 1979, p. 181.

extremistas.¹⁶⁰ É interessante notar que estas resoluções a respeito do sindicalismo rural tinham uma ligação direta, também, com o reforço da recém formada Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura (CONTAG). Isto porque o movimento circulista, que havia ajudado a fundar a entidade cujo escritório encontrava-se ainda na Sede da CNCO no Rio de Janeiro, temia a perda do seu controle nas eleições a serem realizadas em dezembro daquele mesmo ano.¹⁶¹

A atitude "progressista", aparentemente surpreendente, da Igreja brasileira não tem nada de estranho, caso observe-se a conjuntura daquele período. Não bastassem os problemas sociais e políticos do Brasil, frente aos quais a Igreja se via obrigada a opinar, a Encíclica *Mater et Magistra*, publicada em 15 de maio de 1961, bem como o Concílio Vaticano II apontavam para uma intervenção maior da Igreja nos problemas sociais, de modo a contribuir para a diminuição da injustiça social, principalmente nos países subdesenvolvidos. Assim, a cúpula da Igreja brasileira tinha que assumir as orientações do Pontificado de João XXIII,

¹⁶⁰O ataque era, notadamente, dirigido às Ligas Camponesas, que se transformaram num movimento extremamente perigoso aos olhos dos conservadores.

O Manifesto do I Congresso Circulista do Norte-Nordeste, em sua íntegra, encontra-se nos anexos desta dissertação.

¹⁶¹O Presidente fundador da CONTAG foi o circulista paulista José Rotta. Em agosto de 1963, quando foi realizada uma eleição para o controle da Confederação, foi eleito presidente um outro líder circulista, desta vez o pernambucano José Francisco da Silva. Porém, esta eleição não foi reconhecida pelo governo de João Goulart, que alegou o seu caráter pouco representativo, tendo em vista que várias federações ainda estavam em fase de organização no momento da eleição. Na segunda eleição, em dezembro, o número de federações havia aumentado significativamente e, apesar de todos os esforços dos circulistas que lideravam os setores mais conservadores dentro da CONTAG, a eleição foi ganha pela Ação Popular (AP) e pelos comunistas, que dividiram o controle da entidade.

ainda que boa parte dela fosse avessa às transformações sociais. Além disso, a Igreja brasileira vivia um momento de tensão devido ao caleidoscópio das posições dos seus setores internos, fossem eles vinculados ao laicato ou ao clero, que ela tinha de conciliar.¹⁶² É dentro deste ambiente que deve ser compreendida a mudança no discurso da Igreja no Brasil. Isto equivale a dizer que nada, naquele momento, podia ser tomado como definitivo. Seu discurso era passível de substanciais alterações, tudo dependendo do desenrolar daquela conjuntura e da própria correlação de forças no interior da Igreja.

A Igreja brasileira, oficialmente, manteve-se nesta posição até o momento do Golpe Militar em 1964. O movimento circulista adotou postura semelhante. Contudo, quando das famosas "Marchas da Família com Deus pela Liberdade" - momento em que as diferenças ideológicas entre os católicos se fizeram sentir com toda a sua intensidade -, os circulistas não tiveram dúvidas em apoiá-las.

O Governo Militar instaurado no Brasil após o Golpe de 1964, acabaria por agravar a situação da Igreja Católica brasileira, que tinha no seu interior setores que apoiavam o Golpe e outros, notadamente a chamada esquerda católica, que eram perseguidos pelo governo ditatorial. O movimento circulista posicionou-se, como não poderia deixar de ser, ao lado daqueles que apoiavam o novo regime. A convivência da CNCO com o Golpe terminou por provocar o total rompimento das relações - já pouco harmoniosas - entre o circulismo e outros grupos católicos que atuavam no meio

¹⁶²Sobre a Igreja brasileira no período 60-64, ver, dentre outros, os estudos de Marcio M. Alves, op. cit., Thomas Bruneau, op. cit., Scott Mainwaring, op. cit. e Antonio F. de O. Pierucci, Beatriz M. de Souza e Cândido P. F. de Camargo, *Igreja Católica: 1945-1970*, in Boris Fausto (dir.) *História Geral da Civilização Brasileira*, t. III, v. 4, Bertrand Brasil, São Paulo, 1986.

operário, como a Juventude Operária Católica (JOC) e a Ação Católica Operária (ACO). Também causou a sua expulsão da Confederação Latino-Americana dos Sindicatos Cristãos (CLASC), que considerou uma traição ao sindicalismo cristão o fato de a CNCO ter prestado apoio ao Golpe Militar.¹⁶³

Embora o movimento circulista tenha vislumbrado no Golpe de Estado a sua chance de retomar o lugar de liderança no movimento social católico, a verdade é que, com a postura que adotou não fez outra coisa senão selar, de modo definitivo, a sua sorte.

*

Em uma reunião mensal do núcleo de Itapagipe, realizada no dia 13 de abril de 1964, o Conselheiro do COB, Vicente de Lima Pita, fazia referência às passeatas organizadas no sul do país e afirmava a necessidade daquela entidade acompanhar o movimento, pois tratava-se de uma manifestação católica que "elogia os homens das fardas" que vieram para "salvar o Brasil". Ao mesmo tempo, convidava a todos os circulistas a tomarem parte na Passeata da Vitória, que se realizaria em Salvador, no dia 15 de abril.¹⁶⁴ O Delegado Geral do COB, Henrique Sodré, dizia, dias depois, que no Brasil nunca existiria o comunismo e, congratulando-se com outros circulistas, afirmava que no Brasil não seria admitido um regime que não fosse democrata.¹⁶⁵

¹⁶³A CLASC era uma das organizações internacionais que davam auxílio econômico para a CNCO.

¹⁶⁴Cf. Livro de Atas da Reunião Mensal do Núcleo de Itapagipe. Ata da reunião do dia 13.04.1964. Esta, ao que tudo indica, foi a primeira reunião realizada pelo COB no pós-Golpe.

¹⁶⁵Livro de Atas da Reunião Mensal do COB (1958-1970). Ata da Reunião Mensal de 19.04.1964. Nesta mesma ata Vicente Pita apresentava o que, para ele, seriam os motivos do Golpe: falta de

O clima eufórico que tomou conta dos dirigentes circulistas demonstra a grande esperança que eles depositavam no Golpe, que foi visto como uma chance para o COB assumir a liderança dos movimentos sociais católicos na Bahia e também exercer maior influência no meio operário. Esta euforia também traz à tona uma questão importante, a saber, teria, em algum momento da sua história, o COB se libertado de suas raízes autoritárias? Tudo leva a crer que não. A sua própria estrutura interna manteve-se em um modelo notoriamente autoritário. Além disso, são bastante perceptíveis as dificuldades enfrentadas pelo movimento circulista quando teve a necessidade de adaptar-se ao regime democrático, com o fim do Estado Novo - o que o levou a abraçar cada vez mais o assistencialismo, como se este constituísse a única finalidade do movimento. A posição mais politizada e democrática que o movimento assumiu principalmente no ano de 1963, deve ser vista mais enquanto uma imposição da conjuntura do que como uma livre-escolha. Afinal, o apoio às reformas de base, bem como a determinados movimentos de trabalhadores - como foi o caso da greve na Cia. de cigarros Souza Cruz - derivavam da sua intenção de tentar conter o avanço da influência dos comunistas e não de uma real transformação ideológica do movimento circulista.

O apoio oficial ao Golpe se deu através de um memorial, dirigido ao Presidente da República, Gen. Castelo Branco, cujo teor afirmava a solidariedade do COB com a "Revolução de 10 de Abril". No mesmo memorial, assinado por todos os diretores da entidade, havia um relatório das atividades desenvolvidas pelo COB e uma solicitação de auxílio financeiro no valor de Cr\$ 10.000.000,00.¹⁶⁶

respeito e disciplina.

¹⁶⁶Cf. Livro de Atas da Reunião da Diretoria do COB (06.1961-12.1966). Ata da Reunião da Diretoria do dia 29.04.1964.

No imediato pós-golpe os dirigentes circulistas baianos tiveram razões de sobra para acreditarem na idéia do fortalecimento do circulismo. Alguns elementos se somam para dar uma aparente consistência àquela idéia. O COB, que a partir de inícios da década de 1960 buscava retomar o caminho de seu desenvolvimento, havia conseguido, em abril de 1963, um espaço na Rádio Sociedade da Bahia para transmitir o programa semanal "Circulismo em Marcha".¹⁶⁷ Tratava-se, sem dúvida, de um poderoso instrumento de divulgação e também de arregimentação de novos associados para a entidade. E ele continuou a ser utilizado após o Golpe, com a permissão do governo militar. Outro elemento que contribuiu para o fortalecimento das expectativas do COB foi o fato de vários circulistas terem sido nomeados interventores em diversos sindicatos.¹⁶⁸

O clima de otimismo não se restringiu ao circulismo baiano. O Pe. Ari de Freitas, Assistente Eclesiástico da Federação dos Círculos Operários de Minas Gerais, por exemplo, chegou a afirmar que a Confederação Brasileira dos Trabalhadores Cristãos (CBTC) iria substituir o CGT, "a fim de dar uma orientação sadia aos sindicatos e tomar a frente de todas as reivindicações das entidades máximas dos operários, antes da Revolução".¹⁶⁹ Na verdade os dirigentes nacionais do movimento circulista apostaram nesta idéia, chegando a mudar o seu nome, em julho de 1964, para CBTC,

¹⁶⁷ Este programa pouco depois passaria a ser apresentado na "Rádio Excelsior" todas as terças, às 21:00 h.

¹⁶⁸ Os livros de Atas e outros documentos deixam transparecer que vários circulistas tornaram-se diretores em vários sindicatos da Bahia. Infelizmente não consegui confirmar mais do que dois casos, o de Isidro Gomes, ex-diretor do COB, interventor no Sindicato dos Metalúrgicos e o de Raimundo Santos Moura, que fazia parte da diretoria do Sindicato dos Comerciantes.

¹⁶⁹ Cf. Jornal *A Tarde* de 03.11.1964.

numa tentativa de ampliar o seu raio de ação até ali restrito aos Círculos Operários. Desnecessário dizer que este plano fracassou.

Dentro deste clima de otimismo o COB continuou, ao lado da Federação dos Círculos Operários da Bahia, em sua luta pela ampliação e fortalecimento do circulismo baiano. Contudo, sua atitude de subserviência para com os militares afastava-o dos outros movimentos sociais católicos. Na verdade não demorou muito tempo para que o circulismo se encontrasse totalmente isolado do quadro das organizações operário-católicas, que radicalizavam cada dia mais o seu discurso contra o Golpe e a ditadura militar instaurada no país.

Situando-se na contramão do movimento operário-católico, o COB prosseguia na defesa intransigente do Governo Militar. Fazia-o principalmente através do programa na Rádio Excelsior, "Circulismo em Marcha". Na edição do dia 29 de dezembro de 1964, por exemplo, Florisval Ribeiro Ramos, presidente do COB e apresentador do programa, lia para os ouvintes uma "Mensagem de Ano Novo" que demonstrava o quanto se sentiam à vontade os circulistas, sob o regime militar.

"[...] Começamos o ano de 64 sob o clima de sucessivas greves estando o operariado brasileiro naquela época sob a influência demagógica dos falsos líderes. Veio a revolução de 31 de março e o trabalhador viu renascer as esperanças de dias melhores. Será que o trabalhador ganhou com a revolução? Será que os governantes compreenderão a necessidade de amparar aqueles que constroem a grandeza da Pátria? Dolorosa interrogação.

Uma coisa entretanto o trabalhador ganhou pois desapareceu aquele clima de agitação constante onde já não existia o respeito à autoridade constituída. E quando se verifica isso é porque a Nação vai mal. Temos hoje um presidente que sem pertencer a qualquer corrente partidária está se revelando um grande político. Calmo, ponderado, inteligente, pode conduzir o país ao seu verdadeiro destino. [...]"¹⁷⁰

Evidentemente, esta não foi a única edição do programa em que se fez referência ao Golpe e ao Governo Militar. Em várias outras oportunidades foi possível ouvir Florisval R. Ramos falando em defesa das Forças Armadas, justificando o Ato Institucional nº 1, que suspendia os direitos políticos de grande número de civis e militares¹⁷¹.

Este apoio aos militares não custaria caro ao COB somente no plano de suas relações com outros movimentos operário-católicos. Somado a outros fatores, ele consolidaria a decadência do movimento circulista na Bahia. Ao imaginar que o Governo Militar traria de volta o modelo do Estado Novo de Getúlio Vargas, os circulistas pareciam esquecer que o movimento operário e o próprio país haviam passado por transformações profundas. O Estado Novo nunca mais poderia ser reeditado. Mantendo-se solidário aos golpistas, o COB, ao contrário do que os seus dirigentes pensavam, afastava-se dos trabalhadores, principalmente daqueles dos setores cuja organização

¹⁷⁰Cf. pauta do programa "Circulismo em Marcha" do dia 29.12.1964.

¹⁷¹Ver nos anexos desta dissertação o texto "A crise nacional e o Ato Institucional", lido no programa "Circulismo em Marcha" no dia 12.02.1965.

e combatividade eram fortes antes do Golpe. Ao mesmo tempo, conhecia uma grande dificuldade na renovação dos seus quadros. Pois, os jovens operários católicos que pretendiam ingressar no movimento operário optavam pela JOC - que se situava, em termos práticos e ideológicos, no extremo oposto dos círculos operários -, que tinha uma prática vinculada à luta contra a ditadura e pela liberdade.

Reflexo da decadência do COB, foi a eleição para a nova diretoria da entidade, realizada em dezembro de 1964. O número de eleitores sofreu uma redução de quase 34% em relação à eleição de 1962.¹⁷² Mesmo assim, as esperanças dos dirigentes circunistas se mantiveram vivas até pelo menos o ano de 1967. Parece ser a partir deste momento que a direção do COB percebe a incapacidade tanto de exercer alguma influência no movimento sindical, como de atrair novos militantes para o circulismo.

É certo que o COB, após 1964, viu minguar dia-a-dia o seu quadro de associados, colocando o movimento em franca decadência. Mas isto não foi causado apenas pelo apoio que deu aos militares. Como foi dito, outros elementos concorreram para sua decadência. Um destes fatores já havia sido apontado por Frei Hildebrando Kruthaup, em inícios da década de 60. As funções assistenciais do COB, tais como o ambulatório e a Caixa Beneficente, haviam perdido seu espaço para os Institutos de Previdência e para os sindicatos. Também iam perdendo espaço as escolas mantidas pela entidade, pois no caso dos cursos primários e ginasiais o número de escolas da rede estadual crescia, fazendo com que se tornassem menos procurados os estabelecimentos de ensino mantidos pelo COB. No caso dos cursos profissionalizantes, a exemplo da Escola de Datilografia

¹⁷²Ver nos anexos desta dissertação o quadro sobre o número de votantes nas eleições do COB de 1942 a 1964.

do COB, a presença cada vez mais forte de instituições como o SESI, SENAI, SESC, tornava superflua qualquer preocupação do COB em mantê-los funcionando.

Sofrendo, dia-a-dia, a redução do quadro de associados e com a perda de sentido das funções que habitualmente exercia, o COB, principalmente após 1967, entra num longo processo de agonia. Era como se nada mais houvesse a fazer que não fosse esperar a morte do moribundo. Com o passar dos anos o patrimônio da entidade foi sendo desfeito. Hoje, o seu patrimônio reduz-se ao Edifício Beneficência Operária, no Largo de Roma. Um grande prédio, com aparência de abandonado, que necessita urgentemente de reformas. O número de associados é inferior a 30, boa parte dos quais são aposentados.

OBSERVAÇÕES FINAIS

Ao acompanhar o desenvolvimento histórico do movimento circulista baiano é possível notar o quanto ele se assemelha ao circulismo nacional. Foi uma característica fundamental de todo o movimento o não acompanhamento das transformações sociais, econômicas e políticas pelas quais passou o país ao longo de três décadas. Mais do que isto, tudo converge no sentido de o circulismo não ter conseguido sequer acompanhar as mudanças ocorridas no seio da própria Igreja católica.

Pode-se dizer que o movimento circulista foi fruto de um pensamento católico conservador e autoritário. A centralização, a hierarquização, além do poder extremamente forte do assistente eclesiástico nos círculos operários são elementos que assinalam a presença de um relevante conteúdo autoritário nestas organizações. Pautado sobre estas bases, o circulismo, tanto na Bahia quanto no Brasil, sofreu tanto com as transformações democráticas, por que passou o país após o fim do Estado Novo, quanto com o avanço do processo de industrialização. Quando teve de disputar espaço com outras correntes no movimento operário, mostrou a sua fragilidade ao não conseguir encampar propostas condizentes com a nova conjuntura política e com os novos anseios dos trabalhadores, perdendo paulatinamente a sua representatividade naquele meio. Se na Bahia o circulismo não ruiu à época do que chamo de intervalo democrático - de 1945 a 1964 -, isto se deveu, sobretudo, a três elementos correlacionados: o prestígio social de Irmã Dulce e Frei Hildebrando Kruthaup, que contribuía para que as elites políticas locais seguissem investindo recursos no COB; as várias políticas assistenciais postas em prática pela entidade, que terminavam por atender a um significativo número de pessoas doentes ou famintas; as vantagens oferecidas ao seu quadro de associados, a exemplo da

meia-entrada nos seus cinemas, cursos de datilografia, corte e costura, prendas domésticas e de alfabetização para adultos, o Ginásio Circulista - onde o ensino era gratuito para os filhos de associados -, atendimento médico-odontológico gratuito etc. Estes fatores foram, sem dúvida, de importância primordial para a sobrevivência do movimento, contudo não suprimiram as dificuldades do circulismo no convívio com um ambiente mais industrializado e democrático.

Talvez tenha sido também este caráter autoritário, responsável pela empolgação do circulismo baiano e nacional com o Golpe Militar de 64. Era como se uma espécie de nostalgia do Estado Novo pairasse no ar e se tornasse cada vez mais próximo o sonho da volta aos "bons tempos do Dr. Getúlio", quando a ordem e o respeito às autoridades constituídas eram colocadas acima de quaisquer outros valores.

O COB, de sua fundação até meados dos anos 50, cumpriu um importante papel na sociedade baiana, o de atenuar os sofrimentos de uma parcela da população. Ainda que atendesse apenas a um contingente relativamente pequeno de pessoas, o COB, através do atendimento médico gratuito, da doação de remédios, alimentos e roupas, conquistou o respeito da população de Salvador e também o apoio dos políticos locais. Neste sentido, ele pode ser comparado àquilo que representava para os soteropolitanos as *Obras assistenciais de Irmã Dulce*, no tempo em que ela ainda estava viva. Contudo, no caso do COB, os objetivos não se restringiam às atividades assistenciais e beneficentes; ele era, ou ao menos tentava ser, também um movimento operário.

Enquanto movimento operário organizado a entidade não obteve um êxito muito grande. Durante o Estado Novo, praticamente assumiu - como de resto todo o movimento circulista - um caráter de

órgão oficial do governo, obtendo, assim, vários cargos nas diretorias de diversos sindicatos. Mas, nunca conseguiu definir uma estratégia sindical clara. Com o fim da ditadura de Vargas tornava-se nítida a inexistência de um plano de ação concreto para conquistar espaços no seio do operariado. Vale ressaltar duas evidências bastante significativas a este respeito: a primeira é o fato de não ser encontrada qualquer discussão relativa a questões sindicais, até inícios dos anos 60, nos vários livros de atas que foram pesquisados; a segunda é que somente em 1962 foi criado, no COB, um "Departamento de assuntos sindicais". Só com o Golpe militar de 1964 é que os circulistas voltaram a ocupar cargos nas diretorias de alguns sindicatos, sendo sempre nomeados como interventores.

Engendrado numa sociedade autoritária, conservadora e pouco industrializada, fruto de um pensamento que via na caridade cristã a solução para os males da humanidade, o circulismo encontra seu limite nas transformações sociais, econômicas e políticas ocorridas em escala nacional e internacional no pós-guerra. A perda de contato com a realidade, um fenômeno que se vai tornando mais e mais perceptível a partir de meados dos anos 50, termina por transformá-lo em uma espécie de personagem de um drama quixotesco.

APÊNDICE

O CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA E O CINEMA

Numa história do cinema na Bahia não poderá faltar um capítulo sobre os cinemas católicos. Eles cumpriram um papel de relevante importância na difusão do cinema na Bahia. Várias salas de projeção cinematográfica eram de propriedade de associações católicas, isto até meados dos anos 60. Mas, não é exatamente sobre os cinemas católicos que se concentram as atenções deste pequeno texto. O que interessa aqui é na verdade a relação entre o COB e os cinemas, tendo em vista que esta entidade além de administrar um cinema também era proprietária de algumas salas de projeção.

O grande incentivador do cinema católico na Bahia foi o Frei Hildebrando Kruthaup. Foi ele, em 1935, que, como Assistente Eclesiástico da Congregação Mariana de São Luis, construiu o Cine Excelsior - o primeiro cinema católico da Bahia. Note-se que o interesse de Frei Hildebrando pelo cinema antecede à publicação da Encíclica *Vigilanti Cura*, do papa Pio XI, escrita em 1936.

Em 1942, no 4º Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil, o Frei Hildebrando apresentou uma tese intitulada "Os Círculos Operários e o cinema"¹. A tese tem um valor muito grande porque não trata somente de questões mais imediatas, como a utilização do cinema como fonte de renda para os círculos, ela vai além quando apresenta um projeto para o desenvolvimento do cinema católico.

¹Confederação Nacional de Operários Católicos. *Quarto Congresso Nacional dos Círculos Operários do Brasil - Arquivos*, Rio de Janeiro, CNOC, 1942, pp. 50-59.

Para Frei Hildebrando era necessário, em primeiro lugar, construir uma grande rede de cinemas católicos no país. Daí, então, seria possível pensar na produção de filmes católicos. Mas, antes disto, propõe Frei Hildebrando, com 50 a 70 cinemas católicos espalhados pelas principais capitais do país, poder-se-ia, através do Secretariado de Cinema da ACB, importar-se anualmente um bom número de filmes católicos produzidos em outros países. Deste modo, "pouco a pouco, o número de cinemas católicos iria aumentando e, então, já se poderia pensar em fundar uma companhia de produção católica"¹. Caso isto não fosse possível o Secretariado da ACB poderia entrar em acordo com as companhias cinematográficas nacionais para que fossem produzidos filmes que observassem determinados itens da doutrina e moral católica em troca da sua exibição em todo o "circuito de cinemas católicos".

Em linhas gerais era este o projeto que Frei Hildebrando gostaria de ver realizado pela Igreja brasileira, através dos seus organismos competentes. Contudo, o que desperta maior interesse naquela tese não é o mega-projeto de produção de filmes católicos. Na verdade, o mais importante para o presente estudo é perceber o discurso moralizante sobre o cinema, que está inserido na posição oficial da Igreja, definida pela *Vigilanti Cura*.

A Encíclica *Vigilanti Cura* tratava-se de uma mensagem dirigida ao episcopado norte-americano. Nela o papa Pio XI manifestava sua satisfação pelo trabalho que a *Legião da Decência*, instituída desde 1934, vinha realizando nos Estados Unidos. Para Pio XI a *Legião da Decência* era uma verdadeira cruzada em favor da moralidade pública; através dela milhões de católicos comprometeram-se a não assistir filmes que ofendessem a moral católica. O êxito daquela organização nos Estados Unidos, acabou

¹Id. Ibid., p. 52.

por torná-la em uma espécie de órgão censor extra-oficial, com grande influência sobre a censura oficial. Apontando-a como um modelo a ser seguido, Pio XI pretendia disseminar pelo mundo católico este tipo de organização que deveria estar vinculada à Ação Católica.

Todavia, antes mesmo da Encíclica de Pio XI, em vários países já haviam surgido as *Legiões da Decência*. Um bom exemplo disto é o caso do México. O historiador mexicano Guillermo Zermeño,¹ assinala que a Legião Mexicana da Decência foi formada, provavelmente, por volta do ano de 1934, tendo um modelo bastante parecido com aquele dos Estados Unidos. Sua finalidade está bem expressa numa publicação de 1959, intitulada *Apreciaciones. Catálogo de los espectáculos censurados por la Légion Mexicana de la Decencia*. Aí diz-se que a LMD representava vários grupos interessados em

"velar sobre la pureza de nuestras costumbres y por lo tanto en aislar las enfermedades sociales como se aislan las epidemias que amagan la salud de nuestro cuerpo..."⁴

O caso do Brasil é um pouco diferente. Aqui nunca houve uma Legião da Decência organizada nos moldes supra citados. Entretanto, havia o Secretariado de Cinema da ACB, que publicava regularmente uma lista classificando os filmes como "bons para toda

¹ Guillermo Zermeño, *La Iglesia, el cine y la "cuestión moral" en México (1930-1960)*. Comunicação apresentada na II Conferência Geral da História da Igreja na América Latina e no Caribe: 1945-1995.

⁴Cf. *Apreciaciones. Catálogo de los espectáculos censurados por la Légion de la Decencia*, México, 1959, apud Guillermo Zermeño, comunicação cit.

a família", "para adultos", "desaconselháveis para todos", "proibidos e condenados pela moral cristã".

A tese de Frei Hildebrando evidentemente contemplava esta discussão de cunho moralizante. Discordando daqueles que viam no cinema algo pernicioso e funesto para a moralidade e para a religião, defende que há muitos filmes bons, embora não sejam católicos. Nesse sentido, cita alguns filmes de muito sucesso que tiveram boa aceitação por parte da censura católica⁵. Reconhecendo no cinema uma atividade de recreação e lazer das mais atrativas, Frei Hildebrando pugnava que enquanto não houvesse condições de importar ou produzir filmes católicos era importante que os cinemas católicos passassem boas películas que não trouxessem prejuízos à moral católica. Para tanto era necessário que todo filme passasse por uma censura prévia.

No caso dos cinemas de propriedade ou administrados pelo COB, era o próprio Frei Hildebrando que fazia a censura prévia. Infelizmente não há como saber exatamente que critérios eram utilizados por ele nesta censura; as dificuldades aqui são praticamente intransponíveis - ainda assim, parece ser inevitável impedir que venha à mente a figura do padre, do filme "Cinema Paradiso", que assistia a todos os filmes antes que eles fossem exibidos e, com uma sineta na mão, indicava ao projecionista as cenas que deveriam ser cortadas. Impossível dizer quais cenas de *Casablanca* foram censuradas, ou mesmo quantos e quais beijos foram cortados das películas ao serem considerados ofensivos à moral e aos bons costumes por Frei Hildebrando, ao longo do tempo em que

⁵Os filmes citados são os seguintes: Robin Hood, Primavera, Maria Antonieta, Sinfonia Inacabada, Capitão Blood, Legião de Heróis, Com os Braços Abertos, Somos Todos Irmãos. Além destes, Frei Hildebrando se refere aos filmes de Deana Durbin, Shirley Temple e outros.

atuou como censor nos cinemas do COB. Estas e tantas outras são questões sem resposta. Eis o limite do historiador! Eis o limite da história! Mais uma vez a palavra é de H.-I. Marrou: "A história faz-se com documentos"⁶.

Frei Hildebrando, todavia, não pensava o cinema apenas em termos ideológicos e moralistas. Procurava demonstrar em sua tese que os círculos operários teriam, também, muito a lucrar com a construção, aluguel ou compra de cinemas. Apoiado em sua experiência à frente do COB, Frei Hildebrando afirmava que era necessário haver, além das mensalidades, uma outra fonte segura e constante de renda para os círculos. E o cinema seria uma dessas fontes de renda. Dando como exemplo os cinemas da Bahia e de São Paulo, informa que estes "dão mensalmente, vários milhares de cruzeiros de renda líquida a ser aplicada para serviços de assistência social aos circunistas".⁷ Mas não era somente como fonte de renda que o cinema era visto, havia outras motivações para a construção de salas de projeção pelos círculos operários. Nesse sentido, Frei Hildebrando lembra que todo círculo deve dispor de um grande local para suas reuniões e que o salão de projeção pode servir, ao mesmo tempo, como sala de reuniões. Lembra ainda que "as reuniões do Círculo devem ter uma parte recreativa; tendo cinema, facilmente pode-se fazer, antes da sessão, a projeção de um filme interessante, o que muito atrai. O salão pode ter um palco e, aí, se farão os teatros circunistas".⁸

⁶H.-I. Marrou, *Do conhecimento histórico*, Martins Fontes, Lisboa, s/d., pp. 61 e ss.

⁷Cf. Confederação Nacional dos Operários Católicos, op. cit, p. 56.

⁸ Id. Ibid. p. 56.

Assim, ao mesmo tempo que era, primordialmente, fonte de renda para a manutenção dos benefícios oferecidos pelo círculo, o cinema era também um local onde podiam ser realizadas reuniões e outras atividades da entidade. Além disso o cinema acabaria por tornar-se em mais uma vantagem oferecida ao associado, pois este teria direito a pagar metade do preço do ingresso, como no caso do Cine Pax, administrado pelo COB. Na década de 50 a entidade já era proprietária de três casas de projeção - o Cine Roma, na sua nova sede, o Cine São Caetano e o Cine Plataforma. Por fim, é preciso assinalar que os cinemas se constituíram na principal fonte de renda regular do COB durante muitos anos.

A N E X O S

ANEXO I

A INAUGURAÇÃO DA UNIÃO OPERARIA DE S. FRANCISCO

Palavras do Presidente José Bastos¹

Damos em seguida a oração official, pronunciada na inauguração da "União Operaria de São Francisco", pelo Sr. José Luiz Guimarães de Araujo Bastos, presidente da Obra que se inicia sob os applausos da Bahia.

Revmo. Conego Florencio Vieira, Vigario da Penha, sob cuja jurisdicção é fundado pela primeira vez na Bahia, um movimento de operarios e digno representante de Sua Excia. Revma. Conde Augusto Alvaro da Silva, preclaro Arcebispo da Bahia e Primaz do Brasil.

Sr. Dr. Alberto de Assis representante do Sr. Secretario da Educação e Saúde Publica e Presidente da Associação dos Professores Catholicos da Bahia.

Revma. Madre Superiora das Missionárias da Immaculada Conceição, que representa a Madre Geral, cujo nome evocamos neste augusto momento.

Revmo. Frei Mariano OFM representante do Padre Guardião e do Provincial dos Franciscanos no norte do Brasil.

Sr. Cleto Amaro Araponga, presidente da minha dilecta Congregação Mariana de São Luiz.

Sr. Dr. Bernardino Brandão Nogueira, Director do Posto Medico.

¹Publicado no Jornal *O Imparcial*, dos dias 12/01 e 13/01 de 1937.

Revmo. Frei Hildebrando Kruthaup, Director da Casa de "Santo Antonio", Congregação Mariana e da obra que hoje se instaura.

Revmo. Conego Francisco Fernandes.

Revma. Irmã Dulce Lopes Pontes, IC, idealisadora e fundadora desta grandiosa obra.

Minhas Senhoras.

Meus amigos e senhores.

Deante das alegrias deste dia e das commemorações festivas desta inauguração, alimento as doces e sorridentes esperanças fagueiras e alviçareiras de um Anno Novo que surge, e convencido estou de que outro presidente deveria neste instante empolgar os vossos espiritos com uma linguagem elevada e convincente que melhor soubesse dizer o que tem sido o trabalho destas irmãs e o que será a organização a se solidificar neste momento, em que viestes com a vossa presença dar testemunho mais irrefutável de vossa solidariedade.

Mas estava já escripto no grande livro da vida, no qual seguindo o proverbio "Deus escreve certo em linhas tortas", que durante a minha vida terria de passar por estas rudes provas, apresentando-me muito menos com o meu humilde nome que nada vale, mas com as responsabilidades dos cargos que venho exercendo. Tenho de resignar-me e convencido declarar que "nenhum fio de nossa cabeça cáe, se não fôr da vontade de Deus".

Entre as alegrias desta inauguração, recordo-me dos optimistas que nos animavam e encorajavam, quando, em circunstâncias identicas a esta, fazia a oração official da inauguração da "Casa de Santo Antonio", e me vem tambem a retina o bando dos pessimistas, já prevendo o fracasso e desmoronamento das nossas doces e fagueiras esperanças no futuro, em amparo de todos aquelles que nos batessem á porta.

Aquí eu sinto, vejo e perscruto tambem aquelles dois bandos; é todos os tempos e de todas as épocas e está nas

Escripturas "não se pôde servir a dois senhores". Com esta inauguração, vamos pois fragorosamente contra os pessimistas, para ficarmos, hoje e sempre com os optimistas.

Quiz ainda o destino que a vossa organisadora e fundadora, fosse (parte ilegivel) com a sua palavra que é divina, com o seu enthusiasmo, que é do Céu, o mais humilde dos congregados Marianos da Bahia, o mais desprotegido de dotes de cultura e de eloquencia entre os que pudessem incentivar e guiar este grande rebanho, no meio do qual ella é incontestavelmente a legitima representante do Bom Pastor. Não quiz attender ás minhas ponderações e relutancias collocando-me então sobre os hombros as responsabilidades do destino e do futuro de sua obra.

A vós que sois oradores primorosos e sabios eu supplico e imploro que não repareis os senões e o maldizer desta oração, porque já sentenciou uma das glorias immortaes da Bahia, Arlindo Fragoso, em uma das suas memoraveis conferencias no Gremio Literario, "que a dificuldade dos conferencistas e oradores está na arte de dizer."

Em mim falta tudo; a ausencia é completa; mas a bôa vontade o desejo de ser util e servir aos meus e á minha terra, fazem com que ousada e destemidamente vos fale neste augusto momento, porque é festa de coração a coração, festa de pobre para pobre que confia e espera tudo da providencia divina, pois é ella que tudo rege e governa.

Permittam-me pois, meus amigos e senhores, que vos fale.

A Humanidade vive do dia vivido, no sobressalto da incerteza do "amanhã". Surgem, então no horizonte da Pátria acenos e gritos, que procuramos auscultar e comprehender; vamos nos approximando e, então, vemos a fome victimando as classes menos abastadas; a mocidade definhando-se porque não tem onde ganhar o alimento honestamente; a velhice chegando lentamente para a beira do tumulo que se vae abrindo ao seu lado e com ella vão todas as

esperanças da adolescencia, de uma mocidade vigorosa e de um outomno de desilusões. Nada deixa porque o pouco que ganhou, foi para mal saciar a fome e frio dos rebentos que Deus nos seus altos designios lhe deu.

É este, meus amigos e senhores, o quadro de todos os dias em todas as Nações. A miséria, a fome, a falta de emprego para os pobres, para os humildes, para os desherdados da sorte.

Há poucos dias li uma oponião sobre a questão operária ou "questões sociaes" na qual era citada a seguinte phrase de Pio XI: "Certamente, a condição dos operarios tornou-se melhor e mais justa, maximé nos Estados mais cultos e nas nações maiores, mas quase não pode affirmar que todos os operarios sejam atormentados pela miseria ou angustiados pela necessidade. Mas depois de terem as artes machanicas e as industrias do homem penetrado tão rapido e diffusamente, em regiões sem conta, cresceu desmedidamente a multidão dos proletarios necessitados, e os seus gemidos bradam da terra aos céus". (Carta Encyclica "Quadragesimo Anno").

Era porém preciso que da Bahia, terra mater da nacionalidade, terra primeira de Cabral, de Fr. Henrique de Coimbra, partisse o socorro para os seus filhos operarios e para todos aquelles que necessitam de amparo nas horas amarguradas desta vida que é toda de illusões e soffrimentos. Felizmente, já se vão dois annos que estas abnegadas da Immaculada Conceição, que são filhas do grande São Francisco de Assis, andam, de porta em porta, a esmolar um pouco da migalha que resta da meza daquelle a quem a Providencia quiz favorecer para que pudessem repartir com os seus irmãos desafortunados. Ellas voltam a mão cheia e o coração transbordando de contentamento, porque receberam tambem um "Deus a favoreça irmã" ou uma palavra aspera por amor d'aquelle que tudo rege e governa. Pressurosas vão, então, á casa do operario, do pobre, áquelle que estende a mão á caridade do transeunte e vão tambem meus senhores á casa da pobreza envergonhada, que um telhado e quatro paredes escondem o quadro tetrico da vida.

A organização estava tomando vulto, era preciso nova orientação e novos rumos; cada vez mais crescia o numero daquelles que desejavam e necessitavam ser amparados e auxiliados. Tornava-se, pois, necessario fazer uma obra de maior escala de maiores proporções, de proporções taes deante do numero sempre crescente de socios e beneficiados, que excedia as possibilidades da idealizadora e das irmãs missionárias, pelo que resolveram entregar a direcção á "Casa de Santo Antonio", cuja instituição Bahia conhece tendo auxiliado generosamente a sua fundação, afim que ela financiasse e custeasse tão nobre movimento, fundando uma sede própria, installando Posto Médico com sala de consultas, curativos e de pequenas cirurgias, montando pharmacia para distribuição de formulas e medicamentos, criando corpos clinicos, organizando cooperativas e restaurantes, fundando um jornal, construindo sala para conferências, reuniões e projecções educativas, creando caixa de auxilios e emprestimos, incentivando agencias de collocações, assistencia juridica, etc., incrementando departamento recreativo com xadrez, dama, radio, , gamão, bilhar, ping-pong e campo de football; intensificando o desenvolvimento da bibliotheca, centro de estudos, formação moral, intellectual e civica e aulas nocturnas para ambos os sexos, procurando seguir o maior dos poetas brasileiros, glória e orgulho nosso, Castro Alves, na sua inspirada estrophe:

"Oh, bemdicto o que semeia
Livros... livros a mão cheia,
E manda o povo pensar!
O livro, cahindo n'alma,
É germen que faz a palma
É chuva que faz o mar."

A "Casa de Santo Antonio" vae seguindo, assim, a finalidade para que fora fundada na Bahia e a cuja frente está este

espírito moço que é Frei Hildebrando Kruthaup, OFM, com uma vontade dinamica em trabalhar pelo operariado e para o operariado.

É por tudo isto que hoje estamos aqui reunidos, na mais justa das alegrias, para inaugurar a sede da "União Operaria de São Francisco".

A nossa obra foi, e será social-religiosa, porque não pode haver espírito de humanidade que não esteja irmanado com os nossos sentimentos, com a nossa crença, com a crença dos nossos antepassados, porque foi debaixo deste sentimento, à sombra de um madeiro representando a cruz, que o Brasil nasceu e viveu. Fora desta cruz, desprezando esta cruz, renegando esta cruz, não é obra social-religiosa, é obra machiavelica, é movimeto que traz sob as apparencias de tantas quantas obras que se dizem de philantropia, o cerebro, o espirito, a alma diabolica de um "Stalin", ou então dos "socialistas" que "para curarem os males sociaes, instigam nos pobres o odio invejoso, contra os que possuem bens de fortuna e pretendem que toda a propriedade de bens particulares deve ser suppressa, que os bens de um individuo qualquer devem ser communs á todos e que a sua administração deve voltar para os municipios ou para o Estado. Mas semelhante theoria, longe de ser capaz de pôr termo ao conflicto, prejudicaria ao operario si fosse posta em pratica. Outrossim, é summamente injusta, por violar os direitos legitimos dos operarios, viciar as funcções do Estado e tender a subverter completamente o edificio social". Assim falou o immortal Leão XIII na sua Encyclica "Rerum Novarum".

É preciso porem frizar que a nossa Sociedade "permanece fora e acima de todas as actividades e lutas puramente politicas do partidos".

É hoje a inauguração dessa Séde; dentro de poucos dias vamos entregar aos operarios e aos necessitados outras sédes.

Não ficará aqui somente o nosso trabalho, iremos para a frente de bairro em bairro, até chegarmos ao coração da cidade, cumprindo-se deste modo o programa da "Casa de Santo Antonio"

mostrando á Bahia e ao Brasil que os obulos dados para a sua edificação cahiu em terreno fértil e germinou, deu bom fruto e esta espalhando benefícios aos operarios, aos humildes e aos necessitados.

Meus senhores, nós que estamos trabalhando para o bem do proximo, não queremos e é do nosso espirito fazer com que nunca sobressaiam os nossos nomes, desta vez, as circunstancias e os motivos desta festividade permitem que se faça um parentese para que mais uma vez toda a Bahia e o nosso caro Brasil tenham conhecimento de que em nossa cidade existe uma alma privilegiada, um coração grande, uma vontade de espalhar o bem, que debaixo de um humilde habito da Immaculada Conceição esta aquella que hoje e sempre será a Irmã Dulce, a fundadora, a organizadora desta obra, que d'oravante identificada aos seus irmãos de habito, filhos da grande familia franciscana, cujo grande fundador foi o mais pobre entre os pobres, e hoje é o maior entre os maiores, porque nelle nós vemos exculpida a imagem d'Aquella que é Jesus Crucificado.

Que todos concorram para o desenvolvimento sempre crescente desta obra que vem em amparo das classes, principalmente nesta hora de desconforto e desalento, de apprehensões porque passam os povos e as nações, vendo a humanidade a braços com um dos maiores cataclistas² de todos os seculos.

Queira Vossa Revma. representante de sua Excia. o senhor D. Augusto Alvaro da Silva, eminente arcebispo desta gloriosa terra e primaz do Brasil, declarar, para gaudio nosso e do seu fecundo episcopado, inaugurado e installado na Bahia o primeiro movimento de operarios sob a denominação de "União Operaria de São Francisco". E Vossa Excia., sr. Representante do Dr. Secretario da Educação e Saúde Pública, que exerce outro sacerdocio, queira proclamar installado o nosso Posto Medico e a nossa Escola, pois

² Termo utilizado por José Bastos para se referir a Stalin como um provocador de cataclismas.

vamos pensar as chagas dos amargurados e espantar as trevas e fazer com que surjam e brilhem as intelligencias dos nossos irmãos em Christo.

Terminando vos concito a elevar os nossos corações para o alto, para Deus dizendo: Senhor, a obra é vossa; guiae-a, protegei-a e dae-nos forças para podermos reagir contra os impecilhos que nos hão de surgir, e queremos que surjam, porque estamos trabalhando para a vossa maior gloria.

Tenho dito.

ANEXO II

OFÍCIO DE FREI HILDEDEBRANDO KRUTHAUP AO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA, COMUNICANDO O SEU AFASTAMENTO TEMPORÁRIO DA ASSISTÊNCIA ECLESIÁSTICA DA ENTIDADE

Meus caros circunistas:

Em virtude da atual situação do paiz, os Revmos. Padres não-brasileiros da Comunidade Franciscana da Bahia, resolveram - aliás de acordo com a opinião do sr. Arcebispo-Primaz, e no sentido de evitar possíveis explorações e deturpações - absterem-se, por enquanto, de todas as pregações, conferências, doutrinações, reuniões, etc. De acordo com esta resolução nossa, deliberei retirar-me, temporariamente, de todo movimento circunlista, até que se normalise a situação e volte ao mundo a paz do senhor. Ficará em meu lugar o Revmo. Frei Joaquim da Silva que já vinha trabalhando conôscos e a quem, espero, deis todo o vosso apoio e toda vossa dedicação, mormente nesta fase crítica e difícil, a fim-de-que o circulo continue sempre forte, sempre firme, sempre vitorioso como o tem sido até agora. Que todos demonstrem, neste momento, o seu entusiasmo e o seu amor ao nosso movimento, á nossa causa que é ao mesmo tempo a causa da Igreja e da Pátria brasileira!

Seja bendita esta hora de sacrificios, esta hora de renuncia, esta hora de provação! É agora, em dias como estes, que vamos ver com quem podemos contar! É na hora da luta que se conhece o valor do soldado! Bendita, pois, mil vezes bendita esta hora em que o circulo, em vez de perder, vai lucrar imensamente! Os que não eram nossos, afastar-se-ão! E os que eram nossos, que são nossos, sê-lo-ão agora ainda muito mais! Portanto coragem! Entoai de novo, o nosso hino que é o hino dos trabalhadores brasileiros:

Companheiros, cerremos fileira!

Olhos fitos no ideal que reluz;
Empunhemos a nossa bandeira,
Cujas côres abraçam a Cruz!
Ardorosos na luta, queremos
O operário fazer respeitar;
Contra as fôrças do mal defendemos
Nosso Deus, nosso pão, nosso lar!
Nós trazemos um lema que encerra
Um programa de paz e de amor,
Pois, queremos que acabem na terra
A opressão, a injustiça, o terror.

Quanto a mim, todos fiquem tranquilos! Quem eu sou e o que tenho sido e o que tenho feito para vós, vós o sabeis. E o que tenho colhido em recompensa, ninguém ignora! E Deus seja bendito! Nunca tenho procurado a minha pessoa, a minha glória ou gratidão dos homens! Deus me é testemunha! Só tenho procurado a glória de Deus e da Santa Igreja e o bem material e espiritual das classes pobres, de acordo com o ideal e exemplo do nosso seráfico pai São Francisco. Se o Nosso Senhor era quem era, e fizera ao povo o que fez, e si, no entanto, este depois lhe fez o que fez - que direi eu, pobre criatura humana! Sinto-me, entretanto, imensamente feliz em poder sofrer alguma coisa semelhante ao sofrimento do meu Divino Mestre e Chefe Supremo, e com ele rezo, de todo o coração: "Pai, perdoai-lhes, pois, não sabem o que fazem". E agora, adeus, companheiros e amigos meus, adeus - até quando Deus quiser! Que Deus vos proteja! Que Deus esteja convosco, são as preces do vosso, sempre vosso, Frei Hildebrando Kruthaup.

Bahia, 13 de setembro de 1942.

ANEXO III

QUADRO DO NÚMERO DE ASSOCIADOS VOTANTES
NAS ELEIÇÕES DA DIRETORIA DO COB (1942-1964)

ANO	ELEITORES
1942	683
1944	595
1947	768
1954	1.723
1956	741
1958	1.580
1961	1.120
1962	1.287
1964	851

Fonte: Livros de Atas da
Assembléia Geral do COB.

1960

COMPANHEIROS CIRCULISTAS

Abram bem os olhos, estamos perdendo o CIRCULO OPERARIO DA BAHIA.
 Ele já não é mais dos operarios. Já não temos direito a nada, tudo pela moleza
 das Diretorias. Nada podemos fazer. Isto não póde continuar. Temos que mudar o
 VOTO é que nos dá força, se soubermos escolher ELEGENDO pessoas capazes
 Basta das mesmas pessoas todas as vezes, porque só esses interessam AOS MAN

Não basta ser popular e dizer gracinhas no Palco para ser PRESIDENTE, o que
 é preciso é ter cabeça e força de consciencia para lutar pela EMANIPACAO DO
 NOSSO CIRCULO e nos livrar deste JUGO ESCRAVO.

Companheiros votai na CHAPA ALYRIO TELES, PARA PRESIDENTE DA
 DIRETORIA, homem integro e independente, capaz de levantar o valor do CIRCULO
 OPERARIO DA BAHIA e dar o CIRCULO AOS CIRCULISTAS.

AVANTE PARA A VITORIA!!!

CIRCULO OPERÁRIO DA BAHIA

PROCLAMAÇÃO

Companheiros Circulistas!

Aproximam-se as eleições do Círculo Operário da Bahia, quando nós, escolheremos os novos dirigentes para o biênio 1963-1965.

Queremos nesta oportunidade, lembrar aos companheiros o que foi a nossa luta nos dois anos, para nos livrar da tutela de outros e dar ao nosso Círculo, a independência e a autoridade tão reclamadas por todos nós.

Hoje, o Círculo Operário da Bahia é nosso; podemos decidir do seu destino, sem imposições de quem quer que seja. Sabemos o que queremos e para onde vamos, pois o operário que tanto evoluiu nos últimos anos, tem consciência plena do seu valor.

Tudo fôzemos para que os dois anos da nossa administração, fôzsem de progresso para o Círculo Operário da Bahia e graças a Deus, conseguimos alguma coisa. Estamos em condições de fornecer quaisquer esclarecimentos aos nossos associados, no que se refere ao movimento administrativo e financeiro do Círculo, onde os companheiros poderão tomar conhecimento dos grandes problemas enfrentados e em parte vencidos. Gostaríamos de resolver tudo para que o nosso associado tivesse a assistência que sempre desejamos dar; todavia dois anos de administração não nos permitiu fazer.

Somos contrário ao continuismo no cargo, pois achamos que se deve dar oportunidade a outros, desde quando o número de associados é grande e temos a certeza, que muitos companheiros têm capacidade para dirigir. Por essa razão é para que a administração do C. O. B. não sofra solução de continuidade, na sua independência e autoridade, é que apresentamos o nome do companheiro FLORISVAL RIBEIRO RAMOS (DUILSON), para Presidente do Círculo Operário da Bahia, com a certeza de que aquilo que não nos coube realizar, pela luta travada que ocupou grande parte do nosso mandato, será solucionado, pois o espírito que o anima e os seus companheiros de chapa, é o de elevar cada vez mais o Círculo Operário da Bahia, à dias gloriosos, cumprindo fielmente a Justiça Social Cristã.

Para a vitória companheiros, nas eleições de 9 de dezembro de 1962,
com a chapa n. 1, TRABALHAR PARA VENCER.

Alyrio de Lima Telles

Presidente do C. O. B.

CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA

Sede: EDIFÍCIO ROMA
PRAGA DA BANHEIRA - TEL. 5000
CRUZEIRO DO SALVADOR - BAHIA



FUNDADO EM 16 DE JANEIRO DE 1917
RECONHECIDO EM UTILIDADE PÚBLICA
EM 26 DE JULHO DE 1948

ANEXO V

A CRISE NACIONAL E O ATO INSTITUCIONAL
(EXCERTO DE FAUTA DO PROGRAMA CIRCULISMO EM MARCHA
TRANSMITIDO PELA RÁDIO EXCELSIOR EM 12.02.1965)

CEIOR JURÍDICO-DR. BALBUENA

A CRISE NACIONAL E O ATO INSTITUCIONAL

A situação anormal em que chegou o país, notadamente pela insubordinação pregada pelas altas autoridades / contra o poder e o seguimento dessa situação de anomalias, / que levaria fatalmente a Nação a um estado anárquico de caos e ao, para terminar evidentemente em anarquia e num governo / de forma sovietica, levaram as Forças Armadas a se congregarem, apoiadas em governos estaduais legalmente instituídos, / em um movimento de âmbito nacional para a proteção dos fins visados na Constituição Federal e que representavam o interesse e a vontade da maioria esmagadora do povo brasileiro.

Vencedora a revolução, poderia o Supremo Comando Revolucionário das Forças Armadas, detentora de todo o poder da Nação, estabelecer um Comando Revolucionário ou declarar uma ditadura de qualquer ordem para, após estabelecer a norma jurídica a ser seguida no Brasil, como foi efetuado em / quando todos os movimentos revolucionários na América Latina. No entanto, essas forças, reconhecendo a mentalidade do povo brasileiro e sobretudo o interesse da colocação de Brasil no conceito das Nações, conceitu esse que poderia, na falta de interesse comercial, ser prejudicado por uma falta de garantia constitucional preferiram dar um cunho de absoluta legalidade ao movimento, num equilíbrio perfeito entre o desejo / dos que se revoltaram e a Constituição vigente, isto é, um / acerto perfeito entre a Constituição em vigor e a necessidade nacional, pois que não era possível se sacrificar o verdadeiro sentido da revolução e o verdadeiro espírito da Constituição meras formalidades sem efeitos reais. Seria sacrificar o direito à forma, ou inutilizar a verdade por um aspecto de simples aparência.

CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA

Sede: EDIFÍCIO ROMA
PRACA DA BARRAGEM - TEL. 4.188
CINQUA DE SALVADOR - BAHIA



FUNDADO EM 12 DE JUNHO DE 1937
RECONHECIMENTO DE UTILIDADE PÚBLICA EM 22 DE JUNHO DE 1948

CÍRCULOS:

ROMA
PLATAFORMA
SÃO CARTANO

CURSOS:

PRIMÁRIO
ADM. GERAL
GIMNÁSTICO

CURSOS PROFISSIONAIS

MÚSICA
ARTE CULINÁRIA
CORTES E COSTURA
DACTILOGRAFIA
ESCOLA DOMÉSTICA

CABINETE MÉDICO:

DENTÁRIO
RAIO X

O Ato Institucional, que não é uma novidade nem / mesmo no âmbito nacional, pois que o que interessa não é a / nomenclatura mas sim a finalidade da forma criada, foi uma / maneira de, sem quebra dos verdadeiros princípios Constitu- / cionais, apesar a redemocratização do País, afastadas as ngr / mas pretolatórias, difíceis e sem razão de um processamento / que era indispensável. O que está determinado no Ato Insti- / tucional pedoria, em essência, ser conseguido dentro da forma / contida na Constituição Federal, apenas alterada a maneira / e a rapidez dessa decisão. O ponto básico era a redemocrati- / zação do País e para que, por falsas interpretações, por /// / dilacionismo de uns, por má fé de outros ou mesmo por prosoa / daquelas que preferem a forma ao direito, essa redemocratiza- / ção seria fatalmente quebrada pelo único fator que o Ato Insti- / tucional em evidência criou: a prestoria.

Como novidade, afastando-se em tento da Constitui- / ção, mas sem quebra dos seus princípios e da sua destinação, / procurou o Ato Institucional dar um sentido de mais presta- / ção no andamento dos projetos que interessavam à nacionalida- / de, impedida a pretelação dos processos e a desvirtuação dos / mesmos, com aumentos de verbas que a Nação talvez não pudesse / acobertar.

Assim, o Ato Institucional foi uma fórmula de so / evitar que o País fosse entregue a uma ditadura, quebrada a / continuidade parlamentar e prejudicado o seu bom nome no es- / trangeiro, momentos quando o mesmo atravessa uma difícil fase / financeira. Os dignos signatários do Ato Institucional devem / dar o princípio da Revolução, pela redemocratização rápida / do País, com o afastamento dos elementos que poderiam ser no- / civos a esta situação e, quiçá, levá-lo a uma luta civil, se / quanto que mantinham as instituições, o Congresso e traziam / a si a normalidade e a paz à família brasileira.

ELEITA A NOVA DIRETORIA DA FEDERAÇÃO DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS

Conforme anunciado realizou-se sábado na sala da

MANIFESTO DO I CONGRESSO CIRCULISTA DO NORTE-NORDESTE (A Tarde, 09.10.1963)

A TARDE OPERÁRIA

MANIFESTO DO I CONGRESSO CIRCULISTA DO NORTE-NORDESTE

O I Congresso das Circulas Operárias do Norte-Nordeste e Nordeste do Brasil, reunindo-se em 09 de Outubro de 1963, no Hotel... (text continues with details of the congress location and participants)

MANIFESTO A NAÇÃO

As Circulas Operárias são organizações de que são as estruturas... (text continues with the purpose and goals of the unions)

de de organização... (text continues with organizational details and the list of participating unions from various states)

... (text continues with the manifesto's demands for social and economic reforms, including the fight against unemployment and for workers' rights)

... (text continues with the manifesto's call for national unity and the role of the unions in the development of the country)

FONTES

Arquivos e bibliotecas consultados

Arquivo do Convento de São Francisco (ACSF)

Arquivo do Circulo Operário da Bahia

Biblioteca Central do Estado da Bahia

Instituto Histórico e Geográfico da Bahia

Fontes Manuscritas

Livros de Atas da Reunião Mensal do Núcleo de Itapagipe do COB

Livros de Atas da Reunião Mensal do Núcleo Central do COB

Livros de Atas da Reunião Mensal do Núcleo de São Caetano do COB

Livros de Atas da Reunião da Diretoria do COB

Livros de Atas da Assembléia Geral do COB

Pautas do Programa Radiofônico "Circulismo em Marcha", apresentado na Rádio Excelsior da Bahia, referentes ao período de 1963-1967.

Fontes Impressas

Jornais

A Tarde (1937-1964)

Diário de Notícias (1937-1964)

O Imparcial (1937-1952)

Revistas

Revista Eclesiástica Brasileira - REB (1937-1955)

A Ordem - Revista do Centro Dom Vital (1937-1947)

- CABRAL, J. *A miragem soviética*. Rio de Janeiro: Vozes, 1933.
- CARONE, Edgar. *O Estado Novo*. São Paulo: Difel, 1977.
- *A Terceira República*. São Paulo: Difel, 1976
- CARVALHO, José da Costa. *Os círculos operários, a Ação Católica, a Ação Social*, Rio de Janeiro: CNOC, 1949.
- CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA. Salvador: s/ed., 1945.
- CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA. Salvador: s/ed., 1950.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TRABALHADORES CRISTÃOS. *Identidade circulista: dados históricos*, Brasília, 1993 (mimeo.).
- CONGREGAÇÃO MARIANA DE SÃO LUIZ. *Lembrança da homenagem da Bahia a Frei Hildebrando Kruthaup, OFM, em 4 de maio de 1949*, Salvador: Imprensa Vitória, 1949.
- DALE, Fr. Romeu (ORG.). *A ação católica brasileira*, São Paulo: Loyola, 1985.
- DELLA CAVA, Ralph. *Igreja e Estado no Brasil do século XX*, In Estudos CEBRAP, São Paulo: Ed. Brasileira de Ciências, nº 12, 1975.
- DE SANCTIS, Frei Antonio (org.). *Encíclicas e documentos sociais: da "Rerum Novarum" à "Octogésima Adveniens"*, São Paulo: LTR, 1991.
- DIEHL, Astor A. *Os círculos operários: um projeto sócio-político da Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1932-1964)*, Porto Alegre: EDIPUCRS, 1990.
- DUTRA, Pancrácio. *O segredo do operário*. Rio de Janeiro: CNOC, 1948.
- ERICKSON, Kenneth Paul. *Sindicalismo no processo político no Brasil*, São Paulo: Brasiliense, 1979.
- ESTATUTOS DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA. Salvador, 1937.
- ESTATUTOS DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA. Salvador, 1951.
- ESTATUTOS DO CÍRCULO OPERÁRIO DA BAHIA. Salvador, 1962.
- FALCÃO, João. *O Partido Comunista que eu conheci*, Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1988.

- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Petrópolis: Vozes, 1972.
- . *A ordem do discurso*, São Paulo: Loyola, 1996.
- FRAGOSO, Frei Hugo, OFM. *O Círculo Operário da Bahia. Revista da Província Franciscana de Santo Antônio*. Recife, 1986.
- GARCIA, Nelson J. *Estado Novo: ideologia e propaganda política*, São Paulo: Loyola, 1982.
- GUIA DO SUBDELEGADO. Rio de Janeiro, CNOC, 1946.
- LEME, Sebastião. *Acção Catholica*. Rio de Janeiro: Livraria Catholica, 1933.
- LLANO CIFUENTES, Rafael. *Relações entre a Igreja e o Estado*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1989.
- LUSTOSA, Oscar F. *A Igreja no Brasil República*, São Paulo: Paulinas, 1991.
- MAINWARING, Scott. *Igreja católica e política no Brasil (1916-1985)*, São Paulo: Brasiliense, 1989.
- MANIFESTO DO 5º CONGRESSO NACIONAL DOS CÍRCULOS OPERÁRIOS DO BRASIL. Rio de Janeiro: CNOC, 1946.
- MANUAL DO CÍRCULO OPERÁRIO. Rio de Janeiro: CNCO, 1963.
- MARROU, H.-I. *Do conhecimento histórico*, Lisboa: Martins Fontes, s/d.
- MARTINS, José de Souza. *Os camponeses e a política no Brasil*, Petrópolis: Vozes, 1981.
- MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil: 1930-1941*, Rio de Janeiro, FGV, 1978.
- MENEZES, Carlos A. de. *Ação social católica no Brasil: corporativismo e sindicalismo*, São Paulo: Loyola, 1986.
- MENEZES JUNIOR, Felipe F. de. *Guia dos diretores do movimento circulista*, Rio de Janeiro, CNCO, 1952.
- MURARO, Valmir Francisco. *Juventude Operária Católica*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

- OLIVEIRA, Paulo de. *Teatro e cancionero circulista*. Rio de Janeiro: CNOG, 1943.
- PADRE MORAIS. *Capital e trabalho*, Rio de Janeiro: Vozes, 1938.
- PASSERON, Jean-Claude. *O raciocínio sociológico: o espaço não popperiano do raciocínio natural*, Petrópolis: Vozeas, 1995.
- PASSOS, Mauro. *A classe trabalhadora em Minas Gerais e a Igreja Católica: a ponta de uma memória (1900-1930)*. São Paulo: Loyola, 1991.
- PETERSEN, Silvia R. F. e LUCAS, Maria E. *Antologia do movimento operário gaúcho (1870-1937)*, Porto Alegre: URGs/Tchê!, 1992.
- PIERUCCI, Antônio F. de Oliveira et alli. Igreja Católica: 1945-1970. In. FAUSTO, Boris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira*. São Paulo: Bertrand Brasil, 1986. t.III, v.4.
- REGINA, Ir. Maria. *O cardeal Leme*, Rio de Janeiro: José Olympio, 1962.
- RICOEUR, Paul. *Temps e récit*, Paris: Seuil, 1983, t. I.
- RODRIGUES, José Albertino. *Sindicato e desenvolvimento no Brasil*, São Paulo: Difel, 1968.
- SAMPAIO, Consuelo N. A Bahia na II Guerra Mundial. In: *Revista da Academia de Letras da Bahia*, Salvador, mar. 1996, nº 42.
- SKIDMORE, Thomas. *Brasil: de Getúlio a Castelo*, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- SILVA, Paulo Santos. *A volta do jogo democrático: Bahia - 1945*, Salvador: Assembléia Legislativa, 1992.
- SOUZA, George Evergton S. *O movimento operário católico no Brasil: o caso do Círculo Operário da Bahia (1937-1962)*. In Cadernos do CEAS: Salvador, nº 158, jul/ago 1995.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a história*, Lisboa: Ed. 70, 1987.
- . *Le quotidien et l'intéressant*, Paris: Les Belles Lettres, 1995.
- VIANNA, Luiz Werneck. *Liberalismo e sindicato no Brasil*, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.